



Diógenes da Cunha Lima

O SEMEADOR DE ALEGRIA

- Uma biografia de Dom Nivaldo Monte -

ORELHA

Valério Mesquita

Academia Norte-rio-grandense de Letras

“A vida é breve, a alma é vasta” (Fernando Pessoa). Diógenes da Cunha Lima Filho é um exímio decifrador de caracteres. E mais do que um grande poeta, é um homem inquieto, como todo aquele que busca entender o ser humano e a si mesmo através do outro. Assim procedeu com Câmara Cascudo, Djalma Marinho, Plabo Neruda, Dinarte Mariz e o seu próprio pai Diógenes da Cunha Lima. Homens, cujas ausências nos dói na alma como Itabira continua a doer no poema de Drummond. Agora, neste livro, o sentimento da perda recente é Dom Nivaldo Monte, o santo de Natal, o padre da alma vasta, que Diógenes

ressuscita, tal qual um colecionador de arcanjos, através do seu depoimento e das mais respeitáveis expressões da cultura, do clero e da vida social potiguar.

“O Semeador de Alegria” redescobre a obra e o pensamento vivo de Dom Nivaldo como homem de Deus e filósofo da humanidade, cujos conceitos e ideários reunidos e analisados nos infunde uma metafísica e traduz um dom espiritual que nos remete a epístola do apóstolo Paulo, em Gálatas, capítulo 2, versículo 10: *“Já estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim”*.

As imagens de extraordinária beleza extraída do dicionário do arcebispo emérito capturadas pela argúcia do poeta de Nova Cruz assumem uma atmosférica mágica pela leveza e solidez de suas verdades que nos lembram tanto o Eclesiastes quanto o livro dos Provérbios. Só um escritor consumado do porte do presidente da ANL, providencialmente dotado de todos os requisitos para bem sentir e bem analisar a essência literária do saudoso eclesiástico poderia oferecer essa visão iluminada e interpretativa do seu legado intelectual. Diógenes foi feliz também na seleção de textos de autores diversos, todos reproduzindo impulsos e emoções de tempos vencidos, de experiências de vida sob a mágica e surpreendente sabedoria do padre Nivaldo.

Diógenes é, pois, esse fotógrafo da alma dos grandes estadistas que veio lá do Curimataú para nos contar antigas histórias e criar versos imperdíveis. Pertence à Confraria de São Camilo de Lellis do padre Normando Delgado, lá dos confins do agreste potiguar. Sabe tudo o que diz. A sua contribuição à literatura do Rio Grande do Norte, tanto como presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, quanto como poeta, advogado, escritor, memorialista e estilista é inestimável. Esta antologia organizada pelo autor pelo prazer da leitura das reflexões de Dom Nivaldo Monte, com impressões testemunhais de amigos diversos, o tempo não apaga. Com certeza, abrirá caminho para outros estudos como ocorreu com o padre Monte, seu irmão, sábio e santo também. Parabéns Diógenes!!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

UMA BREVE BIOGRAFIA

DICIONÁRIO DA PALAVRA EM FLOR

TESSITURA DE PALAVRAS

DOM NIVALDO POR ELE MESMO

ENTREVISTA

METÁFORAS E BOAS EXPRESSÕES

BESTIÁRIO

ADVERTÊNCIAS PÚBLICAS

AFIRMAÇÕES EXTREMAS

O PESQUISADOR DE BOTÂNICA

HISTÓRIAS DE UM DOM

ESTÓRIAS DE UM DOM
UM DOM NA VISÃO DOS OUTROS
VISÃO MAIS ANTIGA
CARTA, SONETO ALIMENTADO
O COMPOSITOR DOM NIVALDO
DIÁRIO DE UM PADRE
DOM NIVALDO EM CORDEL
PADRES E BISPOS SAGRADOS NO GOVERNO DE DOM NIVALDO
UM JURAMENTO
HOMENAGENS, COMENDAS, CONDECORAÇÕES
ADENDO I
ADENDO II
ADENDO III
ADENDO IV
LIVROS, TRABALHOS PUBLICADOS E OUTROS
POST SCRIPTUM
BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

“A natureza o fez, depois perdeu o molde.”

Ariosto

“A alegria e o amor são as asas dos grandes feitos.”

Goethe

“O menino é o pai do homem.”

Sigmund Freud

“Eu sou o que sou perante Deus, e nada mais.”

São Francisco de Assis

“A semente é a palavra de Deus.”

Lucas, 8.11

“Também se deve aprender o amor.”

Nietzsche

“O que há de grande no homem é que ele é uma ponte”
Nietzsche

“Longum iter est per praecepta,
breve et efficax per exempla.”
Sabedoria dos romanos

“El saber es algo; el genio es mas;
pero hacer el bien es mas que
ambos, y la única superioridad
que no cria envidiosos.”
Fernán Caballero

“O arauto do Evangelho é, antes de mais,
um peregrino, um sementeiro,
um profeta da esperança.”
José Saraiva Martins

Este livro é dedicado
aos semeadores. Àqueles que
sabem ou pressentem
que a bondade e a alegria
têm virtudes seminais
no coração do homem.

À memória de
Teresinha Vilar
a secretária devota.

A Cristina Monte
a sobrinha plena
de amor filial.

APRESENTAÇÃO

Desde o momento que conheci Dom Nivaldo Monte, percebi que tinha com ele o forte vínculo da afinidade eletiva e espiritual. Ele tem para nós competência teológica aliada àquela sabedoria doce, que não oprime, mas que nivela e depois eleva. Senti a bondade do seu sorriso, a felicidade limpa, a espontaneidade, um ser de simplicidade, sempre pronto a conciliar. Com ternura.

Quem com ele conviveu vai sentindo, aos poucos, que a religião não precisa ser triste, que é também despertar alegrias adormecidas, viver como um verdadeiro cidadão, para servir a Deus.

Planejo, há muito tempo, fazer este livro alinhando alguns elementos biográficos. Procuro dar a mesma forma que emprestei às outras biografias intentadas: Câmara Cascudo um Brasileiro Feliz, O homem que Pintava Cavalos Azuis (Djalma Marinho), Solidão,

Solidões (Dinarte Mariz), Sob um Olhar Azul (de meu pai, Diógenes da Cunha Lima) e Natal (Biografia de uma Cidade). Expondo a visão de muitos, desejo que cada leitor, por si mesmo, conclua quem é o biografado. Afinal, creio que, para cada observador, *existe* um homem diferente.

Apresento as pessoas ao lado das instituições porque acredito, como Pascal, que “um homem sozinho é algo imperfeito”. Tenho necessidade de fazer afago ao seu merecido viver, sua sábia maneira de viver, bom senso e humildade.

Sempre tive a impressão que o poeta Giacomo Leopardi, para quem Deus é “a fonte das demais belezas” e que: “és Tu meu pensamento”, pensava como nosso arcebispo.

Dom Nivaldo sempre agiu pensando a religião como irmanada à filosofia e à bondade. Em verdade, vivemos em um mundo de ideais equivocados, mas há que acreditar porque sem utopia não existe progresso. Com o padre Eugênio Sales, hoje Cardeal Emérito do Rio de Janeiro, criou e promoveu o Movimento de Natal, inclusive com a Campanha da Fraternidade e os Encontros Episcopais. Hoje não se ignora que a Igreja local com o olhar do Movimento de Natal influenciou à Igreja do Brasil e mesmo da América Latina.

Este é um relato de uma vida maravilhosa que trouxe reflexos modificadores em nosso ambiente sócio-cultural. Conto a plenitude do sacerdote, o exercício do ministério sagrado como grande semeador de alegria. Todo ser humano é único e significativo para a vida. Esse homem é mais ainda. Pela significação maior para sua terra e para sua gente.

Dom Nivaldo, ao longo da minha permanência em Natal, conferiu-me a honra da sua amizade. Sempre observei nele o culto de valores nobres, decência, firmeza, caridade e espiritualidade, flores e frutos alimentados por sadias raízes.

Dois dos nossos planos não se realizaram: que este livro fosse por ele lançado e que o centenário sino dos mártires, que vai retornar à sua capela de Cunhaú, tivesse o toque festivo de suas mãos. Deus permitirá que ele assista feliz na eternidade.

O autor

PREFÁCIO

UM FACHO DE LUZ

Murilo Melo Filho

(Membro das Academias Norte-rio-grandense e Brasileira de Letras).

Depois de escrever as biografias de Cascudo, Dinarte, Djalma Marinho e de seu próprio pai, Diógenes da Cunha Lima apresenta-nos agora mais um ensaio biográfico, desta vez sobre uma das maiores figuras do Rio Grande do Norte: Dom Nivaldo Monte, um santo e um gênio, sagrados.

À semelhança do Cônego Luiz, irmão, ícone e exemplo, Dom Nivaldo, agora morto, lega à sua geração um testamento de santidade, genialidade e sabedoria.

O biografado de Diógenes é um ser poliédrico e multifacetado, que começa como botânico, pelo seu amor às plantas e aos enxertos genéticos, com experiências valiosíssimas no cultivo das sementes e dos adubos; continua como arqueologista em suas pesquisas numa gruta de São Tomé, onde descobriu um cemitério de índios; prossegue como psicólogo e grande mestre no estudo das almas, escrevendo “Se todos os homens ... conhecessem os dons de Deus”; prolonga-se como jornalista, cronista e conferencista; dá seqüência aos poemas e composições musicais e chega, finalmente, à sua obra de excelente escritor e autor dos livros “Formação do caráter”, “Formando para a vida”, “A Dor”, “Pensamentos”, “Clima”, “Os temperamentos”, “O coração é para amar”, “Toda palavra é uma semente”, “Reflexão sobre a oração”, “Amanhã será um novo dia”, “Estudos sobre o Nordeste”, “Vida em plenitude”, “A granja e eu”, “A esperança não morre”, “Os mártires norte-riograndenses”, “Minha cidade, Natal, e eu”, “Gestos do Fadário”, “Fome! Por quê?”, “Eu Conto Contos”, “Pastoral da vocação no Brasil”, e “Em busca da luz” (Ad lucem versus), lema da nossa comum e querida Academia Norte-riograndense de Letras, presidida pelo seu biógrafo.

Nessa Academia, ele foi nosso Confrade, titular da Cadeira nº. 18, da qual Augusto Severo é o Patrono e onde sucedeu a Waldemar de Almeida, sendo saudado, na posse, pelo Acadêmico Hélio Galvão, que, entre outras coisas, disse o seguinte:

“Exercendo a difícil arte de ser bispo, nestes tempos de efervescência e adaptação, tendes demonstrado, na cativante simplicidade do homem, vossas exaltantes figuras de pastor. Nestes anos encrespados da renovação pós-conciliar, em que se chocam moderados conservadores com exaltados mudancistas, a melhor política é esta mesma que vossa prudência de bispo põe em prática; não dizer que o bem é mau, nem que o mal é bom. A vossa Igreja de Natal é um exemplo de tranqüilidade. Sob vosso báculo, ela, aceitando o sinal dos tempos, se confessa e se reforma”.

Minhas recordações do saudoso D. Nivaldo levam-me de volta aos tempos da infância no bairro do Tirol, em Natal.

Morávamos na Rua Apodi, 558. Ali bem perto, ajudando-nos a desbravar aquela inóspita região do Tirol, estavam a Igreja de Santa Teresinha à direita e o Seminário de São Pedro à esquerda, atrás, como nosso grande e único vizinho na época.

Cresci ouvindo-lhe o palpitar da vida diária. Escutava os salmos cantados ao amanhecer e as ave-marias entoadas no crepúsculo. Entre os seminaristas, estava um menino, franzino e baixinho, chamado Nivaldo.

Passei a assisti-los e a preparar-me para fazer a primeira comunhão. O reitor do Seminário era o Cônego José Adelino Dantas, depois bispo e também um dos meus antecessores na Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Em certo dia do aprendizado, pedi-lhe uma audiência na Reitoria e, para surpresa sua, confessei-lhe:

- Cônego, quero ser padre.

Sabem os leitores quem estava presente e assistiu a essa confissão? Aquele mesmo seminarista, magro e mirrado, de nome Nivaldo.

O inopinado da comunicação apanhou desprevenido o Cônego-Reitor:

- Tem certeza do que está comunicando?

Certeza propriamente eu não tinha – nem podia realmente ter – naquela fase infantil. O que possuía era uma atração, algo pueril, pelos encantos daquela vida de monastério. Frequentava-o por momentos e deslumbrava-me. Não lhe conhecia ainda as provações e os sacrifícios.

O sábio cônego e o esguio diácono entenderam muito bem o problema, aconselhando-me prudência e cautela na decisão e advertindo-me sobre a minha pouca idade para tomar um rumo tão importante.

Chegando em casa, naquele dia, repeti:

- Mãe, eu quero ser padre.

D. Hermínia ficou atônita e feliz. Ter um filho sacerdote talvez fosse para ela a suprema recompensa de uma vida de tantas lutas.

- Por que você quer ser padre?

- Porque, a senhora sabe, os seminaristas, todas as tardes, jogam bastante futebol.

A minha vocação sacerdotal ficou ali totalmente desmascarada: na impetuosa inocência dos meus nove anos, eu não sabia distinguir até onde ia o ethos do chamamento religioso e onde começava a paixão do apelo desportivo.

Souberam-no, porém, o cônego prudente, o seminarista magrinho e a mãe cautelosa.

Afinal, eu não cheguei, como o pequeno Nivaldo, a ser padre. Mas, em compensação, tenho-me esforçado muito, pelo resto da vida, para ser um razoável católico. Caminhei, resoluto e confiante, para a primeira comunhão. Recebi-a sozinho, numa missa muito bonita, com a Igreja de Santa Teresinha toda enfeitada de lírios e de cravos brancos.

Sabem os leitores quem estava sentado lá atrás nos bancos dessa Igreja, assistindo a essa missa? justamente aquele miúdo seminarista de nome Nivaldo, que, anos depois, já como Arcebispo de Natal, celebrava o meu casamento com Norma, a filha do seu irmão Orígenes.

No dia 13 de janeiro de 1941, há 65 anos, portanto, Dom Marcolino Dantas, numa bonita cerimônia na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, ordenava o sacerdote Nivaldo Monte, logo em seguida pároco de São Gonçalo do Amarante, vigário de Goianinha, capelão do Abrigo Juvino Barreto, do Colégio Nossa Senhora das Neves e, durante a Segunda Grande Guerra, da Guarnição Militar de Natal, servindo como ligação entre as tropas brasileiras e as americanas.

Separado por poucos anos de idade do padre Eugênio, outro admirável sacerdote – que cuidava da J.O.C. – o Padre Nivaldo dedicava-se à Ação Católica e à direção espiritual do Seminário de São Pedro.

Juntos, fundaram o Movimento de Natal, o Instituto de Teologia Pastoral, a Escola de Serviço Social e os Centros Sociais, um dos quais com o nome de “Cônego Monte”, em homenagem a um irmão muito querido, que falecera prematuramente e que seria o grande farol pelo resto de sua vida.

Ambos, Dom Eugênio e Dom Nivaldo, deixam atrás de si pegadas dos seus chinelos de abnegados sacerdotes até os solenes solidéus de inesquecíveis arcebispos.

Numa época em que ainda não se falava tanto em questões sociais e muito menos se cuidava da reforma agrária, os dois jovens sacerdotes, Eugênio e Nivaldo, já fundavam sindicatos de camponeses e de trabalhadores rurais, a Campanha da Fraternidade, Educação Rural, as cooperativas, a Educação Básica, uma rede de rádio, escolas radiofônicas, Centros de Treinamentos, Comunidades Eclesiais, Serviço de Assistência Rural, Casa de Oração, cursos para formação de padres líderes, as Pastorais da Terra, dos Operários, dos Cárceiros, dos Conjuntos Residenciais, da Mulher Marginalizada e da Alfabetização Popular, como

autênticos pioneiros e precursores de Djalma Maranhão, Paulo Freire e Dom Helder Câmara.

Depois, em 1954, o padre Eugênio foi, pelo Papa Pio XII, nomeado Bispo Auxiliar de Natal; em 1962, viu-se designado Administrador Apostólico da Arquidiocese natalense e, dois anos depois – aí sucedido por Dom Nivaldo – foi escolhido Administrador Apostólico da cidade de Salvador. E nela se encontrava quando, com a morte de Dom Augusto, vagou o Arcebispado Primaz. O Papa Paulo VI, em 1968, nomeou Dom Eugênio Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, colocando-lhe na cabeça o chapéu cardinalício. A seguir, em 1971, designou-o, como sucessor de Dom Jaime Câmara, para Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, onde permaneceu durante 30 anos, até 2001, quando sua renúncia foi aceita pelo Papa João Paulo II.

Enquanto isso, o padre Nivaldo, em 1963, era convocado pela Santa Sé para Bispo Auxiliar de Aracaju, na diocese do Bispo Dom José Távora e, dois anos depois, em 1965, voltava a Natal, como Administrador Apostólico. Mais dois anos, em 1967, o Papa Paulo VI elevava-o a Arcebispo Metropolitano de sua diocese. Já tinha então um brasão episcopal, cuja inspiração heráldica baseou-se no seu próprio nome e tinha como lema “Mihi Vivere Christus” ou “Para mim, viver é Cristo”.

Ambos têm sido, ao longo desses últimos anos, preladados com enormes afinidades, que os unem e os irmanam, na comum execução do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Um, Dom Eugênio Salles, também magro e um pouco mais alto. Outro, Dom Nivaldo Monte, apesar do seu sobrenome, com apenas 45 quilos de peso e 1,65 de altura.

Para Dom Nivaldo, a palavra, como diz no título de um dos seus livros, é a semente de tudo, que se imprime no papel, no tecido, no couro e na própria areia da praia de Iperoig, onde José de Anchieta, o santo missionário jesuíta, escreveu, em latim, o seu belíssimo poema à Virgem Maria. E é a mesma palavra que foi utilizada por Deus, quando, no início do mundo, retirou dela e do verbo divino todas as suas criações.

Com essa palavra, Dom Nivaldo, no Seminário de São Pedro, lecionou latim e grego; na Escola Normal, na Escola Doméstica e no Instituto de Ciências Humanas, ensinou História, Filosofia da Educação e Psicologia,

Com a fama dessa palavra, já espalhada pelo Nordeste e pelo exterior, deu palestras em São Luís e Belo Horizonte, além de aulas nas Universidades de Viena, na Áustria e de

Louvain, na Bélgica, onde falou sobre a “Situação da Igreja no Nordeste”, “O conceito das relações humanas”, “Psicologia da Espiritualidade” e “As diretrizes do Episcopado brasileiro”.

Nas páginas que se seguem e em lições inesquecíveis, está descrita a história de Dom Nivaldo Monte, um sacerdote simples e humilde; um pastor nobre e puro; culto e erudito; magnânimo e querido, afetuoso e bom; feliz e fraternal, que chegou perto dos seus 90 anos de idade, deixando atrás de si, com a sua morte, a herança de um generoso exemplo de vida.

E um facho de luz.

UMA BREVE BIOGRAFIA

“Meu irmão, eis que descobri a minha vocação: semear alegria”. (Dom Nivaldo Monte em seu livro *Clima*)

Esta é a história de um homem senhor da arte de fazer feliz. Para ser feliz.

O arcebispo Dom Nivaldo Monte foi sempre um vigilante, *episkopos*, um legítimo sucessor dos apóstolos. A sua missão é a de estudar, compreender, ensinar, gerir, santificar.

Tem a excelência da vida porque recebe a ajuda da graça divina. Nasceu em uma família vocacionada para curar. Três irmãos dedicados à ciência da saúde, um médico (Sebastião, Ditinho), um dentista (Oswaldo, Vaval), um farmacêutico e enfermeiro (Severino, Sivu). Três sacerdotes: Luís Gonzaga, sábio e santo, e Orígenes, padre que decidiu ser padre depois da viuvez, seguindo a vocação dos irmãos. Luiz Gonzaga, o padre Monte, na palavra de Luís da Câmara Cascudo, “a cultura mais ampla do estado do Rio

Grande do Norte”, está em processo de beatificação aberto pelo arcebispo metropolitano de Natal. O caçula é Dom Nivaldo Monte, carinhosamente chamado em família por Niniu. A irmã Judith deixou a Dom Nivaldo mais que uma sobrinha, mais que filha, Cristina, Cris. Estes são os filhos dos agricultores, gente religiosa e trabalhadora vinda do sertão pernambucano, Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Sobral do Monte. Conhecida pelos amigos como Dona Bela, Belarmina era muito generosa, inteligente e intuitiva. Pedro, forte e decidido. Nivaldo veio ao mundo a 15 de março (dia de São Clemente, o Sacerdote) no ano de 1918, na cidade do Natal. Família grande e pobre carecia de boa administração da moradia, para alimentos, roupas, livros reutilizados.

A família Monte participa de nobreza moral e intelectual da nossa terra. Tem a virtude de pertencer a passado ilustre. Teria origem dos Montéquios, sobrenome eternizado por Shakespeare, junto aos Capuletos. Foram vencidos na Espanha por Portugal, daí para a Holanda, onde simplificaram o nome. O Papa Adriano IV pertenceria à família. No Brasil, os Monte começaram por Natal, daqui para a Bahia, desceram por São Francisco para Pernambuco e Ceará, Sobral, de Sobral para Mossoró. Em Aracati, houve um padre famoso, com nome de santo, chamado Ambrósio e que deixou larga descendência.

Sobre o brasão de armas de Dom Nivaldo, então bispo titular de Elusa, o irmão Paulo O.S.B. fez, em 1963, o seguinte comentário: “O Monte é figura falante com o nome familiar e os dois vales estão relacionados com o padroeiro do armígero, o beato Nivaldo (vale de neve), cisterciense de Claraal (vale claro, idêntico à neve). O Monte possui também a sua importância no Antigo como no Novo Testamento. É um “axis mundi”, onde o visível se encontra com o invisível. É o que primeiro recebe os raios do Sol Vivificador – o Cristo. E é finalmente, em um monte, que os Apóstolos (os bispos) recebem a Luz e, descendo aos vales, a transmitem ao povo que anda nas trevas.”

Dom Nivaldo considera que cidade não foi o lugar certo de ele nascer. Acredita que teria sido melhor ter nascido em uma fazenda, melhor ainda em uma granja.

Ouviu todas as canções de berço que conformam a alma nordestina. Até hoje, carrega um menino dentro da sua alma. Um dos acalantos continua, os versos de Auta de Souza:

“Astros celestes docemente louros
Giram no espaço, em luminoso bando.

Ouve-se ao longe um violão plangente
E, mais além, em soluçar dolentes
Canções serenas, ao luar voando.”

A casa em que morava na rua Camboim (hoje Fontes Galvão) tinha um quintal comprido. Nesse quintal, plantou parreiras e pés-de-pau, como mangueiras e coqueiros. Lá já existiam os seus tesouros: três pitombeiras, um cajueiro e um pé de trapiá. Brincava sob as sombras das mungubeiras da rua Jundiáí. Gosta de dizer que se não era um menino de rua, certamente era um menino na rua. Como outros, fabricava os seus brinquedos e inventava alegrias. Organizava *o seu* desfile militar: cabos de vassoura tornavam-se fuzis, latas eram tambores, tampas de caçarolas transformavam-se em pratos, e canudos de mamão viravam gaitas. Colecionador de carteiras de cigarro que valiam dinheiro. As marcas: Norma, Vigilante, Trocadeiro e Líder. O menino Nivaldo brincava de castanha de caju em castelos e tila. As suas castanhas ele identificava. Castanha eram generais do seu exército, com nome de personalidades históricas.

Em criança, no solar dos Rosellis, ia ouvir o maestro Valdemar de Almeida tocando Chopin para os alunos, entre os quais se ressaltava o mais querido, Oriano de Almeida. Recorda os acordes nostálgicos de “Tristesse”. A partir desse período, nunca mais a música deixou de ser constante em sua vida.

O seu grande mestre, guru mesmo, padrão de vida, foi o irmão, padre Monte, que nada dizia que não fosse para ensinar. E para fazer ver as coisas pelo lado poético. Ensinou a criança de oito, nove anos, sobre pesquisas botânicas que poderia fazer no quintal e transmitiu inquietação pelo saber e pelo fazer. Incultiu-lhe o amar a Deus sobre todas as coisas e ao homem feito à Sua semelhança.

Cada homem recebe de Deus atenção especial. Dom Nivaldo recebeu a graça de manter sempre o bom humor na fé.

Aprendeu com a mãe as primeiras letras. Foi para o Colégio Santo Antônio, o Marista, onde por muito estudar, “pulou” de ano. Aos doze anos, terminou o ginásio.

Adolescente, participou dos saraus de arte e poesia, ouviu as retretas pela madrugada, nas ruas de Natal, encantando-se nas serenatas que cantavam as canções de Othoniel Menezes e Antônio Soares. Sabe decorados a Serenata do Pescador (Praieira) e o poema que começa com “*abre a janela, meu formoso lírio*”...

Aos 13 anos, ingressou no Seminário Menor de Natal. A aprendizagem no Seminário tinha método especial. O seminarista ia para a banca e ficava estudando o assunto que seria objeto da próxima aula. A função do professor era complementar conhecimentos, estimular estudos clássicos que eram lidos até durante as silenciosas refeições. A conversa era permitida apenas um dia por semana, a quinta-feira. A diversão era fazer jornal mural, disputando o verso mais bonito. Um jornal teve vida breve, “Ortiga”, para lembrar a planta que todos temem, chamada urtiga. Foi nesse período que, escrevendo os pequenos acontecimentos de seminarista, fazia o seu diário, início da sua vocação de escritor. O primeiro livro, *Formação do Caráter*, foi escrito aos dezoito anos.

Entre 1934 e 1938, Dom Nivaldo complementou os estudos, filosofia e teologia, no Seminário Maior de Fortaleza. Desde então, convivem harmoniosamente o filósofo e o teólogo dentro da sua alma de menino.

Aos 22 anos foi diácono, com as permanentes atividades religiosas, menos celebrar a missa e confessar. Seguiu o padre Monte às reuniões da Ação Católica, cuja direção assumiu depois da morte do irmão. Lá ensina, porque pratica as virtudes cristãs. Não apenas as teológicas, mas a prudência, justiça, fortaleza e a esperança.

Recebeu a ordenação sacerdotal aos 23 anos. A sua ordenação, com pompa e circunstância, foi ministrada por Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação (hoje Igreja Matriz). Exerceu o ministério nas paróquias de São Gonçalo, Goianinha e Arês. Durante muito tempo, pensou integrar-se à vida de monge, realizando o seu ideal de contemplação. Revelou a Sanderson Negreiros que, antes de celebrar sua missa diária, sai em seu carro passeando para contemplar a cidade e, principalmente, ver o mar.

Posteriormente, em Natal, foi designado, com a patente de capitão, capelão militar, o primeiro no Continente sul-americano. Serviu como oficial de ligação entre as guarnições do Brasil e as dos Estados Unidos, sediadas em Parnamirim, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo reconhecido pela compenetração disciplinada junto à cordialidade prestante. Confessou, depois, que a sua presença como capelão militar foi tão forte que, nas músicas por ele compostas, subsiste o tom marcial.

Juntamente com padre Eugênio de Araújo Sales, depois cardeal, fundou o Movimento de Natal, iniciativa pioneira, de importância planetária. O admirável e

admirado Dom Eugênio é fortaleza e vontade. Os dois padres amigos tornaram Natal centro de atenção de toda a Igreja católica. Segundo o escritor Normando Delgado, também padre, Dom Eugênio Sales, pelo pioneirismo do chamado Movimento de Natal, tornou-se presença prestigiosa e obrigatória em muitos congressos internacionais, inclusive com participação inexcelsável no Concílio Ecumênico Vaticano II. Os dois sacerdotes tomam a iniciativa por constatarem o desequilíbrio social causado pela presença e retirada dos norte-americanos depois da II grande guerra. Houve mudança de comportamento, novos costumes, elevação do custo de vida, multiplicação das casas de prostituição. Desejavam e conseguiram reequilibrar a comunidade natalense. Imaginaram e praticaram um conjunto de ações sociais. O Movimento de Natal deu nascimento ao patronato de Ponta Negra, aos sindicatos de trabalhadores rurais, à Campanha da Fraternidade, ao cooperativismo, à Educação de Base, a escolas radiofônicas, reuniões e cursos de formação permanente do Clero, formação de liderança. A promoção do homem e da coletividade natalense foi atingida e reconhecida no país e no exterior.

Alceu Ferrari, historiador, pouco exagera na caracterização dos padres líderes do Movimento: “Duas personalidades bem diferentes: ... Um, Pe. Nivaldo, medindo 7 palmos de altura e pesando cerca de 45 kg, reduzido à última expressão da matéria. O outro, Pe. Eugênio, magro também, mas medindo 1,80 de altura.

O primeiro, dado à reflexão. Demorado. Poeta e escritor. Homem de contatos individuais. Formador e educador, antes de tudo. Psicólogo amador. Por suas mãos – na J.F.C., na Escola de Serviço Social, no confessionário, na orientação espiritual – passariam quase todas as assistentes sociais que iriam formar o “staff” de Dom Eugênio.

O segundo, irrequieto. Incapaz de parar. Intuitivo. Extremamente prático. “Dinâmico”, como o define o próprio Dom Nivaldo. O “dínamo”, no dizer de outros. “O homem que toca sete instrumentos”, segundo Dom Marcolino aquele que realiza já a idéia que lhe veio ou que a apanhou no vôo, ousado sempre. Aprende nas múltiplas viagens. É extremamente metódico: almoça exatamente às 12 horas, faz a sesta em sua rede até as 12,30 e parte para o trabalho impreterivelmente às 12,40. Exerce a sua capacidade de liderança e tem boa prosa numa roda amiga, mas poucas palavras no trabalho.

O segundo precederia o outro no Episcopado. De fato, em 1954, Pe. Eugênio foi nomeado bispo auxiliar e em 1962 Administrador Apostólico “sede plena” de Natal. Com a

renúncia do cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva em 1964, Dom Eugênio foi nomeado Administrador Apostólico de Salvador, acumulando também, até maio de 1965, a administração da Arquidiocese de Natal.

Depois do vitorioso Movimento de Natal, Dom Nivaldo considerou que a hora havia sido chegada, porque advertira: “Todavia não seria justo que procurássemos construir um templo do espírito. Somente, pois, depois de realmente consolidar a Igreja viva de Natal, na sua arrancada vitoriosa no âmbito social e religioso, que o bom senso e o discernimento nos deram o direito e nos formularam o dever de construir na pedra, a expressão já viva e palpitante do coração do Povo de Deus.”

Dom Nivaldo foi Assistente Eclesiástico da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal e também diretor espiritual do Seminário de São Pedro. Nas duas funções, usou de sua verdade moral como testemunha de Deus.

Recebendo as honras de monsenhor, o padre Nivaldo continuou a sua luta em favor da elevação coletiva através de organizações eficientes. Assim, juntamente com professores José Nunes Cabral, Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo, deram vida ao Instituto de Antropologia da UFRN, criado em 23 de novembro de 1960, hoje, Museu Câmara Cascudo.

Vinte anos depois de ordenado, Dom Nivaldo foi designado, pelo Papa, para o grau mais elevado do sacerdócio cristão. Como bispo de Aracaju, escolheu como seu lema a insígnia “Mihi Vivere is Christus”, ou seja, para mim viver é Cristo. E não faz outra coisa ao longo de toda a sua extraordinária e bela vida. É um chefe espiritual da Igreja no Rio Grande do Norte e não somente chefe, mas líder.

Em 1965, foi nomeado Administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal (criada pela bula “Arduum Ônus” do Papa Pio XII, em 1952). Dois anos depois, o Papa Paulo VI designou-o Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese, de cujo corpo tomou posse em 17 de setembro de 1967. Exerceu o arcebispado até 1988.

Sempre rigoroso em defesa dos postulados da Igreja, nunca deixou de pensar livremente e de manifestar o seu pensamento na defesa da harmonia social ou da felicidade de uma pessoa. Por pensar assim, considera que a pílula anticoncepcional é mais um problema de ordem médica, endocrinológico, do que mesmo religioso. Tem a particular

virtude da condescendência cristã para os pecadores. Já salvou vidas, indicou remédios para chagas de angústia moral, aliviou tensões compreendendo e perdoando os pecados do sexo.

A grande preocupação de Dom Nivaldo é com os desfavorecidos. Promove, notadamente no período de 1946 a 1955, a criação de centros sociais com função educativa. Foram criados: Centro Social Cônego Monte, em Natal; Centro Social Leão XIII, Rocas; Centro Social Divina Providencia, Natal; Centro Social Pio XI em Macau; Centro Social Leci Câmara, Ceará Mirim; Centro Social Constância Freire, Macaíba; Centro Social Dom Marcolino Dantas, Nova Descoberta; Centro Social Nossa Senhora de Fátima, Rocas.

Na mesma linha, fundou a Casa da Empregada Santa Zita para valorização e qualificação da empregada doméstica. Também, ampliou as áreas das pastorais: da Terra, do Trabalho, Operária, Carcerária, da Mulher Marginalizada e a Frente de Alfabetização Popular – FAP.

Um dos seus projetos importantes foi levado a efeito no Passo da Pátria em Natal, visando à sua urbanização, construção de casas, escolas, centro social, capela, tudo seguido por trabalho sócio-pastoral. Que motivou a intervenção de Dom Nivaldo? Na sua juventude, o lugar era cenário de alegrias. Entretanto, ele viu na maturidade: “Uma sórdida favela emergindo de um fétido lamaçal, onde crianças nuas, numa revoltante promiscuidade, com enlameados animais, chapinhavam nas águas sujas dos esgotos da Cidade”. Como o apoio local era insuficiente, foi a Bruxelas e conseguiu os recursos. A vida do bairro foi mudada, o bairro alegre, humanizado. Por todas essas ações, Dom Nivaldo é justamente considerado patrimônio vivo do Rio Grande do Norte.

Reforma urbana ele fez em Emaús, estrada de Parnamirim, em benefício de cento e quarenta famílias que tiveram ascensão cultural e formaram a comunidade chamada de Distrito de Emaús.

Com professores do Museu Câmara Cascudo, fez pesquisas arqueológicas, identificando imagens rupestres, sambaquis. A mais importante das descobertas foi feita na Gruta do Ronca, em São Tomé: um cemitério de índios exterminados na chamada Confederação dos Cariris, no Século XVII, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho.

Uma lenda persistente no plano oral é a do Carro Caído na Lagoa de Extremoz. Dom Nivaldo ouviu e registrou. Câmara Cascudo a incluiu em Lendas Brasileiras, (21 histórias criadas pela imaginação do nosso povo). Procurei contá-la em um poema:

Lenda do carreiro

O carreiro leva o sino
Pra capela de Extremoz
Canta toadas tão tristes
Que dormem carreiro e boi.
O carro, o boi, homem, sino
Mergulham, fim, na lagoa.
Pra quem tem ouvido fino
Noites azuis quaresmais
Soam do fundo das águas
Cantigas, toques de sino

Anos depois, Dom Nivaldo teve notícia de que um pescador da Redinha havia resgatado do mar um enorme sino. Queria vender o bronze. Adquiriu-o para a Arquidiocese de Natal e a relíquia preciosa, pesando 600 quilos, está em frente à nova Catedral. Dom Nivaldo provou que a lenda, no mais íntimo, era história.

Com a Fundação Pio XII, participou da reforma agrária na colônia de Punaú, pioneira no gênero no país. Da mesma maneira, deu indicações precisas para uma reforma agrária no município de Nísia Floresta. Participou do Movimento de Educação de Base – MEB, no qual foi responsável pelo ensino radiofônico.

A nova Catedral mereceu o seu mais decisivo apoio. Afinal de contas, o conceito de cátedra, *assento* que quer dizer na origem assento, cadeira, é o lugar onde está o trono do bispo, centro de oração.

É um intelectual pleno. Leitor diário da Bíblia e da vida dos santos. Encanta-se com leituras de autores como Machado de Assis, Tristão de Ataíde, Hemingway, Morris West.

As matrizes do seu pensamento e da sua ação foram sintetizadas em carta ao cônego Jorge O’Grady de Paiva: “Estou como Fernando Capelo Gaivota, procurando espaços mais amplos e fascinantes. Tudo me convida a um Amor Maior, o que me leva a querer contemplar com mais intensidade os mistérios dos seres. O terreno da psicologia, da

genética, da história. Tudo me fascina, quando tudo me leva cada dia mais à contemplação de Deus”.

“Na genética, espero continuar as minhas pesquisas sobre a fecundidade e desenvolvimento (será este o título de estudo já quase concluído). Desta vez quero fazer algumas experiências com “porquinhos-da-Índia”, para procurar saber o que a proteína pode influenciar no problema da fecundidade. Quanto menos proteína, mais fecundidade?! É uma interrogação que me inquieta. Ou será a ausência outro fator que desencadeia a fecundidade dos animais mal alimentados. Fica a pergunta.”

“Na antropologia eu me interrogo sobre a formação do homem do Seridó, tão diferente dos de outras regiões do Estado.”

“Na botânica (genética) o interesse por estudos um pouco mais na formação do “hormônio” do Cavaleiro no “Cavalo” quando se trata de enxerto. Fato comprovado em pesquisas anteriores, cujas fotos eu as tenho com muito carinho guardadas.”

“Na psicologia, procuro fixar as diferenças fisiológicas entre as paixões e as emoções (cujos primeiros estudos estão descritos no livro Os Temperamentos).”

“Na mística procuro encontrar a raiz da visão beatífica, da felicidade dos justos, não na posse de Deus, mas, na contemplação de Deus. Para mim, Jorge, a felicidade não pode estar na posse que sempre escraviza, mas, na contemplação que liberta e deixa os outros livres.”

Não foi sem grande inspiração mística que Dom Nivaldo, ao deixar o governo na Arquidiocese, em 1988, disse: “hoje, no coração da Igreja de Natal, eu quero ser, antes de tudo, uma alma contemplativa.”

Em sua vida e formação de novos religiosos, nunca admitiu discriminação ideológica. Tomou corajosamente a defesa de Dom Hélder Câmara, afirmando que ele nunca fora um líder comunista, mas apenas líder carismático. O poema inacabado de Djalma Maranhão, ex-prefeito de Natal no exílio, registra: “Anoto para o futuro as lutas de hoje / dos jovens sacerdotes / plasmados por Dom Eugênio e Dom Nivaldo / para os dois embates sociais.”

Em 1972, pediu e obteve da Santa Sé a designação de um bispo auxiliar. O escolhido foi Dom Antonio Soares Costa, seu dedicado parceiro.

Estudou a ciência de Deus e a ciência dos homens. Vive a ensinar, quer como professor de grego e latim, prelecionando história natural, psicologia, história e filosofia da educação. Na prática, ensina que a igreja é lugar de gente feliz.

Foi eleito para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, tomando posse na cadeira nº 18 de que é patrono Augusto Severo, sucedendo a Waldemar de Almeida. No seu discurso de posse, em 1977, reivindicou o acolhimento de pesquisadores e cientistas, fosse também uma Academia de Ciência e que se voltasse à valorização da cidade do Natal. Assim ensinou: “A função da Academia, cônica de sua responsabilidade é, sem dúvida, despertar um permanente interesse pelo pensamento filosófico e prático, como motivações essenciais para o desenvolvimento e bem-estar de todos.”

Soube de um mistério de luz.

O Mosteiro das Filhas de Santana Contemplativas - Adoradoras Perpétuas - está localizado em Emaús. É sítio paradisíaco. A construção, ladeada por árvores imensas, bela mostra da Mata Atlântica, possui também fruteiras e palmeiras plantadas por Dom Nivaldo. A superiora do Mosteiro, Madre Graça, psicóloga, amazonense, atuava como professora no Colégio Maristela, em Natal.

Um dia, a irmã Graça conversou com Dom Nivaldo sobre o seu desejo de participar da vida religiosa contemplativa. O Arcebispo afirmou que há quarenta anos rezava para que Natal tivesse a instituição contemplativa. E logo ofereceu a doação do terreno e da casa, ajudou na reforma e adaptação. Depois, passou a celebrar atos religiosos e dar orientação espiritual. Uma vez, brincando, disse à Madre que não desejava ser enterrado na Catedral porque “não quero que ninguém fique pisando em cima de mim”, queria ser enterrado em Emaús.

Foi respeitado o seu querer. As irmãs fizeram um pequeno cemitério com uma capela e seis túmulos cobertos de flores e verde grama.

Na véspera do natal de 2006, contou-me a Madre Graça, ela e mais cinco irmãs foram à noite orar próximo ao túmulo de Dom Nivaldo. Enquanto rezavam o rosário, criou-se um clima de comunhão alegre, de paz, feliz mesmo. Havia o sentido, o sentimento geral da presença de Dom Nivaldo. Ninguém queria sair de lá. De repente, eram dez e meia da

noite, surgiu no céu uma bola de luz deste tamanho - azul, amarela e verde - que iluminou intensamente o cemitério. A bola rasgou o céu, deixando um rastro de luz.

As irmãs estão convencidas do mistério. De que a luz era o agradecimento de Dom Nivaldo pelas orações.

É este o Dom Nivaldo de ontem e de hoje: um homem profundamente realizado e feliz, um artista da palavra e mestre do desenho, uma alma cheia de encantamentos, um apaixonado amante da natureza, de sua terra e de sua gente, um servidor dos homens, o que escuta a palavra de Deus.

DICIONÁRIO DA PALAVRA EM FLOR

Dom Nivaldo, da forma como faz com as plantas, cultiva a palavra. Gostava de ouvir e de dizer a palavra em flor. É o pensamento buscando a sua dimensão exata. Sanderson Negreiros lembra que ele poderia passar uma tarde inteira à procura de completar uma frase para conseguir uma objetividade exemplar.

Aqui estão as suas palavras polidas, a frase curta, incisiva, decisiva, dirigida sobretudo à emoção, mas que faz pensar. A maioria desses aforismos nivaldianos foram por mim colhidas em suas Meditações Matinais, palestras que costumava fazer na Rádio Rural. Outras foram recolhidas nas conversas na Academia Norte-riograndense de Letras, no Conselho de Cultura, nas homilias, em conversas desavisadas.

Convencido de que toda palavra é uma semente, o nosso biografado pretendia apenas disseminar, propagar os ensinamentos de Cristo, interpretá-los na busca de fazer feliz, de melhorar o homem. Estimulou também vocações

sacerdotais, convencido de que, na origem, todo seminarista é uma semente.

A

Ab ovo

Antes de tudo, é preciso acreditar no amor.

A fonte

O homem é a fonte da história.

A paz precária

Como acreditar numa Paz, fruto do medo e da insegurança!

Afirmação

Amor. A mais poderosa afirmação que o homem pode fazer de si mesmo

Ambivalência

Sem sofrimento não pode existir o amor, mas somente sofre aquele que não ama.

Aperfeiçoar o potencial

Aperfeiçoam, orientando com sua consciência, sua vontade e sua capacidade de ação, as potencialidades.

Auscultar o mistério

O amor é mistério e nos faz pensar.

Ausência

O problema não é estar só, mas estar vazio.

B

Beleza

Bela é a destinação de servir.

C

Canto

Há tantas maneiras de ensinar cantando

Causa

Não foi a escalada alpina que fez de Aníbal um herói, mas o heroísmo de Aníbal que o fez capaz de escalar os Alpes.

Chamados para anjos

Não somos chamados para sermos juízes de paz, mas anjos de paz.

Ciência e filosofia

A ciência escraviza, a filosofia liberta.

Clima cordial

A fidelidade é o clima do coração.

Como vencer

Há tantas maneiras de vencer, amando.

Conselho

Sempre pensei que o medo é um péssimo conselheiro.

Covardia

Covarde é todo aquele que sente dentro do peito o fogo abrasador de um ideal e o aniquila, porque acha penoso e duro conquistá-lo.

D

De dentro

Quando a gente acha tudo bonito é porque há beleza dentro do coração da gente.

Defesa natural

Criou-se na mente do homem um verdadeiro mito: o de que a natureza é sábia e que por si mesma pode se defender.

Destinação

O coração foi feito para amar.

Defesa maior

Não conheço maior defesa para o homem que o amor.

Desintoxicação

Sonhar é desintoxicar o espírito.

Dever e direito

Todos se julgam com o direito de ser justos, entretanto, poucos se julgam com o dever de ser caridosos.

Dignidade de vida

A vida só é digna de ser vivida quando se tem um ideal a colimar.

Direito de amar

O homem não entendeu ainda que o amor é um direito e não um dever.

Distribuição

Deus libera a vida como um dom que deve ser repartido.

Duvidosos

Porque existem nuvens há os que não acreditam no sol.

E

Ecumenismo lingüístico

Cultura ecumênica conhece radicais de línguas vivas ou mortas.

Édem

Desde o começo do mundo, o homem tem chegado mais próximo de Deus num jardim.

Emoção estética

De todas as emoções, a emoção estética é a mais social e menos egoísta.

Ensinar

Venho ensinar-te a ser feliz, meu irmão.

Entendidos

Entendo pouco dos entendidos.

Entendimento

O problema não é entender para amar, mas amar para entender.

Epifania

Servir como paradigma à nossa vocação de sermos, pela bondade, Epifania de Deus.

Equação humana

O homem não é só equação e lógica: ele é sentimento e adoração!

Espalhar alegria

Eis que descobri a minha vocação: espalhar alegria ao longo do meu caminho.

Esperança

Muitos dizem: a esperança é a última que morre. Eu te digo: a esperança não morre.

Essência

O essencial em nossa vida é sermos bons.

F

Fala do vento

O vento a ciciar Deus.

Filho da natureza

A poluição é uma violência contra a natureza, como se o homem fosse o senhor e não o filho da natureza.

Floração

Florir, para nós, quer dizer viver cheio de esperanças.

Forças

A firmeza e a bondade são duas grandes forças de manutenção e de persuasão.

Fonte do diálogo

O diálogo, o verdadeiro diálogo, nasce do silêncio. Enquanto um fala, o outro escuta e ama.

Função da Igreja

A função da Igreja é, e sempre foi, profética, isto é, de apoio moral àqueles que de um modo ou de outro sejam injustiçados.

Fragilidade humana

Uma humanidade fraca porque não soube amar.

G

Generosidade

Nada nos espanta quando se trata de uma alma generosa.

Glória e beleza

Vemos na glória motivos de emulação, mas na beleza só encontramos razões para o amor.

H

Homem artista

Salvo em casos patológicos, todo homem é naturalmente um artista. Se não o fora criação do belo, o será, sem dúvida, na contemplação da beleza.

Homem frágil

Um homem triste é um homem fraco.

Hora de planejar

Não é no ardor das batalhas que se forjam planos de combate.

I

Iluminação

Quem lê a Bíblia tem luz para o seu caminho.

Imperfeição e Deus

Fomos criados de forma imperfeita. Aliás, essa imperfeição foi a forma perfeita que Deus nos fez.

Impulso

Receba aqui novo e forte impulso em busca da Verdade e do Bem.

Inevitabilidade

Sofro o inevitável de ser homem.

Inteligência e afeto

Inteligência sem afeto é besteira.

J

Julgar

Antes de qualquer discussão, julgue a si mesmo.

L

Legitimidade

Por falta de caridade nem tudo que é legal é legítimo.

Libertador

O trabalho é o grande libertador do homem.

Limites do sonho

Não te limites somente a sonhar: sonha, mas com uma grande vontade de vencer.

Livro natural

Há grande sabedoria no livro da natureza.

Loucura e fraqueza

Se pensar sem agir é ser fraco, agir sem pensar é ser louco.

Lugar de alegria

Que tua grande alegria seja o teu coração.

M

Mansidão

A mansidão é a harmonia do homem consigo mesmo.

Martírios

A grande agonia da verdade é não ser conhecida, o grande martírio do coração é não ser amado.

Medida do amor

Se o homem é amado, será medido na medida do ser amante.

Minimalista

Num cascalho existe luz.

Mistério e dor

O saber é dor. O mistério é que é alegria.

Modo de agradecer

Minha alegria é meu agradecimento.

N

Não saber

Ficamos extasiados diante da beleza das bem-aventuranças, e nada sabemos das obras de misericórdia.

Neve no coração

O ideal existe para sacudir as almas paradas, os corações nevados do marasmo da inação.

Noite do infiel

Pedro também viveu a grande noite da infidelidade.

Nossa perfeição

Nossa perfeição é a imperfeição de Deus.

O

O beijo do amor

O amor que gera a posse não nos pode trazer a paz.

O homem é chama

O homem é uma chama que aponta os roteiros da existência, descobrindo o significado das coisas e dos fatos.

O nordestino

O coração do nordestino é todo um convite amigo.

O Seridó

O Seridó! Lá o coração não esfria.

O que é homem de caráter

O verdadeiro homem de caráter age sempre em consequência de seu pensamento.

O que é permanente

Fora de Deus tudo é efêmero.

O que é ser bom

O homem bom percebe sempre a beleza da face de seu irmão.

O trigo e as estrelas

Tanto mistério existe em um grão de trigo quanto no movimento das estrelas.

Obedecer

A verdadeira obediência nasce da liberdade.

Odiar

A maldade do homem não está em odiar, mas em odiar o que deveria ser amado.

Onde há beleza?

A beleza do encontro está no mistério da procura.

Onde há beleza?

Como são complicados os homens: admiram uma flor verdadeira dizendo que é tão bonita que parece artificial.

Origem da violência

Toda violência é sinal de medo e de fraqueza. Somente os fracos e inseguros são violentos.

Origem legítima dos deveres

Deveres que não nascem do direito são uma extorsão e uma tirania.

Ouvir silêncio

Ouçõ a decantação progressiva do silêncio.

P

Participação

Olha o homem como parte integrante e interessada em tudo que existe e sucede no mundo.

Passivo

Passividade é traição.

Paz

A paz é a tranqüilidade da ordem.

Perdas

Quem perde fica triste, quem doa se alegra.

Peregrino

Eu sou o peregrino da bondade, pelo amor de Deus.

Plantio de alegria

Devemos passar a nossa vida semeando a alegria.

Porque castigar

Castiga, às vezes, mas porque ama.

Por exclusão

Não existem homens covardes, fracos, existem, sim, homens que não amam.

Precisar explicar

É triste, muito triste, se precisar de explicações.

Prenúncio

A esperança nos vem das árvores florindo, prenunciando os frutos.

Presente e futuro

Somente a visão atual do presente dá-nos uma visão antecipada do futuro.

Primazia

Depois de Cristo, ninguém pode negar a primazia da caridade sobre todas as virtudes.

Q

Que faz amor

Coroa ou canga, o amor dependerá da nobreza do coração que ama.

Queira bem

Queira bem sempre. Como a menina dos seus olhos.

Querer e poder

Faze o que quiseres, mas faze o melhor que puderes.

R

Razão de pecado

Em cada pecado, há um pecado da impaciência.

Reflexo

Olha: existe uma bondade oculta em cada coração. Reflexo de Deus.

Repouso

A arte para mim é um repouso.

Requisito de silêncio

É preciso muito de silêncio para podermos contemplar o mistério de Deus na face de cada ser.

Reza

O homem tem necessidade de rezar. Até os ateus têm essa necessidade.

S

Sabedoria máxima

A mansidão parece-me a suprema sabedoria.

Sagração

A alegria é fogo sagrado.

Santa alegria

Devemos espalhar a santa alegria de sermos bons.

Santas letras

“Não se pode ocultar uma cidade que está sobre um monte”, afirmam-nos as Santas Letras.

Saudade de Deus

Saudade de um amor perdido, mesmo antes de ser conhecido – Deus.

Seja paciente

Lembra-te, meu irmão, da paciência de Deus.

Sempre

Não é com pedras que se matam gigantes, mas Davi prostrou Golias.

Sentinela

A dor é a grande sentinela da vida.

Ser triste

Para o cristão, ser triste é ser ingrato.

Ser e dever ser

Temos que viver e lidar com homens como eles são, não como deveriam ser.

Sinal dos fracos

Agitação nunca é sinal de fortaleza.

Solidão

Horror o homem tem da solidão, estar só é sentir-se fraco.

Sombras

As sombras das árvores têm um sentido para mim.

Subida

O ideal do homem não é não descer, é subir.

Surgimento

A estrutura das grandes realizações emerge do arcabouço dos grandes pensamentos.

T

Temor

O problema não é temer, mas se deixar levar pelo temor.

Templo e construção

Eu quero ser uma pedra viva para o templo de meu Deus.

Terra boa

A terra é boa, pois terra que produz mangaba, a fruta mais deliciosa que Deus nos deu, só pode ser boa.

Transviados

Não há juventude transviada. Há jovens transviados.

U

Última finalidade

Nossa vida deve ser um cântico de louvor a Deus.

Única alegria

Descobri que só existe uma alegria nesta terra, a alegria do amor. Então, comecei a amar a tudo, a todos, pelo amor de Deus.

Unidade

É a meditação que dá unidade interior.

V

Validez

Tudo que não nascer do coração é inválido.

Vereda

Quando todo mundo vai por um caminho, vou por outro. Sempre procuro uma nova vereda.

Vitorioso

É preciso pisar firme, pensar alto, olhar longe, agir pronto.

X

Xanana

Você acertou: xanana é a flor de Natal.

Z

Zelo e dor

Com zelo e dor, a saudade tece a alegria de ter amado.

TESSITURA DE PALAVRAS

As palavras, na visão nivaldiana, são matéria primitiva, trabalhadas por mão de artista e tornadas essenciais. Têm sonoridade, força, significado sólido, composição e lógicas surpreendentes. São escolhidas pelo que melhor convêm ao texto. Por vezes, Dom Nivaldo lembra-me o padre Vieira. No dia-a-dia, a transcendência.

O que ele faz, com maestria, é a construção, dia a dia, do otimismo.

Reflexão

Só domina quem se domina, só se domina quem se possui, só se possui quem se conhece, só se conhece quem sabe refletir.

Intelecto e afeto

Sendo um homem, e a considerar a fé como um dado humano, não posso fazer uma dicotomia radical: intelectual ou afetiva. Assim como acho difícil o homem amar por meio de equações, acho difícil, também, crer-se de modo frio e metálico.

Realização do homem

O atleta glorifica o corpo, o sábio sublima a inteligência, o herói define a vontade, mas, só o santo realiza o homem.

Adoradores da morte

Entre homens há uma gama quase infinita. Desde os mais sujos adoradores da morte aos mais sublimes defensores da vida.

Matizes da violência

Violências há de todos os matizes. As claras e as clandestinas. As brutais e as de feições civilizadas. As físicas e as morais. As que atingem o corpo e outras que atingem a dignidade da pessoa e das instituições humanas.

Os quatro elementos

Do vara-pau aos mísseis, como armas; das sandálias aos aviões a jato, como transportes; das cavernas aos arranha-céus, como abrigos; das cerâmicas às utilidades eletrônicas, como utensílios; do fogo ao átomo, como fontes de energia, o homem procura, dominada a terra, torná-la menos agressiva e mais acolhedora.

Idéia de servir

Eu quero te falar da alma da caridade. Que bela é a vocação de servir. O olhar amigo de quem ama. O sorriso doce de quem quer. Braços que se abrem acolhedores numa

atitude solícita de irmão. O olhar anima, o sorriso atrai, os braços elevam. Quando se ajuda a erguer aqueles que se vêm prostrados à beira do caminho. Mais perfeita no servir não é somente a mão que se abre para dar, tampouco a que se abre porque sabe dar, tão exímia no servir, o homem não pode prescindir do próprio homem. Quando servimos de ajuda a nosso irmão, devemos compreender e fazer compreendido que, mesmo na grandeza divina de servir, o homem não pode prescindir do próprio homem. Quando apenas se doa, não há cooperação, atitude passiva de quem recebe, de mútua colaboração.

Supremo valor

Nunca devemos menosprezar os valores dos homens, mais do que o pão que mata a fome, mais do que a água que dessedenta, mais do que a veste que encobre, mais do que o teto que agasalha é, sem dúvida, o coração do homem.

O que é Deus

Deus é rocha que nos sustenta, luz que nos guia, fogo que nos aquece, paz que nos tranqüiliza.

Significado das coisas

Nós é que damos valor às coisas. Elas por si sós são quase indiferentes. A quentura que pode emanar de nosso coração é que marca, realmente, o espírito de tudo que existe, quando queremos incorporá-lo à vida. Na verdade, ao amor pertence o significado das coisas. Se somos realmente amados, então podemos dizer que começamos a ser grandes.

(Transcrito de Na Direção do Relâmpago – Sanderson Negreiros)

Tristeza das explicações

Não é preciso ser franco demais. Quase sempre pensamos que o mundo inteiro espera de nós um veredito, mesmo sobre as coisas mais corriqueiras desta vida. Não nos devemos levar tão a sério nem precisamos tomar atitudes imponentes e definitivas. É preciso aprender a andar descalço. Há muito a se aprender no contato com as coisas simples. O essencial é não estar indiferente diante da vida. É preciso entrar em comunhão

com as coisas. Às vezes, é preciso partir sem dizer nada. Se há explicações é porque nem tudo é definitivo. É triste, muito triste se precisar de explicações.

(Transcrito de Na Direção do Relâmpago – Sanderson Negreiros)

Julgamento

Qual deve ser a nossa atitude diante daqueles que fugiram como covardes, erraram como ignorantes, pecaram como ímpios? Neste instante eu me lembro da palavra do Mestre de que aqueles que não pecaram atirem a primeira pedra.

(Meditação Matinal)

Imanência e transcendência

Duas forças inelutáveis nascem da natureza do homem. A força da imanência que o leva a lutar pela integridade harmônica de seu ser e a força da transcendência que o impele a progredir em busca de novas formas de ser e de existir. Imutável em sua natureza mas eminente plástico em sua forma de ser, o homem tende, por sua natureza, a preservar e defender a sua vida como tende a projetar-se.

A liturgia da Igreja

A Igreja costuma celebrar sua liturgia, tendo sempre em vista nossa conversão em busca da realização do Reino de Deus. Na liturgia, ela louva a paz, ela faz o cristão pensar, ela nos obriga a tomarmos atitudes concretas diante da vida.

Cada domingo, a comunidade cristã reúne-se ao redor do altar para louvar e agradecer, para pedir perdão e converter-se. Cada missa para nós deveria ser um novo ponto de partida, uma nova busca, um novo alvorecer de fé, de esperança e de amor.

Dignidade do homem

Nas próprias coisas de Deus, uma lei não pode ser invocada contra a integridade e a dignidade humanas. Deus seria contraditório se exigisse o cumprimento de uma lei que procurasse destruir a integridade de sua própria criatura. Quando Deus disse que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado, Ele quis fazer-nos ver que, mesmo as

leis positivas emanadas de sua autoridade, não se poderão invocar contra a dignidade do homem.

Lei a favor do homem

Para conferir o valor de uma lei, o primeiro passo é este: saber se a lei está a favor do homem ou da sociedade em que o homem vive. Não existe um dever que não nasça de um direito. Querer obrigar alguém, a quem se nega o direito de ser alguém, a cumprir um dever é querer uma coisa absurda.

Lei, bem relativo

Estejamos sempre atentos para este fato: que a lei em si não é um bem absoluto, mas um bem relativo. Ela só é boa na medida em que ajuda ao homem. Não podemos fazer da lei uma idolatria. Acima da lei de Deus, está o próprio Deus, acima da lei dos homens está o próprio homem.

Aplicação da lei

Saibamos lúcidos e corretos. Saibamos discernir no emaranhado de tantas obrigações artificiais, descobrir o verdadeiro significado das mesmas, para que não venhamos a cair no extremo de desprezarmos a lei, por uma dificuldade em descobrir-lhe o sentido, assim como no outro extremo de fazer da aplicação da lei um verdadeiro desrespeito à paz, à integridade e à tranquilidade do homem.

Símbolo e sinal

O homem tem horror aos limites, devido à sua natureza transcendente. Os sentidos são determinados e determinantes. A lógica é rígida e definida, e há algo em seu ser e em sua vida que não pode, com clareza, ser expresso por formas sensíveis e lógicas. Então ele recorre, num artifício de procura e de expressão, aos sinais e aos símbolos. O símbolo e o sinal, além de ultrapassarem os limites do sensível, procuram ir além do raciocínio lógico, porque se exprimem por si mesmos, não necessitando de possíveis explicações. Há simbologia nas datas e nos lugares, no tempo e no espaço. Datas simbólicas, lugares sinais.

Bom futuro

Haverá luz no nosso caminho, certeza na nossa verdade, beleza na nossa vida.

DOM NIVALDO POR ELE MESMO

- Sou magro, mas de canela boa.

- Sou homem um tanto ambivalente, aparentemente contraditório. A alegria sempre foi uma meta na minha vida, mas me sinto envolvido por certa angústia no mistério. Enfim, sou um esquizotímico.

- Antes de tudo, tenho uma saudade imensa do meu irmão. A sua simplicidade de vida ainda é para mim exemplo.

- Toda vida me disseram que eu comia como um passarinho. Agora, depois de velho, querem que eu viva comendo.

ENTREVISTAS

VIAGEM INSÓLITA I(*)

Aos 84 anos de idade, Dom Nivaldo Monte é um dos religiosos mais queridos pela cidade. Natalense, nascido sob o signo de áries, entre suas preferências está a agricultura e as experiências genéticas. Os seus projetos são: a seleção de sementes de feijão rabo de tatu, lançamento de um novo livro, cujo título é Explosão demográfica e alimentação, entre outros.

Qual sua palavra favorita?
Ternura.

O que você nunca seria?
Uma pessoa ingrata.

Qual é a melhor mentira?
Não há mentira que preste.

Qual o livro que você leu de um fôlego só e leria novamente?
O Excêntrico Mister Blue.

Que som você detesta?
De duas pessoas brigando.

Quem mais o influenciou?
Padre Luiz Monte (meu irmão).

Qual a melhor coisa do sexo?
Atender o pensamento de Deus quando fala sobre a perpetuação da espécie humana.

Pessoas arrogantes e prepotentes merecem o quê?
Amor.

Você gosta de ouvir pessoas que não sabem ouvir?
Não gosto, pois a vida é diálogo.

De que você tem medo?
De ofender a Deus e meus irmãos.

O que o seduz no jogo da criação?
A beleza de Deus espalhada na face dos seres.

O que existe de melhor no seu lado escuro?
Estar longe da vista e estar longe do coração.

O imaginário o apavora?
Infelizes daqueles que não sonham.

Como você convive com seus sonhos?
Com uma alma apaixonada.

Qual a pior verdade?
Toda verdade é boa.

O que você acha do dinheiro?
Ah! Se a riqueza estivesse nas mãos dos Santos.

O que nunca deveria faltar?
O amor no coração do homem.

Quando você conta até dez?
Quando alguém humilha o meu irmão.

O que anda sobrando por aí?
Falta de responsabilidade de assumir a própria cidadania.

O que a boca diz quando a alma grita?
Silêncio.

Qual o mal deste início de século?
Falta de responsabilidade e a falta de Deus.

O que dói em Natal?
Não se aproveitar com toda a intensidade as belezas naturais da cidade. O abandono do Rio Potengi e a falta de mirantes nas dunas de onde pudesse contemplar, na sua totalidade, a beleza da cidade.

Em que situação você diz um palavrão?
Não tenho hábito, por natureza.

Quem você mandaria para o céu?
Todos.

E para o inferno?
Ninguém.

Se chegasse ao céu, qual seria a sua primeira palavra?
A contemplação é muda.

E se chegasse ao inferno?
Não existe essa hipótese na minha vida.

(*) Publicado em O Poti no caderno “Muito” em 22 de dezembro de 2002.

VIAGEM INSÓLITA II (*)

Uma das marcas do arcebispo resignatário Nivaldo Monte é a paixão pelas letras. Ele escreveu vários livros e colaborou bissextamente com jornais da cidade. O jeito manso, conciliador e a absoluta discrição são outras marcas registradas deste padre. De trânsito em todas as áreas da igreja, Dom Nivaldo tem um hobby secreto: é botânico amador, um *expert* em enxertos e experiências na sua granja de Emaús.

Você é o que queria ser quando era adolescente?

Sempre quis ser sacerdote. Porque atinge a própria estrutura.

Qual é a melhor mentira?

Não existe.

O que gostaria de ter feito e não fez?

Um belo romance.

Conte um segredo de viajante.

Não tenho.

Qual o livro que você leu de um fôlego só e leria novamente?

O Tronco do Ipê, de José de Alencar.

Quem mais o influenciou?

Padre Monte.

Qual a melhor coisa do sexo?

O amor desinteressado.

Pessoas arrogantes e prepotentes merecem o quê?

Não tomo conhecimento delas.

Você gosta de ouvir pessoas que não sabem ouvir?

Não gosto.

De que você tem medo?

Avião.

O que lhe seduz no jogo da criação?

Vir a ser. Amadurecendo nova forma de existir.

O que existe de melhor no seu lado escuro?

Ânsia de desvendar o mistério para bem vivê-lo.

O imaginário lhe apavora?

Não.

Como você convive com seus sonhos?

Como dois grandes amigos.

Qual a pior verdade?

Toda verdade é santa.

O que você acha do dinheiro?

O dinheiro é uma coisa boa em mãos boas. Ah!, se riqueza estivesse em mãos santas.

O que nunca deveria faltar?

Amor nas pessoas.

Quando você conta até dez?

Quando me vejo impelido a faltar a caridade.

O que anda sobrando por aí?

Egoísmo e desamor.

O que a boca diz quando a alma grita?

Depende da alma que está gritando.

Qual a palavra que nunca deve ser dita?

Não.

Qual o mal deste final de século?

A economia desconhecendo a caridade.

O que dói em Natal?

Não se aproveitar bastante o encanto desta cidade que Deus nos deu.

Em que situação você se atira no escuro?

Para salvar o irmão.

Qual dos 10 mandamentos você não quebra?

O amor de Deus e o amor do próximo.

(*) Publicado em O Poti no caderno “Muito”

METÁFORAS E BOAS EXPRESSÕES

Possuíam um coração de alfenim.

Portas do coração.

O amor é uma estrela.

Fui despertar a aurora.

Feixes de trigo sazonados, promessas de pão.

As lágrimas das mangabeiras.

Arte de criar pintos.

BESTIÁRIO

O veículo de nossa granja chamava-se André. Não vá você se admirar por nosso veículo ter um nome de gente. Ele não era um carro nem um caminhão.

A história de André é um tanto complicada, cheia de peripécias, mesmo.

Ninguém sabe, até hoje, onde nasceu, pois, sua verdadeira história só começa como jumento feito, nas ruas de Natal, como jumento de bêbado, manhoso, acostumado a sofrer pauladas da cabeça ao rabo, com aquela fleugma paciente dos que sabem que não vale a pena argumentar com gente sem juízo.

Ele, devido ao convívio diuturno com todas as jaças de cachaceiros, chegou a criar a sua própria filosofia de vida.

Com o trato, André foi tomando forma. O pelo de burro sem valia, tornou-se fino, luzidio.

O trabalho era pouco. Alguns passeios com alguns de nós, montado em osso. Banho pela manhã e à tarde, antes de uma ração verde e succulenta.

André tinha atingido a plenitude de seus desejos: nada fazer e a pança sempre cheia.

ADVERTÊNCIAS PÚBLICAS

Dever de cristão

Será o cristão um louco, um imbecil, um alienado, um cego que não vê que ao seu redor tudo está errado?! Não vê a fome grassando nos campos, a violência abalando a cidade, o pecado da imoralidade espalhado aos quatro cantos, a insegurança física e moral, social e política tomando conta de tudo e de todos?

É fácil culpar

É fácil culpar simplesmente o ladrão e o assassino, o delinqüente, enfim. É preciso não esquecer que o homem dificilmente é mau. Há quase sempre um condicionamento, quer seja biológico (como taras e defeitos congênitos), educativos (como desajustes domésticos e sociais) ou ambientais (como os maus exemplos e incitamento da pornografia,

libertinagem e licenciosidade), tão comuns nos meios de comunicação sociais, principalmente na televisão, nos cinemas e nas revistas.

Falsos cristãos

É deveras de aterrar a ação de homens que se dizem cristãos!

A mentira política

O sim deixou de ser sim e o não deixou de ser não. A mentira e a informação manipuladas começam a ter lugar nas declarações dos homens públicos. Nunca se mentiu tanto como nos dias de hoje.

A colheita do ódio

Semeando ódio, mais tarde colheremos suas conseqüências. A força bruta, o poder do dinheiro, a libertinagem desenfreada, a indisciplina moral só podem produzir frutos de destruição e de morte. Como falar de paz, se tudo que pensamos e fazemos nos levam à violência e à destruição dos mais sérios valores morais do homem?!

Hipocrisia

Escravizamos nossos irmãos que servem nossas casas, como babás, jardineiros, vigias, enquanto nas praças, nas ruas, nos jornais, estamos sempre ao lado dos oprimidos.

AFIRMAÇÕES EXTREMAS

A espera

Padre passa a vida toda esperando. É batizado, é casamento. Nada começa no horário marcado.

Morte da morte

A morte chegou à porta de um velho esperto, bateu, à noite. Esperou tanto que, de raiva, ela morreu.

Defeito da velhice

A velhice é muito boa, pouco mal ela nos faz. Só não gosto da velhice é por ser curta demais.

Santa Madalena

Não fora Madalena aquela louca em amar o pecado, não teria sido capaz de amar, com maior loucura, as grandezas da virtude.

Erro sobre a bondade

Eles acham que a bondade é uma virtude deprimente, uma virtude de vencidos.

Não julgueis

A infelicidade do homem é que no mundo há mais juízes que anjos.

Lugar da caridade

Para fazermos justiça, não é preciso que sejamos dignos dela. Todavia, só será caridoso quem tiver caridade no coração.

Justiça de fariseus

Justos eram os fariseus quando queriam apedrejar a adúltera, a lei assim o ordenava.

Suprema ingratidão

Não há dúvida que é uma grande ingratidão para com Deus o nos deixarmos abater pela tristeza.

Não gosta da oração

Dom Nivaldo repetia em sermões: “Não gosto da Salve Rainha. É muita tristeza. E coloca-nos ‘gemendo e chorando’. Mais do que isso, ‘neste vale de lágrimas’. Como é que eu posso gostar de uma tristeza dessas?”

Coração de cajueiros

No fim do ano, florescem os cajueiros da minha terra, embalsamando o ar das ruas, da cidade, dos tabuleiros.

Missa de sétimo dia (Onofre Lopes)

Quando Onofre se apresentou diante de Deus, não precisou mostrar os livros que escreveu, as pesquisas que fez, a universidade que construiu. Bastou mostrar as mãos calejadas pelo bisturi que salvou vidas e com sua caridade amenizou a dor de tantos...

Ilusões

As mais belas ilusões não valem um prego enferrujado.

Deus cria o ser imperfeito

De todos os seres criados, o homem foi o único saído, realmente, imperfeito das mãos de Deus.

A pedra, os animais, as plantas realizam em si a posse de sua identidade. Por natureza seres completos, acabados, a mais nada podem aspirar, já que realizam, em si, a plenitude de sua natureza.

Sábio, Onipotente e Bom, Deus não quis fazer o homem um ser definitivo, mas um ser inacabado que pudesse, por sua consciência e por sua liberdade, construir a sua própria história e conquistar a posse de sua identidade específica.

Carícia de mangabeira

No coração dos tabuleiros sobressaem as mangabeiras, num evidente contraste de seu tronco rugoso e contorcido com a suave delicadeza de seus ramos esparramados, como chorões, que mais parecem as mãos delicadas de uma mãe acariciando o filho.

Flor comparável à rosa

As flores do mamão-de-corda? Como são lindas, tão lindas que por si sós já seriam motivo suficiente para se plantar pés de mamão nos canteiros entre La Frances.

Cara de caju

Eu nunca vi uma fruta se parecer tanto com uma pessoa, com cara de gente, como o fruto do cajueiro. Com a parte mais fina para baixo, ela parece uma pessoa imbecil, abobalhada. Mas, ao invertermos a posição, o seu aspecto é muito outro. Ela toma ares de importância, como quem não quer conversa com ninguém.

Indivíduos desproporcionantes

Entre os indivíduos que carecem do sentido das proporções, há que mencionar os inoportunos.

O PESQUISADOR DE BOTÂNICA

Dom Nivaldo sempre cuidou da terra com zelo e carinho, descobrindo a vocação do solo, potencialidades, riquezas de frutos, experimentações. Confessou em entrevista a Sanderson Negreiros: “Passei dez anos para descobrir por que uma espiga de milho tem linhas pares. E descobri. Hoje, faço experiências de migração de hormônio vegetal em enxertos para depois fazer árvores jovens multiplicarem-se.”

O seu amor à terra e à pesquisa levou Dom Nivaldo a inusitadas indagações no seu discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras:

- “Os frutos, atingida sua maturidade, continuam a apodrecer. Entretanto, depois de maduros, o jenipapo, o maracujá não apodrecem, mas se mumificam. Não seriam eles portadores de um alcalóide ou outro princípio ativo capaz de debelar a necrose?”

- Por que o pé de milho dá espiga e não frutifica no pendão como as outras gramíneas, suas irmãs? E que mistério é esse de jamais se encontrar uma espiga de milho com fileiras que não sejam pares?

- Que fenômeno químico ou físico se estabelece quando procuramos esfregar mercúrio sobre o alumínio? Em vez de uma amálgama, o mercúrio destrói o alumínio perfurando-o totalmente?

- Nos campos das pesquisas agrônômicas já não seria tempo para se fazer um estudo mais sério sobre as potencialidades de nossos tabuleiros? Quando neste solo, dito por todos imprestável, já experimentamos, com certo sucesso, a cultura de aproximadamente 50 espécies de fruteiras? Para que este solo seja motivo de nosso interesse não seria bastante se considerar ser o tabuleiro solo próprio para a mandioca, tanto o sílico ferroso, como o feldspato?”

Dom Nivaldo é deslumbrado pelas plantas, jardins, matas e florestas. Veja-se o diálogo que ele manteve com a sua granja:

- “Encontramos tudo no caminho: maribondos, cobras e tapiras. Entretanto tudo aquilo não nos detinha os passos. Estávamos fascinados e precisávamos aproveitar toda a beleza daquele primeiro encontro com a natureza exuberante e farta.

- Os cipós de japecanga, de flores escarlates, pareciam guirlandas magníficas descendo de pórticos majestosos de templos orientais. As volutas de baunilha, enlaçadas nos troncos enrugados, eram como festões de esmeraldas encrustados em colunas de jaspe. Os tufos de chincho, empoleirados nas mais altas ramificações das árvores, aninhavam-se, repousados, como se fossem coroas esquecidas de um reino fantástico. Orquídeas em profusão aderiam, como ostras marinhas, à epiderme dos troncos, deixando-nos extasiados com tanta munificência. As copas de pau-mulato cobriam-se de folhas, ainda tenras, dos mais variegados matizes, enquanto o pau d’arqueiro tapetava de ouro o chão da mataria.

- Na minha exaltação eu não via mais nada além do deslumbramento da mata que envolvia e fascinava. Eu sabia que toda aquela beleza havia estado, há séculos, paciente, à minha espera, para fazer-me viver e ser feliz.”

E mais adiante:

- “Por esse tempo ali ainda existem troncos magníficos, testemunhas reais dos grandes dias de outrora. Nesta parte, as mais variadas frutas silvestres, medravam em

profusão. Mangabas, muricis, ubaias, ameixas bravas, pau mulato, camboins, batis e cajus rasteiros.”

A mais curiosa e bem humorada das suas observações “botânicas” está no livro *A Granja e Eu*: “A terra é boa, pois, terra que produz mangaba, a fruta mais deliciosa que Deus nos deu, só pode ser boa, muito embora quase todos os entendidos digam o contrário: ‘terra que dá mangaba não presta, é tabuleiro, é a pior terra do mundo!’. Mas, como eu gosto muito de mangaba e entendo pouco os entendidos, eu acho que a terra de minha granja é boa de verdade.”

Dom Nivaldo entende, ama e bem se expressa sobre a ética e estética da natureza: “Da mais humilde babugem ao mais agigantado pau-d’arqueiro; do germe mais mesquinho ao mais avantajado paquiderme, todos os seres vivos e, entre eles, o homem encontram sua razão biológica de viver porque a terra existe.

- Aí está, para nós, por que num só punhado de terra, vive e palpita mais força e mais ternura que em todos os mundos reunidos.

- É do equilíbrio ecológico: sol-gente, terra-homem que se situa o bem-estar e o desenvolvimento da pessoa humana. Rompido este equilíbrio, o mal-estar se instala no indivíduo e na sociedade, enquanto o subdesenvolvimento assume medidas de permanência. Tudo que sucede na terra afeta profundamente a existência do homem. A relação entre ambos é tão íntima e tão profunda que, se a terra vai bem, estamos a meio caminho do bem-estar do próprio homem. De outro lado, se o homem não vai bem, a terra ressent-se, degrada-se, torna-se selvagem.”

Lição de juazeiro e xiquexique

Quero te falar de uma bela lição que nos dá a natureza. No mundo das árvores nativas em nosso sertão, duas me parecem típicas no exemplo flagrante que me dão da vida. Uma, o xiquexique, exulto, perfilado, note bem o seu caule recoberto de miríades de espinhos. A outra, o juazeiro frondoso de ramalhudos galhos verdes, de um verde tão belo que nos delicia grandemente a vista. Ambas são árvores que suportam heroicamente o calor causticante das longas estiagens. Mas como me parecem diferentes, o juazeiro do xiquexique. O xiquexique sempre me pareceu extremamente egoísta em seu isolamento. Como dizer a todos que tentam deles se cercar. Alto, nunca se aproximem! São duros e afiados os meus espinhos, e te penetrarei a carne se ousares se abeirar de mim. Mas como diferente é para mim a lição do juazeiro! Lança a sua fronde para os céus, mas expande seus galhos sobre a terra. Nos dias de canícula, a mais intensa, como é agradável ao viajar

descansar à sombra de um juazeiro. Lá em sua fronde, estão os passarinhos cantando. Cantam as alegrias de poderem, mesmo na mais terrível seca, encontrar um galho amigo verde onde repousar. Lá embaixo, em sua sombra, estão os sertanejos fatigados, queimados do calor, lá estão eles à sombra protetora da árvore amiga. Sim, quantas e quantas vezes, sombras como o xiquexique de nossas caatingas, eriçados de espinhos, afastando de nós todos aqueles que precisam de sombra nessa seca onde ajuda. Pondera, entretanto, como seríamos tão mais felizes, se, à maneira do juazeiro, pudéssemos sempre ser um oferecimento, uma vida, uma sombra onde todos encontrassem abrigo para suas desventuras.

Os tabuleiros

Tabuleiros são solos sílico-argilosos de cor branca, vermelha e amarela, conforme a predominância da sílica, dos minerais ferrosos e do feldspato. No agreste potiguar eles se estendem desde os limites da Paraíba até às cercanias de Touros e Galinhos, numa área, aproximadamente, de 300.000 hectares.

No agreste, são solos pouco mineralizados, quimicamente pobres, não tendo a fertilidade dos massapés da Paraíba e Pernambuco, mas, por ser um solo fofo e de muita profundidade, torna-se fisicamente bem apropriado para “cultura de subsistência”, como macaxeira, mandioca, inhame e batata-doce, feijão-de-macassar e cana-de-açúcar e são de primeira ordem para pomares das mais variadas frutas tropicais, como caju, manga, mamão, banana, goiaba, abacaxi, sapoti, maracujá, coco, etc. Sua flora nativa é um tanto rala, todavia apresenta manchas mais ou menos extensas da exuberância típica da Mata Atlântica, como na Mata da Estrela, Pituba, Cajupiranga, Taborda, Parnamirim e Revoredo,

onde se encontram, com muita frequência, madeira de lei de coração negro, jataí e jatobá, pau d'arco, pau monde, pau-brasil, pau-candeia, oiti, pau-mulato e angelim rajado. Inúmeros frutos silvestres, como ubaia, caju, araçás, mangaba, guajiru, cambuins, guabiraba, muricis, catolé e dendê espalham-se pródigos, em abundância e gostosuras.

HISTÓRIAS DE UM DOM

Os três feios

O deputado Márcio Marinho dizia que os dois homens mais feios do Rio Grande do Norte eram o jornalista Alex Medeiros e o nosso arcebispo. Dom Nivaldo soube e, sempre que encontrava o parceiro de feiúra, sorria dizendo: “Como Márcio morreu, agora somos nós, viu Alex, os mais feios do Estado.”

Maternidade do movimento

A Assistência Social Penitenciária (ASP), em julho de 1945, atuava no presídio de Natal, sob a liderança de Eugênio Sales (Juventude Masculina Católica), Nivaldo Monte (Juventude Feminina Católica), o professor Otto de Brito Guerra e o Cônsul do Chile em

Natal, Carlos Lamas. Foi tão notável a presença do Movimento de Natal na assistência e na busca de recuperação dos presidiários que se passou a dizer à cidade que o Movimento nasceu na cadeia.

Tratamento carinhoso

Bia, três anos, filha de Gina e João Maria Monte, ficou emburrada para falar com o bispo. A mãe agrada e pergunta por quê.

- Ele me chamou de Nêga Veia. Eu sou branca e bonita.

Gravação de pum (conta João Maria Monte)

Numa manhã de sábado, fim dos anos 50, estavam brincando alguns filhos e netos de Orígenes quando Niniu chegou trazendo para nós uma máquina mágica, que conseguia repetir o que a gente dizia, ou seja, um gravador de fita de rolo. Todos ficaram em polvorosa e encantados com a novidade. Depois de cada um dizer uma bobagem, como um nome ou uma frase, Niniu sugeriu que alguém cantasse uma música para que fosse gravada. Aí Pedro, o mais novo e irreverente filho de Orígenes, cantarola uma musiquinha, de sua autoria, que ele havia feito para chatear o sobrinho Orígenes Neto, cujo apelido é Ine. E soltou a voz: “Ine Brito Djanerito, soltou um pum que furou o penico”. Gravada a composição, com um ar sisudo e na tentativa de dominar a evoluída máquina, Niniu procurava apagar a parte “censurada” da gravação, sem sucesso: cada vez que a fita era retrocedida, a mesma composição se ouvia. Quando, enfim, ele conseguiu voltar a fita e iria gravar sobre a referida música, chegam Suzete e Orígenes, vindos do mercado. E ao ver Niniu tão sisudo, Suzete dirige-se à babá e pergunta: “por que Nivaldo está tão raivoso?” Foi bem na hora em que Niniu começava a gravação e a babá responde: é uma estória de um pum de Pedrinho que está rodando nessa máquina. E tudo foi gravado novamente. Aí até Niniu estourou numa gostosa risada.

Maniva para Alemão (conta João Maria Monte)

Em solene viagem ao Vaticano, quando era ativa sua participação junto à CNBB, Niniu passeava com outros clérigos e cinco deles entraram num só carro, todos de nacionalidades diversas. Sentiram que alguém havia pisado algo malcheiroso. Na tentativa

de ser entendido pelos demais, Niniu disse se tratar de “wunf’s `maniva’”. Todos continuaram sem saber do que se tratava. E o pior, quem havia pisado o cocô de cachorro tinha sido o próprio Niniu. Até hoje, o verbo “manivar” é conjugado na família e a palavra `maniva’ foi a única do vocabulário português que seu colega alemão “aprendeu”.

Histórias de Marcos Medeiros

Em um dos dias, após visitar o Seminário de São Pedro, juntamente com Dom Nivaldo, aproveitei para convidá-lo a ir conhecer uma pequena indústria de polpas de frutas que funciona em minha casa. Após apresentá-lo a minha esposa, conversamos um pouco e ele fez referência aos cuidados que a sua sobrinha (e fiel escudeira) Cristina tinha com a escolha das roupas que ele deveria usar em diferentes ocasiões. Naquele instante, minha esposa disse: “Aqui também é assim, eu tenho que ficar atenta porque senão ele (eu) sai com uma vestimenta não muito adequada para certas ocasiões.” De imediato, Dom Nivaldo olhou para minha bermuda jeans desbotada e sentenciou: “Com toda sua preocupação ele ainda saiu assim, imagine se não tivesse!”.

Numa das nossas entrevistas, Dom Nivaldo olhou para Henrique José e comentou sobre a jovialidade daquele, para, em seguida, olhando para mim, arrematar: “Aqui estão reunidos o velho, o maduro e o novo”.

Dom Nivaldo revelou-me que, sempre que saía viajando pelo interior do Rio Grande do Norte, pedia ao motorista para parar o carro ao avistar uma estradinha de terra perpendicular à via que estavam percorrendo. Depois descia do carro e começava a andar pela estradinha procurando encontrar coisas diferentes das que vinha observando no trajeto. Analisando o próprio comportamento, dizia: “Muitas vezes, para descobrirmos coisas novas, precisamos adentrar por outros caminhos.”

Numa manhã radiante de sábado, estávamos eu, Henrique José e Dom Nivaldo, no Seminário de São Pedro, caminhando entre sebes de pitangueiras, quando Dom Nivaldo afirmou: “Qualquer pessoa que nos visse agora, sem saber o que vimos fazer aqui, diria que só sendo malucos para estarmos passeando ali àquela hora, conduzindo pés de milho ao ombro.”

Deus com mania

Dom Nivaldo promoveu a melhoria do bairro à beira do rio Potengi, o Passo da Pátria. Fez tudo para aumentar a auto-estima dos habitantes. Chegou a afirmar: “Passo da Pátria, Deus estava com mania de grandeza quando fez este lugar tão lindo”...

O gol

Graco Magalhães fazia esteira em uma academia de ginástica, juntamente com Dom Nivaldo, rápido nos seus 83 anos. Os ginastas acompanham na televisão o jogo do Flamengo. O atacante fica de frente ao gol vazio e chuta para fora. Um flamenguista xinga com nomes pesados e Dom Nivaldo, concordante em parte: “Este gol até eu faria”...

Norte-americanos em Natal

Certa vez, estávamos falando sobre os costumes implantados pelos americanos em Natal, durante a Segunda Guerra. Do mau costume de colocar os pés em cima das mesas ou de beber coca-cola aos bons costumes de serem alegres, descontraídos, receptivos. Dom Nivaldo disse: “Alto lá! Desde a década de 20 que Natal é cidade receptiva, alegre, descontraída.”

Relevância

O pároco de uma cidade interiorana, prestando conta da festa da padroeira no seu aspecto religioso, financeiro e social, disse a Dom Nivaldo que houve dois assassinatos e dois outros homens estavam muito mal no Hospital Walfredo Gurgel. A reação de Dom Nivaldo foi precisamente esta: “Nêgo véi, vamos agradecer a Deus, Pai Bem-Amado, que só tenha acontecido isso.”

O padre disse: “Dom Nivaldo, o Senhor ouviu o que eu relatei?” “Ouvi, sim. Nêgo véi, depois de cinco anos de seca, o povo passando necessidades, sendo enganado pelos

políticos, o desemprego por toda parte e a fome assolando a população, esta poderia estar muito mais revoltada e ter perdido todo o controle, apenas isso foi muito pouco relevante.”

Morada do artista

Fábio Ojuara, artista plástico, diz ser afilhado de Dom Nivaldo por ter sido batizado por ele. Vê o “padrinho” com a mala do carro cheia de plantas. Pergunta para quê. O Bispo diz que está desejando plantar morangos. Ojuara consegue as mudas.

Dias depois, Ojuara, angustiado, caminha a esmo e ao passar perto da Catedral vê o Bispo. Decide falar-lhe. Conta que tem um terreno, mas não tem onde abrigar a sua mulher grávida. Queria levantar quatro paredes onde a mulher pudesse ter o menino. Pede que participe com uma pequena ajuda. O Bispo pergunta se ele já fez orçamento. Já. Custaria uns R\$ 1.500,00.

O cheque teve este valor. E o menino nasceu em sua própria morada.

Dom Marcolino (conta Marcos Medeiros)

Nos tempos de Dom Marcolino, primeiro Arcebispo de Natal, ouvia-se até em tom jocoso a frase: “Bispo Auxiliar, nem tê-lo e nem sê-lo, e ao tê-lo não vê-lo.” Trata-se, naturalmente, de um modo mais simpático de falar das dificuldades naturais, que muitas vezes surgem numa administração a dois, sobretudo quando ambos não lêem na mesma cartilha, divergindo, assim, da linha pastoral.

Em 1963, o Pe. Nivaldo foi eleito Bispo Titular de Eluza e Auxiliar de Acaraju. O velho arcebispo, conhecido pelos seus trocadilhos, perguntou: “Pe. Nivaldo, você vai para Aracaju, hará caju p’ra dois?” E assim, o experimentado arcebispo chamava a atenção, com seu trocadilho, sobre esse relacionamento, por vezes, menos fácil entre um bispo titular e seu auxiliar.

Merecimento (conta Marcos Medeiros)

Quando Dom Nivaldo entregou o governo pastoral da Arquidiocese de Natal nas mãos do Santo Padre João Paulo II e este aceitou a sua renúncia, então, autoridades do governo municipal e estadual fizeram uma merecida homenagem ao ilustre Prelado.

O Pe. José Mário foi escolhido para acompanhá-lo, representando o clero da Arquidiocese.

A solene sessão aconteceu no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Natal. Ali se encontravam autoridades civis e militares ou seus representantes.

Após vários discursos, chegou a vez de o homenageado falar. Ele sem falsa modéstia, sem delongas ou coisa semelhante, assim falou:

“Meus queridos amigos!

Antes de tudo, quero lhes dizer que se estou recebendo esta homenagem é porque a mereço. Estão aqui, nesta sala, os meus melhores amigos e os homens mais representativos do estado e da cidade. Não acredito, que assim sendo, sejam eles, falsos ou hipócritas depois de afirmarem tantas coisas bonitas sobre mim, mesmo admitindo que aqui e acolá, falou mais alto o bem-querer e por isso mesmo foram excessivamente generosos, porém, não mentirosos.

Em seguida, vale acrescentar que, em se tratando de líderes na sociedade natalense e norte-rio-grandense, não o seriam se não fossem muito inteligentes, de tal modo que o que estão fazendo é um ato eminentemente de inteligência humana.

Portanto, não sou eu quem dirá que não mereço tudo isto. Mereço, sim.”

A quarta parte da humanidade (conta Marcos Medeiros)

Certa vez, algumas pessoas, referindo-se à criminalidade de nossos dias, às guerras que não terminam nunca, aos homicídios, etc., diziam a Dom Nivaldo: “O mundo nunca esteve tão mal quanto em nossos dias.” Ele replicou: “Engano! Hoje o mundo está muitas e muitas vezes melhor do que no começo da humanidade, quando só existiam quatro pessoas: o casal e dois filhos, pois um quarto da humanidade era homicida, e mais precisamente fraticida: Caim matou Abel.”

O solene e o carinhoso (conta Itamar de Souza)

Itamar veio de São José de Campestre para a conquista de uma nova cidadania, afetiva e emocional: “Naquela época, Natal era religiosa, patriarcal e, sobretudo, tranqüila. A missa era celebrada em latim, uma cerimônia medieval. Recordo a entrada triunfal de Dom Marcolino, saudado pelo “*Ecce Sacerdos Magnus*”, executado pelo coro sob a regência do padre Barbosa. Dom Nivaldo, na sua simplicidade, entra na catedral como uma pessoa comum, dizendo: como vai, nego velho?”

Mutação da banana

A recepcionista anuncia a presença de Dom Nivaldo. Entra e vai logo dizendo. “Vou lhe trazer um magote de flores. Pensei muito para escolher você para presentear. Você sabe qual é a maior flor do mundo? Não vai ser a maior, mas, muitas em um cacho.”

No dia seguinte, Dom Nivaldo entra no meu escritório com um enorme cacho de bananas. Explica que cada banana leva no final uma flor. Aquele fruto era o resultado de uma série de pesquisas que ele vinha fazendo em um tabuleiro norte-rio-grandense.

Pendurei o cacho na escadaria, Alcides enfeitou com folhas de bananeira colhidas no vizinho Osvaldo Monte. Um choque de beleza e exotismo para cada visitante!

Advogados e funcionários receberam conchas e todos afirmaram a doçura e o diferente sabor com leve toque de banana-anã.

Faça-se a luz

Apresentei ao Conselho Estadual de Cultura sugestão para um projeto de lei sobre a toponímia norte-rio-grandense. Dizia já o artigo primeiro: “É proibido dar nome de pessoa viva.” O conselheiro Nivaldo Monte pediu a palavra para aconselhar mudança. Nada se deve começar proibindo. A lei deve fazer afirmações para depois negar. O conselheiro Américo de Oliveira Costa tomou a palavra na defesa. Até nos seus temas básicos já era assim. No princípio era o caos... Dom Nivaldo replica dizendo que o caos não era uma proibição. O mundo começou com a afirmação do fiat lux.

Troca de Igrejas

Dia de Natal, os noivos esperam o celebrante arcebispo Dom Nivaldo Monte na Igreja do Galo, Convento Santo Antônio. O frade reclama impaciente que está chegando a

hora da Missa de Natal. O professor Roberto Lima, com suas irmãs, esgota o repertório adequado, cantando. O jornalista Marcos Aurélio de Sá pede à noiva, médica Suzette Guerra, que tenha calma, tudo vai dar certo. E nada do arcebispo. Suzette avisa que, se não casar naquele dia, não casa nunca mais. Enquanto isso, Dom Nivaldo estava na Igreja Santa Terezinha aguardando que terminasse um outro casamento. Avisado do engano, chegou silencioso e celebrou o mais rápido casamento da sua vida.

A torneira

Tico da Costa, menino, estava deliciado com a água saindo para todo lado da torneira. O bispo se aproxima, fechando a torneira cautelosamente até ficar um pequeno fluxo de água. Ensina: “É assim que se faz. A água é a coisa mais importante para a humanidade. Você precisa regrá-la.” Até o dia de hoje, Tico da Costa, compositor e cantor, em qualquer parte do mundo não pode abrir uma torneira sem se lembrar do bispo.

Vat 69

Contou-me o ministro José Augusto Delgado.

O ano de 1969 foi particularmente difícil para a Igreja norte-rio-grandense. Acusações, delações, descumprimento de deveres sacerdotais, aperto financeiro. No dia 31 de dezembro, o arcebispo pediu a garrafa de uísque Vat 69. Brincavam dizendo que era apenas o número do telefone do Vaticano.

- Vai beber uísque, Dom Nivaldo?

- Vou. Vai-te 69.

Os montes

Dom Nivaldo gosta das escaladas. Com monsenhor Expedito, subiu a Serra Branca. Quis ver o mar escalando o ponto mais alto do estado, o Cabugi. Um dia encontrei com Dom Nivaldo em Ponta Negra. Muito magro, ele andava ligeiro. Resolvi provocá-lo.

- Vamos subir o Morro do Careca, meu bispo?

- Vamos, nego véi.

Comecei a escalada na frente pela areia fofa. Logo cansei. O bispo passou por mim e com aceno de mão até o topo incentivou-me:

- Coragem, nêgo véi. Do alto você vai ver como é belo o mar.

Certeza da presença de Deus

Sanderson Negreiros relata: “O repórter pergunta ao bispo qual a pessoa que mais lhe deu a certeza da presença de Deus. Ele pensa – é um homem que busca ser lógico com a avidez de um cartesiano – e antes que responda, dizemos que, para nós, fora Tristão de Ataíde. Dom Nivaldo se entusiasma: porque foi também Tristão, rezando na solidão de uma igreja do Rio, que mais lhe trouxe, até hoje, a presença de Deus.”

São Luís da Câmara Cascudo

Na celebração da missa em homenagem a Câmara Cascudo, um ano após a sua morte, Dom Nivaldo começou o sermão dizendo: “Todos pensam que é muito difícil ser santo, mas não é. É muito simples até. Ser santo, em última análise, é seguir os preceitos de Deus, fazendo o bem ao próximo. Luís da Câmara Cascudo, com as quedas e tropeços normais dos seres humanos, teve a existência voltada a fazer o bem, com humildade e vida reta. Assim entendo a santidade.”

ESTÓRIAS DE UM DOM

Os padres Nivaldo e Eugênio tomam banho de mar na praia de Ponta Negra, descansam para ativação do Movimento de Natal, 1950. O padre Nivaldo chama a atenção: “Olha a jangadinha, a vela branca sobre o mar azul! Isto é poesia.” Padre Eugênio interrompe a digressão poética dizendo: “Olha, Nivaldo, hoje instalei no bairro do Bom Pastor o primeiro sanitário.”

Milagres virão

Diálogo ouvido em Pirangi. Uma senhora devota conversa a beira-mar com o ministro José Augusto Delgado:

- Tive um problema sério, gravíssimo, gravíssimo. Só um milagre! Rezei a oração para o Menino Jesus de Praga e nada...

- Ele tem muitos pedidos, está sempre ocupado.

- Pedi a Santo Expedito.
- Ocupado.
- Aí, apelei para Nossa Senhora dos Impossíveis.
- Esta é quem tem mais pedidos, ocupadíssima...
- Foi então que me lembrei de Dom Nivaldo. Acredite: fui atendida na hora.
- É natural. Ele ainda tem poucos requerimentos, mas vai ter a eternidade pela frente para fazer milagres.

Os charutos do Cardeal

O cardeal Dom Eugênio Sales recebe o professor Etienne Samain no Palácio São Joaquim, Rio de Janeiro. Fica encantado com a vida e costumes dos índios camaiurais estudados pelo antropólogo. O garçom serve charutos e conhaque, quando anunciam a chegada de Dom Nivaldo. O cardeal chama uma freirinha e diz: “Por favor, retire tudo isso e sirva chá e biscoito champagne. Nivaldo não está preparado para isso.”

E.C.C.

Em um Encontro de Casais com Cristo, o padre recrimina os costumes. Diz que há pessoas que participam do encontro e depois vão para um motel.

Depois de algum tempo, Dom Nivaldo toma a palavra e diz que alguns padres que muito acusam, pensando bem, precisariam de confissão antes de subir ao altar para celebrar missa.

O milagre da vida

Contam. Década de setenta. Um padre da arquidiocese, tímido, estava literalmente apavorado, não tinha saída, pensava em suicídio. A filha de um pastor protestante, sua amiga, engravidara, nasceu uma menina e todos diziam que era a cara do padre. Aconselhado, com temor, humilhado, procura o arcebispo.

- É menina?
- É.
- Nasceu perfeita?

- Sim.

- Está bem cuidada?

- Sim, senhor. A mãe cuida muito bem dela.

- Você participou, é responsável pelo milagre de uma vida. Agora, apenas deve se lembrar da responsabilidade de sua missão sacerdotal. Volte lá para exercer, rigorosamente, a sua função de sacerdote.

UM DOM NA VISÃO DOS OUTROS

A bondade útil

Sanderson Negreiros

Foi a pessoa que mais me deslumbrou como pessoa humana. Era um asceta típico: corpo magro, voz de timbre angélico, bem humorado. Tratava a todos de poeta. Foi um homem que dirigiu vidas, acalmou tormentas. Naquele corpo pequeno estava um rio de ternura humana. Caminhava às 5 horas pelo Tirol e Petrópolis descobrindo manhãs. Era um poeta de profundo sentido místico. E me encantava esse amor à natureza. Amava as árvores e as árvores amavam-no. Essa integração profunda poético-espiritual foi a maior lição que deixou. Dom Nivaldo exerceu o apostolado da bondade útil. Não se perdia na facilidade dos gestos.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Um santo entre nós

Cláudio Emerenciano

A fé cristã ensina que santidade é viver na plenitude da graça de Deus. É ser sua morada, seu tabernáculo, seu templo vivo. É dar testemunho do seu infinito amor pela humanidade. É vivenciar os ensinamentos de Jesus Cristo, quaisquer que sejam as circunstâncias: “não sou eu mais que vivo, mas o Cristo que vive em mim” (São Paulo). O santo exercita dons e atributos da graça de Deus. Manifesta-os entre os homens. Sua mente, seu espírito, sua vontade, seus desejos, seus sonhos e seus ideais inspiram-se, exclusivamente, no amor e no bem. Num mundo de injustiças e contradições, são como cordeiros no meio de lobos. Vencem, apesar de sua condição humana, frágil, também submetida à angústia, ao terror, à tristeza e à solidão.

Jesus, o Filho de Deus, em Getsêmani, no Horto das Oliveiras, verteu sangue em prece e agonia. Estava só. Seus discípulos, alquebrados e temerosos, entregavam-se à quietude do sono. Manifestava-se ali a condição humana do Redentor. Diante de Si, a cidade de Jerusalém dormia, enquanto seus algozes, guiados pelo traidor, chegavam para

prendê-Lo e submetê-lo ao martírio. Jesus, como outras tantas vezes, antecipou sua vitória sobre a morte: “Meu Pai, se possível, afaste de mim este cálice. Todavia, não seja como eu quero, e sim como Tu queres”. O silêncio e a solidão daquele momento, incomparável e insuperável na História, testemunhavam a libertação irreversível do gênero humano. Os santos, apesar de suas fragilidades, partilham e desfrutam o martírio e a crucificação do Cristo.

Na Basílica de São Pedro há uma estátua de bronze, em corpo inteiro, do “Grande Pescador”. Um dos pés está gasto pelo atrito das mãos de milhões e milhões de fiéis que, por tantos séculos, ali oram e refletem sobre sua missão: “Tu és Pedro (pedra, rocha), e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja”. Sempre me comovo ante essa estátua, retratando a humildade e a simplicidade do apóstolo. Um pescador rude da Galiléia, semi-analfabeto, inseguro, confuso, que negou o Mestre três vezes. Sob inspiração do Espírito Santo (Pentecostes), desafiou o mundo e os poderosos, testemunhando a vida e os ensinamentos daquele que disse ser “o Caminho, a Verdade e a Vida”. Acrescentando que “ninguém vai ao Pai senão por Mim”. São Paulo, o apóstolo dos gentios, anteriormente perseguidor implacável de cristãos, foi o maior propagador do Cristianismo. Os santos compartilham da graça divina e suas contradições humanas são purificadas pela misericórdia infinita de Deus.

A vida de Dom Nivaldo Monte foi um ato de santidade. Lembro-me da primeira vez em que o vi. Era coroinha na Igreja de Santa Terezinha. Tinha nove anos. Natal era um pomar. Naquele sábado, antes das 9 horas da manhã, os pássaros gorjeavam, produzindo uma espécie de sinfonia pastoral. As árvores, abundantes e frondosas, pareciam tremular pelo ímpeto de uma brisa constante, suave e inebriante. Padre, magrinho, de voz terna e firme, a partir da missa que acolitei, foi para mim um mestre, um amigo, um confessor, um exemplo. Testemunhou o Cristo em todas as circunstâncias de sua vida. Fazia o bem anonimamente. Foi pastor de todos nós. Sábio, compreensivo, ilimitadamente humano, basta perguntar: - Quantas e quantas crises conjugais foram superadas com sua palavra? Quantas crises de fé se dissiparam com sua catequese? Dom Nivaldo foi o santo de todos os dias entre nós. Velai por nós. Amém.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, artigo publicado na Tribuna do Norte em 19 de novembro de 2006.

Glória de um dom

Iaperi Araújo

Eu era um adolescente ainda quando assisti à sagração episcopal de Dom Nivado Monte numa solenidade linda no Ginásio de Esportes Silvio Pedroza do Atheneu, num mês de julho, 40 anos atrás.

A solenidade foi tanto emocionante quanto bonita. As congregações laicas com seus estandartes e pálios, desfilando a heráldica religiosa pelo Ginásio, na época o maior e mais importante de Natal.

A presença nunca vista de tantos religiosos concelebrando a sagração do bispo que sucederia a Dom Eugenio de Araújo Sales, que revolucionara a Igreja do Rio Grande do Norte e do Nordeste brasileiro com suas ações sociais e sua idéias de comunicação pelo rádio

Dom Nivaldo tinha uma importante história na vida cultural do Rio Grande do Norte. Fora um dos fundadores da Escola de Serviço Social, agregada à Universidade que Onofre Lopes e Dinarte Mariz instituíram para o Estado. Publicara alguns livros. Poesias de cunho social e educativo e um livro de pensamentos (“Toda palavra é uma semente”), muito mais uma cartilha de conselhos, recomendações aos jovens, do que propriamente um tratado de bem comportar-se.

Ele seguia uma tradição dos Montes. Irmão do cônego Monte, uma das mais vibrantes inteligências do Rio Grande do Norte da primeira metade do século XX, morto mui prematuramente, Dom Nivaldo sempre foi um humanista. Seria até estranho a afirmativa de que um sacerdote adotara o humanismo como legenda, pois é uma condição intrínseca da religião, mas em Dom Nivaldo, o humanismo refluíu como um dom natural do educador, não somente pelas ações pastorais, mas pelo pensamento expresso de todas as formas, inclusive em seus escritos, como resultado de sua opção pela educação como forma de mudar o mundo.

Em todas as ocasiões, Dom Nivaldo foi um pastor dedicado ao seu povo. Membro da ANL, por méritos intelectuais, nunca deixou de plantar sua semente do bem, com palavras afetivas e de carinhos aos jovens, como testamento de suas vivências.

Esse plantador de sementes da palavra também voltou-se para a Biologia como seu irmão, cônego Monte, e foi entusiasta defensor do aproveitamento dos vales úmidos que cercam Natal para a formação de um “cinturão verde” que dotaria a nossa capital de uma abundante colheita de hortifrutigranjeiros.

Há pouco tempo, na missa de 30º dia de falecimento do insigne Governador Cortez Pereira, celebrada por Dom Nivaldo, ofereci-me à família para fazer a primeira leitura, até como uma homenagem pessoal ao conterrâneo que fora tão mal-compreendido em seu governo, em suas idéias e seus sonhos.

Fiz uma leitura primorosa. Fiz pausas nos lugares certos. Enfatizei os parágrafos que achei necessários. Desenvolvi a leitura com voz audível e pausada. Quando disse “palavras do Senhor”, fechei teatralmente o Livro Sagrado e dirigi-me lentamente ao meu lugar na platéia.

Depois da leitura do Evangelho, na prédica, Dom Nivaldo surpreendeu-me a quase que exclusivamente comentar a forma como eu lera a Epístola de São Paulo, até desafiando quem da platéia não a entendera, tal a forma como eu fizera.

Elogiou-me de forma tão pública e amiga, que agradei no final.

Assim é nosso Arcebispo Emérito, de coração imenso. Maior que seu próprio corpo, tão frágil na sua configuração somática.

Ao renunciar o Governo Episcopal, voltou-se para Emaús, sua granja, onde continua a desenvolver suas experiências genéticas, buscando o melhor aproveitamento de nossas plantas, para preencher a fome e a mesa do nosso povo.

Glórias a ele. Glórias a Dom Nivaldo Monte.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Virtude e alegria

João Wilson Mendes Melo

Sempre ouvir dizer que “um santo triste é um triste santo”.

Dom Nivaldo Monte externa publicamente e, mais ainda, entre os que têm a sorte do seu convívio, muitas virtudes e muita alegria. Ao lado de sentenças ou pensamentos como aquele que diz: “A verdade fere, mas depois consola”, e outras de igual valor. Há algumas que fazem rir.

Certa vez, no intervalo para um cafezinho em dia de muito trabalho, em meio a uma conversa em que alguns sacerdotes e leigos mais idosos aceitavam opiniões que eram então externadas, ele se dirige aos que observavam a “discussão” e proclama: “É por isso que eu digo: todo velho é teimoso”.

A primeira sentença, como muitas outras do mesmo quilate é comprovada todos os dias. Essa última, no entanto, passados muitos anos, ele próprio consegue contradizer, na sua tolerância e respeito às opiniões alheias quando não contrariam a verdade.

“Todo velho é teimoso!” Poderemos nós, feridos pelo tempo, rir diante de sua fraternal alegria da qual partiram palavras! Contestá-las? Somente os mais próximos, parentes e amigos, poderão dizê-lo.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Uma estrela no jardim

Anna Maria Cascudo Barreto

Afirmam os físicos, em momento incrivelmente poético, que somos poeira de estrelas.

E é verdade. A maioria se limita a refletir a luz emanada. Outras – como Luís da Câmara Cascudo e Nivaldo Monte – mantêm-se ativas, com brilho próprio.

Falar em gente assim traz um peso imenso, que é a responsabilidade. Poderíamos refletir a luz das suas vidas. Será que lograríamos sucesso?

Mas percebo que não se fala de luz. Sente-se. Seus raios estimulam-nos, acalantam.

Há quanto tempo tenho admiração e afeto por Dom Nivaldo, convivo com seus familiares, Oswaldo, Cristina, Tânia, Margarida, João Maria, Montinho?

Impossível relembrar; fazem parte das raízes mais recônditas das amizades antigas, que descendem de laços tradicionais e se fundem numa ternura imensa.

Vejo Nivaldo subindo os degraus do casarão da antiga Junqueira Ayres- hoje Câmara Cascudo –, recebido na porta com o tapete vermelho da calidez paterna. Ainda ouço o espalmar dos abraços, a limpidez dos risos, demonstrativos do carinho que os unia.

Minha mãe, aquela doce flor que se chamava Dahlia, quando notava traços de rebeldia na filha adolescente, dúvidas infiltrando-se na sua religiosidade colegial, jamais pensou em psicólogos ou terapias. Ordenava, mostrando um caminho sem atalhos: “Vá conversar com Dom Nivaldo!...”

Era uma época em que não se discutiam ordens maternas. Voltava eu dessas conversas com a alma límpida, as dúvidas dissipavam-se diante das soluções brilhantes e carregadas de justiça que Dom Nivaldo apontava-me. Sentia nele a tranqüila guarita das minhas inquietudes, e por toda a minha vida considere-o uma espécie de tio e conselheiro.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Sempre Encontrando

Sônia Maria Fernandes Ferreira

Encontros significativos com interlúdios breves e longos.

Na capela do colégio, a missa diária. O novenário de maio, a coroação de Maria, os vitrais, as flores, o repique de sinos, o leque das velas, o “magnificat” do coro, o bordado de ouro na túnica verde do capelão, a comunhão da Hóstia Consagrada. Tudo lembrava o céu, até o dia em que o mefisto baixou nos olhos da supervisora do internato, e rasgou minha linda coleção de santinhos, no exato momento da pregação.

Após a bênção, com voz aborrecida, a freira falou que se eu desejasse comungar teria que me confessar.

No dia da confissão auricular, ajoelhada no confessionário, revelei o grande pecado: “Padre, em vez de prestar atenção ao seu sermão fiquei conversando com minha colega, e mostrando-lhe um a um, os meus santinhos”... E vi e guardei o seu sorriso...

No ano seguinte, continuei os estudos no Colégio das Neves, como aluna externa, na casa dos meus avós paternos que fazia uma diagonal com a casa dos avós de Cristininha. A partir daí, íamos juntas para o colégio e voltávamos também juntas. Na ladeira da Av. Rio Branco, Dulce, uma das proprietárias do majestoso casarão dos Motta, juntava-se a nós duas.

Muitas vezes, íamos de carona no “Prefect”, café com leite de Dindinho, o tio-padre da minha amiga Cristina.

Da mesma maneira que muitas outras vezes íamos com ele à sua recém-construída Escola de Serviço Social ou à sua granja de Emaús. Eram passeios deliciosos, tanto que se tornaram inesquecíveis...

Na Escola Doméstica fui sua aluna. Como professor de religião, ele não se limitava a nos falar apenas sobre o mistério da Santíssima Trindade, mas da obra de Deus como um todo. Por suas lições, fiquei sabendo que todo ambiente da sala de aula estava repleto de sons inaudíveis. Porém um simples transistor poderia captá-los (o rádio transistor era a novidade tecnológica da época).

Com as folhinhas dos dias destacadas uma a uma, durante um longo período, eis que o bispo Dom Nivaldo Monte oficia a primeira comunhão dos meus filhos Edson e Lissa, juntamente com outras tantas crianças da creche da benemérita Irmã Lúcia.

Anos depois, numa tarde, véspera de um dia de eleições gerais, fomos encontrá-lo, eu e João, cultivando rosas em sua casa de Ponta Negra.

O encontro mais recente aconteceu na Academia de Letras, dele recebi o seu apoio, seu voto, a sua solidariedade acompanhando o resultado a cada momento, pelo telefone. A seguir, no nosso apartamento, João ofereceu-lhe um refrigerante – “Que refrigerante que nada, João Faustino, hoje quero uma dose de uísque”...

Por razões de saúde, ele não se fez presente à minha posse. Lamentei profundamente. Dias antes, havia comentado com os meus familiares que fazia questão da presença de Dom Nivaldo, pois para mim era a maior e a mais completa autoridade.

No hospital, pedi-lhe para ele ficar logo bom, para poder celebrar a missa dos 70 anos da nossa Academia. Ele afastou a máscara de inalação e me presenteou com o mesmo sorriso maroto, infantil e puro, como aquele que, à altura dos meus oito anos de idade, havia vislumbrado ao deixar o confessionário.

Ah! sim! Deixe que eu lhe diga: As palavras contidas nos seus livros são como pequenos grãos dourados que semeiam e revelam a sabedoria divina.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dom Nivaldo – O conselheiro

Jurandyr Navarro

O nascimento é ocasional? A religião católica doutrina ser o homem um predestinado, trazendo na alma a determinação prévia da sua finalidade aqui, no mundo terrestre.

Todavia, a sua caminhada não será, necessariamente, retilínea, em busca da meta previamente programada, podendo a sua conduta sofrer deflexões, ao longo da sua existência.

Quantos vultos ilustres da humanidade tiveram mudanças radicais no trajeto de suas vidas! No seio da Igreja é exibido casos inúmeros dessa natureza. Santo Agostinho, São Paulo, São Francisco, para falar somente de três deles, tiveram experiências contraditórias no curso da existência.

No entanto, por serem predestinados a cumprir missão de relevância, teriam de mudar a razão do seu viver.

Outros, porém, seguem uma direção uniforme, sem percalços de ordem moral e intelectual.

Aplica-se esse último caso à vida de Dom Nivaldo Monte, desde a sua educação recebida no Seminário, que os seus dias refletem uma caminhada condizente com a lógica da sua personalidade, impondo-se o equilíbrio em suas ações. Estudioso, desde a adolescência, o seu projeto intelectual não sofreu solução de continuidade, subindo sempre os degraus da instrução formal. Docente no Seminário, na Escola de Serviço Social e na Universidade.

A sua formação intelectual ele deve à influência dos irmãos mais velhos, Luiz e Sebastião, e de ter participado, com o passar do tempo, da atmosfera cultural, a começar pelo ambiente do próprio Seminário que, até à sua geração, constituía-se num centro irradiador da cultura clássica, cujas colunas de fogo tinham os nomes de Estevam Dantas, Luiz Monte, Adelino Dantas, Emerson Negreiros e, mais tarde, Manoel Barbosa.

Convivendo ao lado dessas celebridades intelectuais, o acadêmico Nivaldo Monte consolidaria, pelo estudo continuado, uma mente receptiva a conhecimentos elevados.

Pertence às mais importantes instituições culturais do torrão potiguar: Academia Potiguar de Letras, a Norte-rio-grandense de Letras e foi membro do Conselho Estadual de Cultura, na qualidade de conselheiro-fundador, ao lado de Câmara Cascudo, Dorian Gray, Américo de Oliveira Costa e Alvamar Furtado, nomeados que foram pelo governador Walfredo Gurgel, o criador do referido Conselho.

Na carreira eclesiástica foi padre, cônego, monsenhor, bispo e arcebispo. Teve brilhante desempenho como sacerdote, atuante, também, como confessor espiritual, não somente pelo conhecimento das disciplinas eclesiásticas, mas, sobretudo, pela condição de estudioso da psicologia. Possuidor dessa preparação, pôde, com a morte do irmão sábio, substituí-lo como dirigente da Juventude Feminina Católica, movimento de efervescência

salutar, durante os pontificados de Pio XI e seu sucessor. Visavam esses movimentos manter acesa a chama crepitante do catolicismo, implantando a sua doutrina na alma da juventude.

O então padre Nivaldo substituiu o irmão, falecido prematuramente e que organizara esses movimentos da Igreja de Natal, determinado pelo bispo diocesano Dom Marcolino Dantas.

Deixando a Juventude Feminina, assumiu a direção da Escola de Serviço Social, fundada por ele e outros abnegados. Daí, passou à Universidade, com a incorporação da mencionada escola.

Alçado ao episcopado de Aracaju, foi forçado a deixar Natal, retornando, depois, para permanecer como prelado durante 16 anos, tendo realizado eficiente administração à frente da Igreja do Rio Grande do Norte.

Nas três linhas de ação da vida de Dom Nivaldo, ele alcançou glória invejável: na docência universitária, recebeu a veste talar de professor emérito; na área cultural, tornou-se acadêmico, por eleição, na Academia de Letras, e foi seu presidente; e no ministério sacerdotal, alcançou-se ao Sólido Episcopal.

Tal sucesso teria sido predestinação? A verdade é que Nivaldo Monte, o professor, o intelectual e o arcebispo, soube utilizar bem os talentos recebidos. Sem essa determinação volitiva, sem essa disposição pessoal, dificilmente a ajuda do Alto seria capaz de uma transformação. Deus ajuda; mas o homem terá de fazer, também, a sua parte.

Livros publicados, dentre outros: “Formação do Caráter”; “Clima”; “O Coração é para Amar”; “Se todos os Homens... conhecessem o dom de Deus”; “Toda Palavra é uma Semente”.

Como pastor, Dom Nivaldo Monte sempre usou a política da pacificação, da união e da concórdia. Pregou, sobretudo, a mansidão.

Concernente a esse vocábulo, assim se expressou o frei Valfredo Tepe, no seu livro “Sentido da Vida”: “A mansidão não se identifica com insensibilidade, com apatia, ou ausência completa de tendências agressivas. Ela refreia o ímpeto da ira. A mansidão ajuda ao homem controlar-se. Ela abrande a ira cujo ímpeto impede o livre julgamento das verdades pelo espírito.”

O acadêmico Nivaldo Monte foi um vencedor, tanto no ambiente sagrado como no mundo profano. A sua empatia contagiante, através da simplicidade, a todos conquistou, ora representando a Igreja, ora o ensino, ora a cultura.

Como sempre, razão assiste a Jesus, quando proclamou no seu áureo discurso – o Sermão da Montanha: “Os mansos possuirão a terra”.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A cidade e o seu pastor

Vicente Serejo

Foi na velha Rádio Rural que conheci Dom Nivaldo Monte. Como também foi lá que conheci Rejane, minha mulher, a moça que chegara de Paris há pouco tempo, e que no seu programa ao vivo tocava canções dos Beatles e falava de coisas modernas. Lá, a cidade ouvia a voz do seu pastor, nas noites de domingo, quando a emissora transmitia a missa do bispo diretamente da catedral antiga, na praça André de Albuquerque, a que meu pai assistia todo de paletó e gravata.

Mas ali, naquela pequena mesa, quando nos encontramos para conversar, e ouvindo Dom Nivaldo Monte tantos anos depois, foi diferente. Não era o Senhor Arcebispo. Era

como se aquele homem, franzino e miúdo, de repente se iluminasse. E com seus olhos acesos, o riso ingênuo no traço dos lábios e as mãos puras, operasse o milagre de fazer renascer o menino guardado no seu próprio coração. Só para reviver as paisagens líricas que não voltam mais, como quem tenta aprisionar, com laços de ternura, aqueles dias idos e vividos de que falava Machado de Assis.

Quando nos despedimos, acompanhei seu caminho até o carro. A camisa azul na tarde azulando, os suspensórios, o passo leve e firme. Depois, já em casa, mergulhei na leitura de sua prosa poética. Tão leve, intercalada de vez em quando pelos sonetos e poemas que ele vai polvilhando ternamente, como se envolvesse o poeta com o perfume humilde dos resedás para que, assim, não se apresente com o orgulho natural dos homens quando cantam sua aldeia.

Essa louvação a Natal esconde, por trás do arvoredado literário, os jardins da infância de Dom Nivaldo Monte. E ainda revela, para quem se dispõe a enfiar o olho por entre os galhos dos bogaris e manjeronas, o poeta que se desprende das árvores como um fruto maduro, e cai. E sobre o branco das páginas e das retinas, numa liturgia de luzes e de cores, lembra das festas da cidade, dos meninos andeijos e das “labaredas brincando de esconde-esconde entre as achas de lenha seca”...

E com que delicadeza, quase sem tocar as coisas reais, vai bordando no viés das doces lembranças as quadrinhas populares, os hábitos e os costumes, as velhas tradições da cidade. E nada esquece, no arco de sua visão grande angular: a Fortaleza no seu silêncio de pedra, a passagem do Graff Zepelim, os sítios, os aviadores do Atlântico, a guerra, as igrejas antigas e até o palacete dos Roselli onde os ouvidos do menino ouviram pela primeira vez os acordes mágicos de finos violinos.

A prosa de Dom Nivaldo Monte é tocada daquela mesma magia encantadora que trescalava das crônicas de Dom Hélder Câmara – o camarada de Deus, como dizia Hermilo Borba Filho – escritas e lidas por ele na velha Rádio Olinda. Depois elas foram reunidas em livro – Um Olhar sobre a Cidade, pela Editora Civilização Brasileira, a convite de Ênio Silveira. Em cada olhar, uma lição de vida no milagre de merecer de Deus a bem aventurança de viver e de sonhar.

A leitura desse livro, que tem a brevidade das coisas mágicas, é um mergulho profundo no olhar de um homem singular que olha sua cidade na companhia de Deus.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dom Nivaldo, meu pastor e meu amigo

Dorian Gray Caldas

Dom Nivaldo Monte, com a autoridade que lhe conferem os dotes do coração e da sensibilidade, escreve “Minha Cidade Natal e Eu”, e ele em pessoa se apresenta pastor do rebanho humano, simples e puro como manda o Evangelho; coração atento, alma aberta ao sopro do Divino, palavra de profundo acento, sábio na palestra, iluminado pela graça de ser bom (predicado ou condição maior do ser entre coisas diversas e deveres), vivido pelo tempo e nunca dividido, perempto, correto, a digna participação do sacerdócio e seu exercício.

Assim sempre o vi. Assim, aproximei-me dele sem que soubesse, nem notasse a minha insistência em conhecê-lo. Já fiz capa de seu livro: o traço odeia, àquela época, contornar sua figura fina e breve: pássaro. O sentido humano que continham seus poemas e

suas orações e ainda não podia acompanhar, e fui discreto. Ao sábio, não é de bom tom ter um iniciante essa ousadia. Sei de sua eloquência, seu poder de convencimento, sua força interior. Em seu peito, abrigam-se catedrais. Sei que pelo verbo, Deus se faz presente. Esta presença de Deus erat verbum diz João (cap. I. v. 1º), e o pastor sabe que pela boca a alma diz prodígios. Faz prodígios. Seja, meu pastor, os campos que plantados dão bons frutos, que os conselhos bem firmados são milagres.

Diz Jung que “é impossível formar um quadro claro do que somos como um eu”, mas podemos muito bem formar um quadro muito nítido do que são pessoas, assim como o nosso pastor Dom Nivaldo Monte para todos nós os seus admiradores e, se possível, a alma.

Diz Raissa Maritain “j’ai remis mon esprit entre les mains de Dieu”. Tal entrega, nessa confiança, está a verdadeira condição do cristão, tudo o mais vem naturalmente sem o açodamento da vaidade nem a constatação do milagre. Constrói tua casa “com as tábuas de cedro”, diz o Livro dos Reis (cap. III, v.7), para que recenda o perfume do cedro e a alma viva em seu perfume a graça que se evola da essência. É na essência das coisas mais simples que mora o mistério intocado de Deus: sua substância. Fugam das químicas; procurem debaixo de suas sandálias o pó que é sábio. Ele nos diz o quanto custa ao homem a vaidade.

Dom Nivaldo sabe disso, quando escreve e quando vive, respira e pensa, sonha e atinge seus discípulos. Esta a verdade de sua mensagem sobre Natal, que ele ama, assim também, amo esta cidade; com este amor de minha aldeia que prioriza seu rio e seu mar; seu casario e seus becos; sua estrela da manhã e suas crianças indormidas; os pobrezinhos de Deus desabrigados, aqueles com quem São Francisco certamente ainda estaria repartindo o pão e a água, na elegia simbólica dos pássaros e dos peixes. Não precisa o homem do pão bíblico do qual nos fala a Santa Ceia? E o vinho não foi tão importante nas bodas de Canaã, que Cristo antecipou o milagre para atender à sua mãe?

Existe um profundo significado em tudo isso. Amando as referências de sua aldeia, sua casa, sua árvore, o sino do campanário, a torre da matriz, ontem indicando os navios chegando ao porto; lendo comovido versos de Palmyra Wanderley, ao tempo no qual floriam ainda as pitangueiras (ainda estão florindo as pitangueiras nestes novos tempos duros?): Pedra e sentimento? E este sabor da saudade, amargo e doce de uma Natal em suas

crônicas de encanto e na sua elegia: caetaninho, tás morto? Ou tás dormindo apenas profundamente, como nos versos de Bandeira?

Quem poderia prever que o grave e bom Dom Nivaldo falasse coisas assim, filigranas da rua Camboim, em cujas calçadas altas de nível desigual, à noitinha, ouvia-se histórias da carochinha, onde, certamente, Seu Tomé, vendedor de mel de furo, com uma lata de Querosene Jacaré cheia de mel, vendia para a meninada, meio quarteirão de mel por dois vinténs. Não se fazem mais pessoas assim neste mundo de Deus. Da Fortaleza dos Reis Magos ao calvário de André de Albuquerque, Senhor de Cunhaú, da Redinha à Limpa, os barcos com suas levantadas proas cortando o rio Potengi; o peso da água na travessia dos seus barqueiros morenos das cantigas de Othoniel Meneses, nas noites de goma dos versos de Itajubá, e aquela lua enorme, abissal, que ronda os hospitais, e que também encanta os namorados, vem por trás da galharia como nos versos de Noel ou trovas de Fabião das Queimadas; nasceu mais cedo nos quintais e nos sítios suburbanos.

Meu querido pastor. A cidade o consagra pelo bem que lhe quer todas as horas; assim amo também esta cidade, na qual vivo e espero ser por ela e nela encerrar meus cantos, meus fados, meus cansaços e meus versos.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, artigo publicado na Tribuna do Norte em 02 de abril de 2006.

O intelectual

Itamar de Souza

Foi um ser humano possuidor de uma personalidade riquíssima. Era, ao mesmo tempo, um homem de ação e de reflexão, telúrico e transcendental, amante de Deus e da terra que lhe serviu de berço.

Fui seu aluno de História Natural, quando, nos idos de 1957, cursava o 3º ano ginásial no Seminário de São Pedro. Naquele tempo, ele já manifestava para nós a sua preocupação com a formação intelectual dos futuros sacerdotes. Não resta dúvida de que

isso era conseqüência do convívio com o seu irmão, o Cônego Luiz Gonzaga do Monte, um gênio de comprovado saber múltiplo, admirado por todos os seus contemporâneos, falecido, precocemente, aos 39 anos de idade.

O perfil intelectual de Dom Nivaldo pode ser sintetizado em duas vertentes: o humanismo cristão e o amor a tudo o que diz respeito ao Rio Grande do Norte. Assim, a educação integral do homem e a formação da sua personalidade foi a sua constante preocupação como intelectual e sacerdote. Seu livro de estréia – Formação do Caráter -, publicado em 1945 (e que está merecendo uma reedição), plasmou a personalidade de milhares de jovens. Nele são abordados, com beleza de estilo e profundidade filosófica, diversos valores imprescindíveis à formação humana e cristã do ser humano, tais como o amor à verdade, a educação da vontade, a firmeza de atitudes, a lealdade, a sinceridade, a fraternidade, o bom uso da liberdade, a capacidade de discernimento, enfim, os eternos valores do humanismo cristão.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, artigo publicado em O Jornal de Hoje em 24 de novembro de 2000.

Saudação (*)

Enélio Lima Petrovich

Dom Nivaldo Monte, erudito, simples, espontâneo, solidário, amante da natureza e da botânica, debruçado na flora fascinante, como presente do Alto, escreve: Fome! Por quê?, em edição primorosa.

E o servo fervoroso de Cristo, com a magia de suas palavras, sente e compreende o flagelo que assola o universo, numa realidade voraz e contundente.

É tema empolgante e, sobretudo, cruel, ferindo e matando milhões de criaturas pelo

mundo afora. O consolo, no entanto, poderá emergir depois.

E como mensageiro da Fé, arauto do Humanismo, peregrino da Caridade, Dom Nivaldo Monte discorre, em estilo ameno e próprio, magistralmente, acerca de alguns aspectos circunstanciais do enfoque que escolheu e aborda.

São segmentos sóbrios e diretivas convincentes que tocam em nossas almas, ministrando-nos lições de experiência, sob a inspiração da sabedoria e do sentimento de amor ao próximo.

Lendo, assim, *Fome! Por quê?*, a gente percorre até caminhos íngremes, tortuosos, alcançando a contemporaneidade sofredora e contraditória.

Melhor quisera, abaixo do sol, restaurador e contemplativo, proclamar que Dom Nivaldo Monte, através de conceitos exuberantes, oferece-nos uma dádiva dos céus, traduzindo e irradiando o seu saber e a sua inteligência em prol de uma humanidade menos sofrida, mais fraterna e feliz.

Viável, de igual modo, fluir à mente e ao espírito de cada um de nós o Evangelho de Jesus, através de São João: Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome...

Afinal, sobrelevam o registro de aplauso e a convicção de que as pesquisas de Dom Nivaldo, quase jovem nonagenário, arcebispo emérito, nosso confrade, conselheiro e amigo, samaritano do bem-querer, imortal, enfim, continuam espargindo, graças à sua humildade e resignação, como exemplo de uma vida fecunda e cristã.

Por tudo isso, então, Dom Nivaldo Monte, em romaria lírica, benfazeja e cultural, queira receber, em nome de seus incontáveis admiradores e discípulos, o amplexo maior da amizade e do respeito, desejando-lhe felicidade, sucesso, saúde e paz, sob as bênçãos de Deus.

(*) Saudação lida no lançamento do livro *Fome! Por quê?*, realizado no pátio da Catedral Metropolitana, em Natal, 15-11-2003

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dom Nivaldo – o meu amigo médico

Ricardo Bittencourt Leite

Tive a imensa satisfação de conhecer e conviver pessoalmente com D. Nivaldo Monte, quando, há cerca de 18 anos, ele entrou pela primeira vez em meu consultório médico.

O sorriso exuberante e constante, a voz terna porém firme, a simplicidade e tranqüilidade em relatar os sintomas que o acometeram foram as características que marcaram esse nosso primeiro encontro.

Dom Nivaldo cativou-me profundamente, demonstrando ser um homem extraordinário, com uma sensibilidade ímpar, aguçada e um desejo imensurável de viver para servir o próximo. Logo nos tornamos amigos e pude constatar, nele, um grande aprendizado que havia assimilado ainda nos meus tempos de faculdade e residência: que o caráter de um médico é capaz de atenuar mais eficientemente a doença que mesmo muitos medicamentos.

Percebi que, em muitas de nossas consultas, eu me tornava naturalmente seu paciente e ele o verdadeiro médico em virtude de sua sapiência e caráter. Ele tinha o poder de transmitir uma paz que era um verdadeiro calmante. Conseguia mergulhar e perceber os problemas dos outros com uma tenacidade superior aos grandes estudiosos dos problemas da mente humana.

Era um pesquisador e estudioso fervoroso da psique humana, sendo considerado por muitos como um excelente psicólogo. Adorava a leitura filosófica e escrevia sobre o amor e as relações humanas como um dos apóstolos de Cristo.

Sabia acalmar, compreender, consolar, orientar, acariciar uma mão necessitada e atenuar o sofrimento daqueles que o procuravam como um verdadeiro médico humanista. Entre as suas imensas e inúmeras qualidades, Dom Nivaldo conseguia transformar seus pensamentos, que eram brilhantes, em ações contumazes e efetivas, tornando-se, a cada dia que envelhecia, mais jovem em idéias.

Entre outras características, era um grande amante da natureza. Adorava conversar com as rosas, cuidar e regar suas hortas e plantas com um carinho tal como se fosse um rebanho de fiéis.

Seu último desejo foi contemplado, pois agora seu corpo descansa na paz e no sossego de um jardim, como também ao som do gorjear dos pássaros que ele tanto amava. Tenho certeza que, lá do céu, “Ele” estará influenciando a nossa humanidade para tornar o nosso país mais justo e fraterno.

Dom Nivaldo tinha um desejo de viver imensurável e fez tudo que estava ao seu alcance para prolongar a sua vida, pois seu inconsciente sabia do que podia fazer pelos semelhantes. Contudo, pude constatar que ele nunca demonstrou qualquer receio de encontrar-se com Deus.

O nosso estado perdeu um homem extraordinário, que deu tudo o que tinha de dar e fez tudo o que tinha que fazer, principalmente no anonimato.

Particularmente, eu não perdi apenas o grande homem. Perdi, juntamente com os seus familiares, principalmente os mais próximos, os quais se tornaram meus amigos, um grande mestre e amigo, perdi também o conselheiro, orientador, confidente e um “médico” extraordinário .

Um grande abraço “nego veio”, e descanse a paz dos justos.

- Médico cardiologista.

Dom Nivaldo – um amigo solidário

Vicente Modesto de Araújo Júnior

Quem é ou foi médico em Natal, seguramente, ao longo do tempo, teve oportunidade de presenciar Dom Nivaldo Monte visitando doentes internados nos diversos hospitais desta cidade, a qualquer hora do dia ou da noite, fosse sábado, domingo, feriado ou dia santo.

Dom Nivaldo sempre foi um homem prestativo e levava sua palavra de amor e esperança àqueles doentes tão carentes de sua mão amiga e do conforto espiritual que ele proporcionava. Era um verdadeiro enviado de Deus a atenuar o sofrimento do seu rebanho.

Lembro-me, certa vez, na segunda metade da década de setenta, eu ainda estudante de medicina encontrava-me de plantão como estagiário na UTI do então Hospital Miguel Couto, hoje hospital Onofre Lopes quando, num sábado de manhã, chegou Dom Nivaldo para visitar o Dr. Aluizio Bezerra que estava internado em estado grave na UTI, vitimado por um acidente vascular cerebral. Presenciei ali o pastor solidário e presente no momento difícil do amigo enfermo. Visitou, fez perguntas sobre o estado de saúde dele, orou diante do leito do paciente em coma, abençoou-o e saímos em silêncio para a sala ao lado.

Disse-lhe que há vários anos assistia às suas missas dos domingos na catedral metropolitana às 5 horas da tarde e que era grande admirador de sua pessoa e dos seus memoráveis sermões tão cheios de sabedoria e bons conselhos. Comentando que seria cardiologista, ele me afirmou que “testava” seu coração anualmente subindo o morro do careca em ponta negra, demonstrando assim sua ótima saúde cardiovascular.

Dali a pouco, ele partiu encerrando a visita, e eu tive a sensação que a UTI havia sido visitada por um santo, tal foi a paz que reinou naquele plantão, naquele dia.

- Médico cardiologista.

Nada sem Deus

João Maria Monte

O que sempre caracterizou as nossas infâncias foi o encontro diário de todos os filhos de Pedro e Bela, na casa do, então, mais velho, Orígenes. Quando não era noite chuvosa, as espreguiçadeiras eram todas dispostas no jardim e o papo rolava das 19 às 21 horas. Os adultos sentados nas espreguiçadeiras e as crianças brincando ou sentadas ao redor. Na época, não havia concorrência com a televisão. Os assuntos eram variados: acerca do dia-a-dia da cidade, das notícias do mundo, porém, impreterivelmente, falava-se em plantas e animais, em granja, e, nessa hora, era passada uma mensagem de reforço às crianças ali presentes do respeito que nós deveríamos ter com as coisas da natureza. Portanto, acreditamos que o nosso primeiro contato com os fundamentos do atual “Partido Verde” tenha advindo dos gostosos papos dessas noites. Outra característica era o estímulo para que procurássemos as respostas às nossas próprias indagações pesquisando obras da época, em especial no Tesouro da Juventude.

Do ponto de vista religioso, a maior característica de Niniu é a sua fé em Deus, tanto que conhecemos pessoas possuidoras de uma grande fé, pessoas que vêem Deus em tudo; porém Niniu vai além – não consegue ver nada sem Deus.

- Médico oftalmologista, sobrinho do biografado.

O pé de manacá

Marísio Almeida

Pus-me a pensar desde quando conheço Dom Nivaldo um pouco mais de perto e percebo que já tenho esse privilégio há, aproximadamente, trinta anos e, desde sempre, é para mim um mistério entender como tamanha figura humana acomoda-se em tão pequeno espaço físico. Desafiando os conceitos físicos, percebemos um conteúdo imensamente maior que o continente.

Sua figura miúda, em um primeiro momento não denuncia a enormidade do seu caráter, a inesgotável paciência, seu profundo humanismo e principalmente sua alegria de viver. Sua simplicidade não deixa transparecer seus conhecimentos em áreas distintas como teologia, filosofia, história, genética e botânica. Em sua granja em Emaús, onde ao redor incentivou o florescimento de uma comunidade, criou, através de cruzamentos diversos, uma variedade de bananeira que surpreende pela beleza e quantidade de seus frutos.

Uma vez o escutei relatando que estava passeando por sua granja quando sentiu um perfume vindo do mato e descobriu que o mesmo provinha de um pé de manacá. Sem conseguir conter seu entusiasmo, chamou algumas religiosas que se encontravam no local para presenciar aquela dádiva da natureza e, repentinamente, viram-se todos ao redor da árvore cantando e dançando, como que agradecendo a Deus pelo milagre da vida.

Inúmeras vezes assisti à sua autoridade silenciosa impondo-se ao barulho das pessoas em cerimônias, pois suas palavras são sempre esperadas com interesse. Suas homilias buscam transferir as verdades da religião católica que professa em palavras que sejam entendidas pela maioria das pessoas que o ouvem, sempre em linguagem simples, porém repleta de sabedoria.

Sob sua orientação pastoral atuou a Emissora de Educação Rural, que, como já denuncia o nome, buscava educar a população rural. Com o seu incentivo foi criado o Instituto de Teologia Pastoral, que busca difundir o estudo da teologia, bem como a formação de líderes religiosos católicos. A escola de assistentes sociais, também desenvolvida com seu estímulo, demonstra, além de seu interesse pelos problemas sociais, uma busca da solução dos mesmos, através de uma abordagem ampla, em que participam a identificação dos problemas, as causas externas que o determinam e a

busca da sua solução. Tal atitude demonstra o engajamento de sua igreja nos problemas sociais, sem, contudo, aderir a uma posição político-partidária.

Na maioria das ocasiões em que encontro Dom Nivaldo, eu o vejo alegre e a irradiar vitalidade aos que o circundam, como a querer expressar sua felicidade pela vida. Não apenas pela sua vida, mas pela vida que se manifesta nas pessoas, nos animais, nas plantas, enfim, na natureza, esse milagre de Deus que se expressa primordialmente pelo movimento.

Em um jantar em que Dom Nivaldo estava presente, eu comentei meio filosoficamente que quem perde a capacidade de sonhar não vive mais e talvez nem saiba disso. Ele concordou dizendo: “Nego véio, você tem razão, quem abandona seus sonhos, abdica da vida.” Saímos do jantar e fomos assistir à Missa do Natal que seria por ele celebrada e durante a homilia escutamos Dom Nivaldo falando de vida, de sonhos e de esperanças.

- Médico oftalmologista.

O Papa faz bem

Monsenhor Lucas Batista Neto

Conheci Dom Nivaldo no dia em que foi nomeado bispo auxiliar para Aracaju. Eu era seminarista da Diocese de Caicó, estudando o segundo grau, aqui no Seminário de São Pedro, em Natal.

Estávamos todos no salão de estudos quando chegou a notícia que padre Nivaldo havia sido escolhido para bispo. Ficamos aguardando a sua chegada ao Seminário. Fomos todos para a sala de recepção, na entrada do prédio da avenida Campos Sales, receber a bênção do novo bispo. Ele muito humilde, falou para nós dizendo: “Sempre rezei para ser bispo. Desde menino pensava em ser. Numa dramatização desempenhei o papel de um bispo. Quando chegou a carta da nunciatura, eu disse logo: Eu quero. Ia bem dizer: não? Assim eu estava afirmando que o Santo Padre não sabia escolher. O Papa fez muito bem. Logo, eu sou digno, com a graça de Deus.” Essas foram as suas primeiras palavras para nós seminaristas. Eu fiquei impressionado. Geralmente, estávamos acostumados a ouvir, que a pessoa não esperava, nunca pensou, não é digno, teve que aceitar... E assim cada um sabe de si.

Passaram-se 43 anos dessa nomeação de Dom Nivaldo para bispo.

Hoje, agradeço a ele estar aqui participando desse presbítero da arquidiocese de Natal, que no dizer de Dom Nivaldo: “Tenho o melhor clero do mundo”. Ele sempre dizia isso. E o que me motivou vir para a arquidiocese de Natal foi justamente essa maneira bem humana do seu acolhimento às pessoas.

Quando falei para ele que queria pertencer ao clero de Natal, ele me ouviu e disse somente: “Vá falar com Dom Tavares. Dê uma explicação para ele. Comunique a ele que você quer pertencer à arquidiocese, já que sua família esta morando aqui em Natal.”

A partir daí, fiquei muito ligado a Dom Nivaldo e ele sempre me deu muita atenção. Foi quem me ordenou e permitiu que eu ficasse numa experiência de vida de comunidade com mais três presbíteros e duas religiosas, tendo à frente monsenhor João Penha Filho, grande homem de Deus, na região de Macau, Pendências e Vale do Açu.

Após dois anos, houve a eleição do cônego Antônio Soares Costa para bispo auxiliar de Natal e, então, Dom Nivaldo concordou que eu viesse compor a equipe sacerdotal das paróquias integradas da Catedral e Santa Teresinha. Isso aconteceu em

abril de 1972. Éramos a equipe dos cinco. Dom Costa, monsenhor Agnelo, monsenhor Assis, padre Otto Santana e eu. Trabalhamos numa experiência pastoral que muito me ajudou e me apoiou no início do meu sacerdócio. Devido ao acúmulo de trabalho, fui acometido de estafa muito grave. Não se sabia muito bem o que era stress na época. Mas, em Natal, havia um grande médico que curava qualquer pessoa de qualquer doença, chama-se Dom Nivaldo Monte. Aí, falei com Teresinha Vilar que pedisse a Dom Nivaldo para eu morar com ele, por um tempo, na Granja Mirassol em Emaús.

Dom Nivaldo morava sozinho. Quase ninguém do clero o visitava. Foi a coisa mais acertada. Dom Nivaldo concordou e então começou a minha terapia. Tudo para ele está bom. É de um otimismo impressionante. Quando eu queria falar da doença ou da vida alheia, ele mudava sutilmente de assunto. Nunca ouvi falar mal de ninguém. Sempre ele consegue qualidades boas da pessoa para se referir numa conversa.

Com o passar dos dias, eu estava entendendo de plantas e das suas experiências de botânica. Comecei a cozinhar para ele e pra mim. Tomávamos banho de piscina e aí conversávamos bastante. Cheguei a perguntar: Se o Santo Padre o escolhesse cardeal da Santa Igreja, o senhor aceitaria? Imediatamente ele respondeu: “É como queria! A vida mudaria muito, mesmo assim, aceitaria”. E trabalhando a terra, vendo plantas, andando com ele cada manhã pela granja e redondezas de Emaús, conversando, recebendo visitas de padres, religiosas e leigos amigos, a Granja Mirassol foi se transformando no que hoje é: casa de campo do clero.

- Administrador paroquial da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório.

Dom Nivaldo – um cidadão sobre um Monte

Padre José Freitas Campos

Recordo, anamnesticamente, o fato como se o mesmo eclodisse no hoje de nossas vidas. Era um tempo bonito de Deus! Cajueiros e mangueirais do vetusto casarão do Tirol mantinham o verdor de quem se dispõe a continuar produzindo frutos, doces frutos. A Igreja, em todo orbe, respirava o melhor clima trazido pelo sopro renovador que aquela imensa Assembléia dos Padres Conciliares dispunha-se receber, acolher e comunicar às suas igrejas locais.

Similarmente, os bons ventos de abril do ano da graça de 1963 anunciavam aos quatro cantos desta Igreja Particular: Monsenhor Nivaldo escolhido por João XXIII para bispo auxiliar de Aracaju. *Modus discendi*, este “exultet” significava que o seu laborioso empenho de formador, conselheiro, educador, pesquisador e, sobremaneira, de solícito pastor, agora se projetava transbordando fronteiras de nossa província. Em suma, ele iria adicionar forças e multiplicar talentos ao lado do notável Dom José Vicente Távora, um pernambucano de Orobó, que já trazia do Rio a sua fecunda experiência de pastoral com os pobres, mormente um plano de ação junto aos desfavorecidos, vítimas da exclusão social.

Rememoro aquele 21 de julho celebrado no Ginásio Sílvio Pedrosa, contíguo ao velho Ateneu. Havia gente vinda de toda parte. Até mesmo Dom Alberto Ramos, de Belém do Pará, seu colega de bons tempos do Seminário da Prainha far-se-ia presente. Foi uma cerimônia marcante, única e inesquecível. A posteriori, viria um ciclo de transição marcadamente inovador, no qual o Vaticano II abriria imprevisível caminho. Destarte, a figura mística, de aparência frágil, voz forte e gestos magnânimos que é Dom Nivaldo partiu em missão proclamando que “só o coração não limita o homem”. E voltou anunciando “ser feliz por estar no meio da refrega”. Vivenciando suas raízes telúricas, décadas a fio, sua ação pastoral fez projetar a Igreja do RN, do Nordeste e por que não dizer do Brasil, para além de suas circunscrições eclesiais numa verdadeira missão “ad-gentes”.

Lembro, outrossim, com fausto júbilo, a sua magna contribuição à CNBB como bispo responsável pela Ação Social e os Meios de Comunicação. A sua presença constante em inumeráveis encontros do setor fá-lo-ia proclamar, sinergicamente, que a esperança nunca morre, pois o amanhã será sempre um novo dia. Exemplifico: pouco

tempo faz, em colóquio com um sacerdote da diocese de Pelotas-RS ele declarou-me: “despertei minha vocação presbiteral lendo “Formando para a vida”, “Formação de Caráter” e tantos outros de sua lavra”. Fato é que o estimado pastor tem o precioso dom de colocar alma, coração e vida naquilo que fala, escreve e comunica. Nele tudo é graça!

Dom Nivaldo, seguindo pari passu as suas pegadas, como construtores da história desta Igreja quase centenária, encravada neste chão nordestino, queremos continuar este pacto com o desenvolvimento que na feliz expressão de Paulo VI é o novo nome da paz. E como não lembrarmos, neste contexto, a sua sensibilidade evangélica criando a Fundação Paz na Terra e o Serviço de Ação Urbana (SAUR) em nossa arquidiocese? Jamais podemos olvidar a sua incomensurável colaboração junto ao MEB e mais ainda na presidência da CÁRITAS Nacional, que, em maio deste ano, outorgou-lhe medalha de honra entregue a Dom Matias, na 44ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaiçi-SP.

Por esses feitos e tantos mais que o coração de Cristo registra, queremos augurar-lhe, ex corde, cento e quinze felicitações, (o número atual do nosso clero) e um milhão e meio de preces pelo XXXXIII aniversário de sua Ordenação Episcopal. Que o seu e nosso viver seja sempre Jesus Cristo: “Mihi vivere Christus est”. Parabéns!

- Pároco em São Sebastião.

Caminhos de santidade

Monsenhor Francisco de Assis Pereira

Diante do exemplo de tantos homens e mulheres que, durante a sua existência terrena, deram um admirável testemunho de santidade, com gestos até heróicos e extraordinários que impressionaram o mundo, como Francisco de Assis e Teresa de Calcutá, ficamos pensando que a santidade é algo inatingível para o comum dos mortais, onde nos situamos.

Na verdade, todo cristão é chamado à santidade. O Concílio Vaticano II, no seu documento mais importante sobre a Igreja, dedica um capítulo inteiro à “vocação universal à santidade na Igreja”. A santidade é um dom do Espírito Santo, que todos nós recebemos no Batismo, e um fruto da graça que Ele produz nos fiéis. Evidentemente, é um dom que exige uma resposta do homem: sem a colaboração e o esforço da pessoa humana, a graça permanece estéril.

Para viver o ideal de santidade, devemos aderir sem reservas à Igreja, pois ela é, por desejo de Cristo, essencialmente santa: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de santificar pela palavra aquele que ele purifica pelo banho da água. Pois ele quis apresentá-la a si mesmo toda bela, sem mancha, nem ruga” (Ef 5, 25-27).

Mas esta Igreja é feita de homens frágeis e pecadores e isso, às vezes, incomoda as pessoas que gostariam de ver na sua Igreja sempre o brilho da santidade e da virtude. Esta tensão entre uma Igreja santa e uma Igreja pecadora sempre existirá até o fim do mundo. O plano de Deus, porém, é que prevaleça santidade e que o bem vença o mal. A parábola do joio e do trigo mostra a coexistência dessas duas forças antagônicas até que triunfe, no final dos tempos, a vontade de Deus que é a santificação de todos e a unidade do gênero humano.

A santidade na Igreja não é uniforme. Há um fundamento que é a caridade, a mais bela e genuína expressão da santidade de todos os fiéis, de acordo com o palavra do apóstolo: “Deus é caridade e quem permanece na caridade, em Deus permanece e Deus nele” (1Jo 4, 16). A participação nos sacramentos, principalmente na Eucaristia, “fonte e ápice de toda a vida da Igreja”, é também essencial à santificação de todos.

Com este alicerce comum, cada um constrói o seu ideal de santidade de acordo com o seu estado de vida e a sua índole pessoal: os ministros da Igreja, bispos e padres,

através do exercício de suas funções de pastores; os religiosos, pela vivência dos conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência; os casados, pelo amor conjugal e pela fidelidade aos compromissos do matrimônio; enfim, todos os fiéis cristãos nas condições, ofícios e circunstâncias em que Deus os coloca.

Dom Nivaldo, nosso pranteado Arcebispo, nos seus livros de formação para a juventude, insiste muito em mostrar que a verdadeira realização do ser humano está na santidade. A santidade não destrói a natureza, mas a plenifica: “Erra quem destrói o homem para ser santo. Erra quem destrói o santo para ser homem.” (Clima). O atleta glorifica o corpo, o sábio sublima a inteligência, o herói fortalece a vontade, mas o santo realiza plenamente o homem. “O santo é o grande realizador. Nunca o homem se realiza com tanta intensidade que quando se santifica” (A Dor).

Com o seu testemunho de vida, Dom Nivaldo encarnou este ideal de santidade profundamente humana, valorizando tudo o que as pessoas têm de bom, tornando-se simples como uma criança, amando a Deus através da beleza da natureza e descobrindo Jesus, sobretudo, na pessoa do pobre: “Tudo o que fizestes a um destes pequeninos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes”. (Mt 25, 40).

- Pesquisador das causas dos mártires.

Homem de Deus

Dom Matias Patrício de Macedo

Dom Nivaldo era um homem de Deus; um homem consagrado a Jesus Cristo e ao seu Reino. Estou convencido de que ele via, sobretudo nos pequenos, a imagem de Cristo. Foram muitas as pessoas as quais ele ajudou.

- Arcebispo de Natal. Publicado em entrevista ao Jornal “A Ordem” em 19 de novembro de 2006.

Leveza e generosidade

Irmã Lúcia Montenegro

Sob seu olhar amigo, na foto que tenho sobre a mesa, recordo um fato transbordante de caridade.

Nestas lembranças ressalto as qualidades dessa virtude na sua pessoa. Presença, solidariedade, simplicidade... chegava na hora certa. Um dos meus filhos adotivos preparava-se para o casamento que seria precedido pelo Senhor. Onde morar o jovem casal?

Compreensivo e bom, Dom Nivaldo ofereceu um terreno em Emaús. Com a ajuda dos amigos, construímos uma casinha.

Alguns anos depois, circunstâncias diversas impunham a necessidade de uma moradia mais próxima do trabalho. Dom Nivaldo prontamente comprou a casa de Emaús, possibilitando a aquisição de outra nas proximidades do trabalho.

Deus o recompense pela incansável caridade.

Dom Nivaldo sabia ligar Céu e terra. Seu olhar físico beirava os olhos da Fé e vice-versa.

Fico pensando que esta atitude era a principal razão da leveza de sua conversa com os amigos.

Apreciava as florzinhas do campo e as belas rosas bem criadas nos jardins dos ricos, sempre louvando o Criador.

Lia os acontecimentos, analisava as ocorrências e o seu “Viver com Cristo” levava-o a concluir os conselhos: “Nosso Senhor toma conta de tudo”....

Não complicava, nem condenava. Ouvi muitas vezes repetir: “Só defunto não tem problemas”...

E concluíamos as conversas enriquecidas com a partilha de sua Fé, de seu Amor, de sua Simplicidade. Era bom conversar com Dom Nivaldo!

Formação de pessoas

Irmã Miquelina

A grande prova de que ele sempre esteve preocupado em estimular as pessoas através da educação foi o fato de ter iniciado a Escola de Serviço Social antes mesmo da universidade. Idéia pioneira formulada em parceria com sua tia, Alix Pessoa Ramalho e o jornalista Aluizio Alves.

- Publicado em entrevista à Tribuna do Norte em 11 de novembro de 2006.

Dom Nivaldo: um século. Um segredo

Edivan Martins

As estrelas acendiam fascinantes naquele começo de noite. Um baú intacto cravado a alguns metros do chão era depositário de mensagens e segredos, a serem desvendados cem anos depois. Os Reis Magos exsurgiam, sob a égide da luz, da história e da arte de Manxa. Ali estávamos, um seletivo grupo a convite da prefeita da Cidade, Wilma Faria.

Olhar solto por sobre os óculos. Mãos espalmadas próximas ao queixo, ritmavam um assobio, quase imperceptível. Parecia mais um ato cansativo e burocrático, menos para aquele homem que brotou das dunas e dos pomares desta terra.

Áquela boquinha da noite, fazia lembrar o primeiro florar das mangabeiras, do deslizar das jangadas, da bravura de Felipe Camarão, dos mistérios que povoam a fortaleza dos Reis Magos.

E diante de fidalgos que erguiam suas tendas, como guardiões da cidade, seu porte franzino contrastou com sua voz hercúlea; seus gestos lentos, com a rapidez de pensamento. Os criptos armazenados naquela prodigiosa memória desvendavam, como metralhadoras, a riqueza histórica do nosso povo.

É indissociável a imagem de Dom Nivaldo Monte com o “fruto sazonado de um sonho bem sonhado”. Um homem que singrou a história, a geografia humana, a poesia, a música, a literatura e a fé. E, durante nove décadas, pôde contemplar, servir e amar Natal.

Da Pedra do Rosário aos pés de Nossa Senhora da Apresentação, ele enxergou o belo natural e o feio social. Imagens inspiradoras do sermão e da poesia. Fome! “Por quê?”.

Viveu da telegrafia ao you tube. Das cheganças ao carnatal. Das mangueiras aos arranha céus. Do aloá de milho aos Pits e Macs. Da feira livre aos supermercados. Da penicilina à nanotecnologia. Das missas em latim à teologia da libertação.

Foi o bispo com quem mais convivi. Participei com ele e Dom Costa de vários encontros dos bispos do Regional Nordeste II, das reuniões do clero no Centro de

Treinamento de Ponta Negra. Sob seu bispado, militei na pastoral de juventude, integrei a equipe do Serviço de Assistência Rural, apresentei programas na rádio rural.

Com seu estilo moderado, a diocese avançou. Foi timoneiro da travessia de todo o regime militar. Com equilíbrio, conduziu o ímpeto dos jovens com sede de justiça e de transformar a sociedade. Com ele surgiram as cartilhas questionadoras e questionadas pelo presidente Geisel, as caminhadas pascais e jornais paroquiais denunciando injustiças.

Via o simples nascer de uma flor, com profundidade. Enxergava a dor como o fel que santifica.

Dom Nivaldo viu cair governos como mangueiras doentes, viu nascer, irradiada como um girassol, a democracia. Como a mangabeira ao sentir o punhal nas entranhas, viu das crianças e dos homens a lágrima da fome. Nos eucaliptos, quis encharcar-se d'água para irrigar campos e alimentar dignidades.

É impossível ir sem carregar as confissões de um povo que ajudaste a formar. De sentir o perfume das açucenas, jasmims e das chanas espalhado em tua memória. Do vento alísio soprando na face. Das alvas dunas que circundam a brancura de tua alma.

Um dia o segredo plantado no pórtico reluzirá como estrelas. Harpas entoarão hinos, jardins verdejarão e os aromas da liberdade invadirão os campos.

Um clarão acenderá a noite, ressuscitando resplandecente teu silêncio santo, a desvendar tua maior declaração de amor: o desejo de “uma Natal, eternamente linda, como um sonho de ternura”.

- Advogado, jornalista, católico militante e vereador de Natal. Artigo publicado em O Jornal de Hoje em 22 de novembro de 2006.

Dom Nivaldo Monte

Ivan Maciel de Andrade

Observação de Georges Bernanos (1888-1948) no “Diário de um pároco de aldeia”: “Creio, estou certo, que muitos homens evitam sempre comprometer seu ser integral, sua sinceridade profunda. Vivem à superfície de si mesmos; e o solo humano é tão rico, que essa delgada camada superficial basta para uma escassa colheita que dá a ilusão de um verdadeiro destino”. Pois uma das características fundamentais da personalidade de Dom Nivaldo Monte é que ele sempre esteve integralmente comprometido, e com a mais profunda sinceridade, tanto em suas atividades sacerdotais, como em suas preocupações literárias, filosóficas e científicas. Sua mansuetude, a alegria com que sabe conviver, até mesmo sua frágil aparência ocultam uma força interior, uma sólida determinação de manter-se fiel a valores, princípios, convicções que sabe sustentar e que o vêm sustentando ao longo da trajetória existencial. Com toda a lucidez que lhe permite perceber o sentido conflituoso e contraditório dos fenômenos individuais ou coletivos, não vacila, não transige na preservação de sua fé e do seu modo de ser, que se incorporaram de forma essencial à sua vida. Seus compromissos são consigo mesmo e, por isso, ele os preserva sem demonstrações públicas, que criem a estereotipada imagem de um místico ou de um engajado nas lutas sociais.

Mas nenhum tema – sobre o ser humano e a sociedade – lhe é indiferente, como revelam tudo o que escreveu e, ainda, as suas homilias. Para caracterizá-lo melhor, humanamente, nada mais válido do que comparar seus estudos eruditos e suas inteligentes reflexões com as trovas com que homenageia as árvores preferidas de sua granja. O incrível nessas atitudes é exatamente a sua recusa em assumir posturas ditadas pela moda, abdicando de sua forma simples e verdadeira de ser, em favor quer de posições político-ideológicas, quer do marketing religioso que, aos poucos e já agora vertiginosamente, tomou conta de seitas e templos. Nada disso o desfigurou, em qualquer fase da sua vida. Na verdade, a coerência parece não lhe custar muito: é espontânea, profunda.

O maior pecado, “o mais mortal de todos, embora seja o mais bem acolhido”, segundo Bernanos, é o que atenta contra a esperança. Talvez seja esse o pecado que Dom Nivaldo mais combateu, na condição de sacerdote, de ser humano, de escritor (quando, por exemplo, tratou da “fome” e da “dor” em duas obras de plena e vibrante atualidade). No seu sacerdócio, o papel que sempre assumiu foi o de deflagrar sentimentos de esperança, quer para enfrentar os grandes traumas do trágico cotidiano, quer para contagiar a todos com a força e a doçura de sua fé.

Georges Bernanos tem momentos de visão poética da natureza como esta: “Meu Deus! É preciso que o escreva. Penso nestas manhãs, nas minhas últimas manhãs da semana, no suave acolhimento destas manhãs, no canto dos galos – na alta janela tranqüila ainda cheia de noite, de cujo vidro, sempre o mesmo, o da direita, começa a raiar o dia... Como tudo isso é puro”. Essa mesma sensibilidade poética está presente no livro de Dom Nivaldo Monte sobre Natal e na seleção de poemas que ele denominou de “Gestos de fadário”. Natal é vista com tal amor e ternura que, ao escrever sobre a nossa cidade, Dom Nivaldo o faz sob forma de hino, de canto elegíaco ao prazer de respirar o “seu ar luminoso e puro”; à beleza de suas praias e de seus bairros; às suas tradições folclóricas; ao talento de seus poetas; à têmpera de seus primeiros homens públicos, que construíram “paradigmas de grandeza, não pela opulência de seus bens materiais, mas pela grandeza de seu espírito”. É o modo de ser “d’un curé de campagne”, encantado com a sua aldeia.

Embora Dom Nivaldo não demonstre a mesma angústia e inquietude com que Bernanos questiona a sua fé, eles têm em comum a certeza de que o “amor é mais forte do que a morte”. Diz Bernanos: o amor não está só nas “mãos de Deus – Ele é o próprio amor”. Creio que a capacidade de amar, intensa e abrangente, constitui o sentido essencial da vida de Dom Nivaldo Monte.

- Escritor, jurista.

Instrumento de convivência

Lúcio Teixeira dos Santos

Conheci D. Nivaldo Monte na década de 60, precisamente em março de 1963, quando cheguei a Natal para cursar o então 2º grau, na tradicional Escola Normal de Natal, a qual funcionava na Praça Pedro Velho.

Ao chegar à sala de aula, deparei-me com o professor de Psicologia Geral, homem simples, culto, competente e generoso que é D. Nivaldo. Lembro-me da sua maestria no uso das palavras e sua primeira e grande lição, quando afirmou. **“Toda palavra é uma semente.”** Posteriormente, essa afirmativa tornou-se o título de um dos seus livros, no qual demonstra a força, o alcance, a importância e o sentido verdadeiro da palavra, como instrumento efetivo de convivência entre as pessoas.

- Professor universitário, advogado.

Canções no colégio

Maria José Costa Delgado

Eu cantava para ele. As músicas eram escolhidas pelas Irmãs Eleonora, Angelina, Clemens, e mais amiúde, pela Irmã Auxiliadora, Madre Superiora à época. Esse tratamento de "Irmã" era regra obrigatória por parte das alunas e entre as próprias freiras. A Irmã Eleonora era a professora de Música, responsável também pelo Canto "Orfeon", composto de alunas por ela mesma selecionadas. Ensinava, ainda, canto, piano e acordeon.

Dom Nivaldo era o líder religioso daquele momento. Sua figura física, visivelmente frágil, em nada condizia com a força expressiva de suas palavras firmes, atitude e conduta equilibradas, que o tornavam respeitável diante daquela comunidade totalmente feminina, formada de religiosas (as freiras), as noviças (as jovens ingressas no convento) e alunas (internas e externas, conforme vínculo de permanência com o Colégio). Era um tempo de suave e inocente convivência. E Dom Nivaldo com sua presença marcante, único sacerdote a celebrar a Santa Missa, realizada diariamente na singela Capela do próprio Colégio, emprestava uma atmosfera de mistério e de curiosidade por parte de muitas alunas, inclusive eu, sempre que, ao término de cada celebração se dirigia a uma minúscula sala, contígua à Capela, com suas vestes litúrgicas impecáveis e que o tornava bem maior em tamanho e grandeza do que realmente o era.

Certa manhã, qual não foi minha surpresa, e susto também, quando em sala de aula, fui chamada a comparecer à presença de Dom Nivaldo. Uma irmã sorridente me aguardava e, conduzindo-me pela mão (não recordo o nome dela), percorria apressada o longo corredor que levava até à Capela. De repente adentramos juntas naquela sala que tanto nos impelia conhecer: o canto onde o sacerdote se refugiava após cada celebração da Missa.

A simplicidade e o cheiro de incenso apresentaram-me aquele local como um ambiente santo: um belo crucifixo numa das paredes, uma pequena mesa, uma única cadeira de recosto, um armário antigo onde, através de divisórias de vidro, viam-se as lindas vestes litúrgicas. E, bem ali, sentado, tomando, penso, seu café matinal, um homem magrinho, meio encurvado, vestido de batina preta, recebe-me com um semblante alegre e diz: "boa menina, cante para mim a canção de Marcelino Pão e

Vinho!” “Sim senhor”, respondi-lhe Comecei baixinho, sentindo faltar o fôlego, já comprometido pelo rápido percurso. Um medo terrível de errar a letra, decorada há poucos dias, após assistir ao filme, de mesmo nome da canção, passado recentemente na cidade. Foi quando, timidamente, resolvi olhar para o Monsenhor Nivaldo, como era assim chamado naquele tempo, e o que vi mudou por completo o meu ânimo: em movimentos rítmicos de cabeça e de mãos, ele marcava o compasso da música, dando-me a noção de está sendo acompanhada por sua marcação de maestro. Recordo perfeitamente a expressão de seu rosto, que mais parecia o de um menino e nisso muito o ajudava seu característico componente físico, moldado, sempre, por um sorriso constante e olhar atento. Então, incentivada por essa sintonia musical decido-me, já mais confiante, a bisar a canção, o que resulta na completa soltura da minha voz, empolgando, por completo, o jovem sacerdote, ao ponto de passar a tal marcação para os seus pés. Uma visão inesquecível de sua vivacidade e gosto pela música. Hoje, arrisco-me a pensar que teria sido o Monsenhor Nivaldo um bom dançarino.

Era essa uma época de tranqüila e inocente convivência. Uma aluna encontrar-se na presença de um sacerdote era uma dávida, uma promessa de santificação. E foi exatamente o que Dom Nivaldo proporcionou-me ao aproximar-se, colocando suas mãos sobre minha cabeça e declarando a seguir: “menina, a partir de hoje, você passa a ser o rouxinol do Colégio “Nossa Senhora das Neves”. E sempre que eu puder lhe chamarei para vir cantar aqui”.

Duas Irmãs presentes, um pouco afastadas, auxiliaram-no nas palmas, quase imperceptíveis e por mim, naturalmente, quase inaudíveis, tamanha a emoção que sentia. Um privilégio de poucas alunas adentrar naquele local, um refúgio para um sábio e humilde sacerdote que tanta importância dava à música e a uma adolescente, assim como eu, fazendo-me realmente acreditar, nos meus 14 anos, ter um canto semelhante ao de um pássaro, tão afinado como o rouxinol. A partir daí tive que ser preparada pela Irmã Eleonora para outras canções de sua preferência, o que me fazia caprichar nos ensaios e na interpretação com todo entusiasmo e capricho. E ficava sempre na expectativa do destacado convite, torcendo até com oração para que tal ocorresse nos dias de aula de matemática, desejo que jamais foi atendido. Um dia, confessei-lhe esse fato ao que sorrindo gentilmente me aconselhou: “melhor mesmo é estudar! Matemática não é nenhum bicho e com os números se aprende a contar”. Mas foi com muito esforço que venci a matéria concluindo finalmente o Curso Ginásial.

É esse o espírito que guardo do nosso querido Dom Nivaldo: a imagem de um sacerdote predestinado a valorar a qualidade, melhor, do ser humano; de ser um incentivador de jovens e adultos no que de melhor possa desenvolver em suas virtudes e aptidões; um crítico encorajador na formação do caráter e nas ações justas que auxiliem um viver melhor e mais harmonioso entre todos os semelhantes.

- Assistente Social, professora universitária.

Senhor tolerância!

Edna Rangel

Quando Dr. Diógenes falou-me que estava escrevendo um livro sobre Dom Nivaldo Monte e sugeriu que eu escrevesse algumas palavras sobre ele, fiquei pensando em como fazer isso se eu não o conheci pessoalmente. Como ele estava doente, sem receber visitas, resolvi, então, conversar com pessoas que conviveram com ele de perto. Conversei com muitas pessoas: padres, freiras, fiéis, leigos, pessoas comuns, católicos, evangélicos, não religiosos.

Um adjetivo era recorrente em todas as falas que descreviam a convivência com Dom Nivaldo: tolerante.

Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, “tolerância é a tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou grupos determinados, políticos ou religiosos.” A definição poderia ser aplicada a Dom Nivaldo, pois todos o descreveram como alguém indulgente, benigno, que admite e respeita opiniões contrárias à sua.

Outra característica recorrente foi “conciliador”. Dentre as muitas e variadas características descritas pelas pessoas com as quais conversei, como alegria, paz, bondade, felicidade, esta era, invariavelmente, citada por cada uma delas. O retrato que pude fazer foi de uma pessoa que punha em harmonia, em acordo, em paz, as pessoas, tanto umas com as outras como, principalmente, as pessoas consigo mesmas.

Uma das histórias que mais me chamou a atenção foi a de uma senhora (Não citarei nomes) que chegou à igreja para marcar uma audiência com Dom Nivaldo e foi logo atendida por ele. Surpresa, ela perguntou por que um homem tão importante a atendia assim sem mais nem menos, fácil, sem burocracias. Ao que ele respondeu: “Eu só sou importante porque estou lhe atendendo, pode falar”.

A mulher, sentindo-se mais segura, expressou: Dom Nivaldo, eu tenho rezado meu terço, feito minhas novenas, orações e jejuns em casa, mas não tenho vindo às missas, não sinto a menor vontade. Ele olhou para ela sorrindo e disse: “Pode continuar rezando, fazendo suas novenas, orações e jejuns e não vindo às missas, não tem nada demais nisso. Fique em paz”. E a mulher nunca mais faltou uma missa.

No final das minhas entrevistas pude ver um homem conagraçador, um homem tolerante e conciliador. Então, lembrei-me do capítulo 5 de Gálatas, no versículo 22, que trata dos frutos do Espírito: *“Mas o fruto do espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei”*.

Se só um breve contato com pessoas que conviveram com Dom Nivaldo Monte trouxe-me uma lição de vida, fazendo-me refletir sobre a tolerância, essa característica tão necessária e rara em nossos dias, nem posso imaginar o que seria poder desfrutar de sua companhia.

A humanidade está carente dos ensinamentos de Dom Nivaldo, de seus exemplos, de seu modo de ver a Deus, de ver ao outro e a si mesmo. Os vários tipos de violência que atormentam a humanidade em nossos dias, e em dias passados, decorrem, em grande parte, da intolerância do agressor, não só em relação à vítima, mas também em relação a si mesmo.

A vida de Dom Nivaldo Monte é a sua maior e melhor pregação do evangelho do Senhor Jesus Cristo. E contra isso não há lei.

- Escritora, professora universitária.

Comissão pontifícia

Horácio Paiva

Tenho que, na arte de viver, expressam sabedoria aqueles que sabem distinguir entre o principal e o secundário, mantendo a serenidade e a tranqüilidade de espírito (mesmo diante das adversidades, comuns na vida de todos), e estando, dessa forma, mais próximos também da felicidade.

A esse propósito, D. Nivaldo Monte não foi apenas um sacerdote, mas um sábio, um visionário, alguém que soube aliar o espírito contemplativo à ação.

Sêneca, um dos mais expressivos pensadores do estoicismo romano - filosofia, aliás, tão presente em nossa religião cristã - recomendava alternar o recolhimento e a vida social: *“Misturemos as duas coisas: alternemos a solidão e o mundo”* (in *“Da Tranqüilidade da Alma”* - XVII, 3).

A meu ver, portanto, o belo perfil existencial de D. Nivaldo continha esses dois lados: o contemplativo e o ativo.

Nesse último sentido, é inegável a sua profunda contribuição ao desenvolvimento educativo, cultural, político e social de nossa gente.

Entregue ao pensamento, à literatura e às reflexões, não se pode negar, também, que foi um vigoroso homem de ação. Aliado ao seu grande amigo, e também figura de proeminência na Igreja, D. Eugênio de Araújo Sales, é autor de inúmeros feitos exemplares, essenciais ao progresso e ao crescimento moral e espiritual de nosso povo. Criou, por exemplo, a Rádio Rural (Emissora de Educação Rural), utilizando-a como importante e pioneiro instrumento de alfabetização e educação em nosso Estado. Outra ação pioneira de sua lavra foi a fundação e instalação da Escola de Serviço Social (hoje integrada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte), primeira entidade de ensino superior, na espécie, em Natal.

Nos anos de chumbo da ditadura, quando um grupo de humanistas e democratas (Padre Pio, Dermi Azevedo, Elias Cabral Maciel, Rivaldo Fernandes e eu) lutavam contra a opressão e pela criação de um comitê de defesa de direitos humanos, encampou a idéia e deu-lhe forma até mais ampla, com a fundação da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, da qual fui presidente, primeira entidade estadual (mas vinculada ao Vaticano, daí *“Pontifícia”*) destinada à defesa dos direitos humanos. Movimento idealista e agregador, a ele somaram-se outros nomes, tornando-o ainda mais forte: Carlos Antônio

Varela Barca, Padre Vilela (Pastoral Carcerária), Adílson Gurgel de Castro (primeiro presidente), Marcondes Assis da Silva (Pastoral da Juventude), Marlúcia Paiva, Francisco Gomes, Oswaldo e Roberto Monte, e outros.

Era meu amigo e em várias ocasiões conversamos muito. Sobretudo filosofia, política, religião e poesia. Havia entre nós um elo de empatia, a identificação espiritual que tanto aproxima as pessoas. Mostrou-me manuscritos seus antes de torná-los livros. Certa vez, falava-me sobre a coragem e definia o corajoso não como aquele despojado do medo, mas que o dominara. Tema, aliás, que aborda em seu livro “Toda Palavra é uma Semente”: *“O problema, o verdadeiro problema não é ter ou não ter medo, mas, quando necessário agir, deixar-se levar pelo temor”*.

Dediquei-lhe uma tradução que fiz do “Noche Oscura”, do místico e grande poeta espanhol San Juan de la Cruz, para mim um dos momentos mais altos (senão o mais alto) da poesia em língua castelhana, que trata do encontro da alma com Deus, e cuja primeira estrofe (transcrita no original) associa, agora, à sua própria partida, após concluída sua obra, e estando em paz com Deus e com os homens:

*“En una noche oscura
con ansias en amores inflamada,
oh dichosa ventura!,
salí sin ser notada,
estando ya mi casa sosegada.”*

Em memória do amigo, em meio às ilusões do mundo e ao mistério, revela-me a poesia, na observação e confiança cósmicas:

*A realidade
é a opção
do provável.
O real
é Deus.*

- Poeta, advogado, fundador e ex-presidente da Comissão Justiça e Paz.

Obra do criador

Rebeca Monte

Dom Nivaldo não se deixava abater diante da certeza que tinha de que tudo era obra do Criador e que todas as coisas são mensageiras de Deus, tendo sempre algo a nos revelar. Dizia que “se formos verdadeiramente sábios, nada perderemos dos oferecimentos da vida. O amor, a beleza, a saudade, a verdade estão à nossa espera, num oferecimento constante à procura de quem por eles anseiam”. Também assim ensinava: “se podes, não fiques indiferente diante da beleza da vida. É preciso dizer aos homens que és um homem realmente feliz. Principalmente porque sabes que tudo coopera para o bem dos amados de Deus”.

- Promotora de Justiça, sobrinha-neta do biografado.

Cartas às alturas I

Ana Belarmina do Monte

“Oh que saudades que tenho,
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais.”

Niu,

Lembro-me ouvir de você pronunciar esses versos, que dizia ter ouvido aos oito anos de idade. Achei bonito e triste, mas eles não tinham, para mim, o mesmo significado poético que para você, que os tornava tão especiais. Hoje, depois de sua partida, veio-me à mente vários ensinamentos seus e entre eles esses que, embora inicialmente fossem tão sem significado, hoje me vêm como se falassem para mim da minha infância.

O bonito em você, além do seu todo, era a sua vontade de viver e a gratidão que sentia pela vida que Deus havia lhe dado. Em vários momentos da minha vida, ouvi dizer que a fonte da juventude estava no saber e querer viver a vida. Este era o seu lema, daí o por que, ao seu lado, eu sempre tinha a impressão que estava junto de uma criança.

Uma criança muito madura, culta, na verdade, um sábio. Que sempre tinha uma palavra amiga e bonita no coração para ser dita. E mesmo quando a gente ouvia o que não gostava, gostava de ouvir você dizer. Uma criança com uma inteligência sem igual, com uma fé indiscutível e com tanto amor no coração, que mesmo longe perto está. Uma criança que não podia se emocionar, mas como você mesmo dizia: “Impossível, não sou um toco!”

E agora, sinto falta da minha infância, a mesma perdida nos versos, que o tempo insiste em levar para longe, mas a mesma que o amor que tenho no coração faz ficar. Seria esse o significado poético que para você os fazia tão especiais? Seriam eles o retrato da saudade? Saudade, mistura de amor com amar; de querer reviver, viver e estar; de sentir, de abraçar, de sorrir e de cheirar; de falar, de ouvir e de lhe escutar.

Saudade do Niniu que sorria e cantava até quando não dava, procurando suas dores espantar; pois quem canta seus males espanta e se não espantava, pelo menos procurava transparecer a nós que você estava muito bem, mesmo quando não estava. Do

Niniu que celebrava missa e todos escutavam. Que gostava de tomar banho de piscina antes do almoço; que quando chovia não se escondia; que gostava do mar não só para olhar, mas para se molhar.

Saudade do Niniu que, num dia difícil, ensinava que era para agradecer sempre a Deus e dizia que, para acalmar, bastava contemplar a beleza das chanas nos canteiros da cidade.

Vou sentir saudade de ser chamada de Aninha, que, por sinal, só você me chamava e quando alguém me chamava de Aninha eu dizia: “Aninha não, Aninha só Niniu!” a Aninha que você dizia que se criasse juízo não prestava.

Um beijo “nego veio” e um abraço daqueles que só você dava, debruçando a cabeça no ombro amigo de quem lhe abraçava. Um “xêro” no olho e um aperto na orelha; da sua Aninha doidinha. A Aninha de Niniu.

- Fonoaudióloga, sobrinha-neta do biografado.

Cartas às alturas II

Andrei Medeiros de A. Lima

Viver...

Da análise introspectiva do caráter à singela beleza vegetal. Recrutar admiradores, seguidores de suas palavras, verdadeiros devotos em meio a tempos tão conturbados de movimentos sociais, diversidades religiosas e globalização. Representar o povo em suas naturezas mais sublimes: a abnegação, a doação e a fé.

Pesar para tão pouco tempo de contato em uma vida plena e repleta de feitos que, muitas vezes, são de conhecimento exclusivo de histórias e relatos, porém imersa em conselhos, retidão e resignação, sem nunca deixar de lutar e buscar na vida o que ela pode nos oferecer de melhor: o crescimento pessoal e contato humano.

Relembro de Dom Nivaldo Monte como um mensageiro, mesmo que por muitas vezes isento das palavras, mas íntegro e correto em olhares e gestos que transbordavam rios de conhecimentos... Saudades, amizade e eternas lembranças.

- Médico nefrologista

Cartas às alturas III

Cris

A primeira reação que me veio à mente, quando soube de sua partida, foi pedir a Deus que os médicos estivessem enganados, que tudo não passasse de um sonho ruim. Que “Ele” não nos privasse da sua luz de guia. Que “Ele” não nos deixasse entregues aos nossos próprios destinos. Mas, concomitantemente, surgiu-me também ao pensamento as palavras ameaçadoras do nosso Amigo Maior, que disse certa vez: “Retira-te, sataná, não provoques escândalos porque não tens amor as coisas de Deus.” E aí, calei.

Hoje ao ler, no livro de Diógenes – “O Semeador de Alegria”, o depoimento de tantas pessoas que lhe dedicam amor e gratidão, resolvi atender o pedido do nosso amigo comum e tornar público o muito que o senhor foi, é e sempre será para mim: “O meu tudo”.

O senhor ensinou-me muita coisa. Ensinaamentos estes que me foram decisivos em certas variantes da vida, e sobre eles não adiantava contradizer-lhe, pois o senhor tinha sempre razão. Realmente, não vale a pena contradizer homens de boa vontade, pois neles tudo é certo; até o erro é verdade.

Esteja com Deus! É, permita-me dizer que as coisas para nós aqui em nosso meio, sem o senhor, somente tende a melhorar. A sua luz foi portadora de um brilho muito forte, suficientemente forte para iluminar o caminho de nós todos. E agora, sem ela, cada qual, teus sobrinhos, que procure acender um pouco mais o seu próprio lampião para alumiar o caminho comum. E, desse esforço, poderá haver alguma redenção.

Descanse em paz e que as minhas lágrimas se transformem em bênçãos do céu sobre os que choram a sua ausência.

- Assistente social, sobrinha do biografado.

Cartas às alturas IV

Nivaldinho (Nivaldo Luiz)

Vovô:

Você foi uma espécie de “modelo” para mim com a sua sabedoria e alegria incomparáveis. Seu jeito com as palavras e o seu bom senso. Daria tudo para que pudesse vê-lo novamente. Eu e todos, que com você conviveram, ficávamos impressionados com a sua forma de se expressar.

Você foi um grande homem, não só em conquistas, mas também em espírito. Todos se sentiam honrados em conhecê-lo e sentiam o seu ar de pureza e tranqüilidade. E provavelmente pensavam: “Este é Santo, com certeza!”

Muitos estão tristes, pois pensam que você morreu, que é o fim. Mas a morte não é o fim; você simplesmente foi para o céu e virou, verdadeiramente, santo. Também fiquei muito triste no começo, mas agora sei que você está junto de Deus, Maria, Jesus Cristo, Teresinha, *Imãõ* e todos os outros anjos e santos do céu.

Que a glória de Deus, da qual você participa hoje, desça sobre nós como bênçãos do céu.

Tchau vovô, você deixou muitas saudades. Abençoe-me.

- Estudante, sobrinho-bisneto do biografado.

Cartas às alturas V

A alegria de viver

Origenes Monte Neto

Perpetuou-se o querido amigo Dom Nivaldo. O céu ganhou uma estrela, que norteia o caminho da esperança, brilha com a luz dos fortes, move-se com a força dos justos e encanta com a emoção dos puros.

Plantou árvores, escreveu livros, construiu uma cidade e órfãos ficamos. Permanecem os registros dos escritos, a lembrança dos exemplos que deu, das homilias e das conversas interessantes.

Homem de coragem pessoal, o medo afastava com a fé, não se deixava quedar com a visão das fraquezas humanas, “não procure por rastros de santo por onde pisou o homem”. A lembrança dos seus ensinamentos, da sua maneira de ver as coisas como elas realmente são, da animação de estar produzindo o bem, de suas palavras de estímulo estará na memória de quem teve a dádiva de conviver com ele.

Pastor dedicado, entregava-se de corpo e alma à condução da sua igreja. Líder por natureza. Tolerante por disciplina e piedade. Obediente sem subserviência, muitos lembram quando fez concluir o seminário maior os que tiveram sua formação ameaçada pelo autoritarismo, são hoje padres e podem testemunhar o gesto que teve no momento difícil da sua história. Administrador de visão, acumulava a função de ecônomo da diocese, pulso firme nas questões administrativas, tirava “leite de pedra”. Teve em Terezinha Vilar uma fiel “escudeira” nesses assuntos. Amava as coisas da natureza e tinha na botânica uma das suas paixões. Mantinha distância dos “ecolobos”. Dizia:

- Imagine a situação complicada do homem da minha idade que se encontrar num canto de parede acuado por uma serpente venenosa; se não matar a cobra morre da mordida, se matar morre na cadeia por ter praticado um crime inafiançável. São uns “Pânegos”.

Compositor bissexto, cantarolava suas canções nos momentos mais relaxados.
Poeta.

Na fé, religião e psicologia ele teve o divã para atender e aconselhar. Suas palavras mágicas, olhar firme e gestos mansos acalmavam os desesperados, animava os desesperançosos. Autor de livros que faziam parte da literatura de formação de religiosos em todo o Brasil.

Emaús, comunidade quase cidade entre Parnamirim e Natal, foi semeada pelo trabalho pioneiro dele. Poucos dias antes de sua morte, Dom Nivaldo ainda articulava, juntamente com Dom Heitor a vinda de mais uma ordem religiosa para a área, desta vez um convento de Irmãs Carmelitas que deverá se instalar nas proximidades. Entusiasmado com o progresso do Rio Grande do Norte, que considerava o Estado de maior potencial no Nordeste.

Amou a Igreja, a família, seus amigos, sua terra. A eles dedicou a alegria de viver. Brilhará para sempre eternizado na História.

- Engenheiro, sobrinho-neto do biografado.

Cartas às alturas VI

Gustavo Sobral

Recebi a notícia da morte de Dom Nivaldo com pesar. Sua figura, para mim, postava-se como sabedoria, compreensão e encanto com a vida. O que de mais valioso li e escutei veio do coração e da mente de Dom Nivaldo. Era impressionante a sua capacidade de nos tocar o coração, ensinando-nos sobre o que há de mais precioso, o dom da vida. Não se pode esquecer nunca todas as suas pequenas lições, transmitidas com a graça de sua serenidade e leveza do seu espírito. Como foi bom escutá-lo nas horas de conforto, no momento doloroso do pesar da morte, sempre nos ensinando a aceitar e fazer brotar da dor uma esperança, uma renovação. Ou quando nos dizia para celebrar sempre o espetáculo da vida, amar e compreender, “é preciso amar para compreender, e não compreender para amar.” Penso que tocou sempre inúmeros corações, aliviou muitas dores e nos ensinou a viver e a estar sempre pronto não só para o espetáculo da vida, mas também para o encantamento da morte. Por isso, ao saber que o nosso sábio tinha partido, lembrei de seus passos decididos, dos seus ensinamentos e das suas mensagens. Fiquei mesmo foi com saudades de Dom Nivaldo, ainda tínhamos muito a aprender com ele. Mas ele nos ensinou a aceitar a morte, plantando sempre o amor. Suas palavras ainda estão vivas na memória: mande flores para quem você ama, não espere a partida para trazer-lhe umas rosas; da roda que fez com as freiras em Emaús, quando viu que uma florzinha havia brotado, disse-nos: é o espetáculo da vida, celebremos! No sermão, ao nos contar que um pároco, vendo a sua Igreja destruída durante a Segunda Guerra Mundial, andando pelos escombros, encontrou uma pequenina pedra, tão insignificante, igual a tantas outras, mas que representou o recomeço, foi com ela que reergueu a sua igreja. E tantos outros exemplos, conselhos, palavra de sabedoria. Dom Nivaldo era um sábio, um santo que nos ensinou não só a plantar o amor, mas também a cultivá-lo. Que nos ensinou a viver, preparou-nos para enfrentar a dor, sempre ensinando que o amor transforma. Sentiremos muito a sua falta! Pena é que ele não esteja ao nosso lado para nos ajudar a enfrentar a sua partida, só Dom Nivaldo nos confortaria agora.

- Estudante universitário.

Obrigado “Deus” Nivaldo

Cid Montenegro

Existe um ditado: Ninguém é insubstituível. Só que toda regra tem sua exceção.

Sua enfermidade era do conhecimento de todos. As orações não paravam, fui diversas vezes ao hospital São Lucas para visitá-lo, ele na UTI só podia deixar recado. Minhas irmãs Madalena e Elizabeth Montenegro que são fonoaudiólogas ao atender seus pacientes, o encontraram. Uma vez no quarto com um acompanhante da Arquidiocese, entrei, ele estava dormindo, tive vontade de beijar suas mãos como costumava fazer, tive medo de acordá-lo e interromper seu descanso. Em uma sexta-feira, chegando de Recife após uma viagem de negócios, recebo a notícia do seu falecimento.

Ele era um oceano sem fim de bondade, de respeito, de dignidade, de servir, de simplicidade, de pregar o bem, alias, ele era o próprio bem. Teve um samba da Mangueira que dizia: “Coma a Manga na avenida, beleza fenomenal é o bem vencendo o mal.” Só que, com ele, o bem sempre vencia o mal, ele com a força do criador pregava e conseguia isso. Independente da maior autoridade que ele foi no nosso clero, da imensa importância e prestígio que conquistou também no Brasil e além fronteiras, nunca soube o que era orgulho e vaidade.

Sabia pregar o evangelho com perfeição. Era inteligentíssimo, participando ativamente dos problemas sociais e até econômicos do nosso país. Era, na sua meia parte de ser humano, (a outra era santo) um homem atualizado, um professor de diversos assuntos, pois era polivalente, um educador nato, crítico e, às vezes, duro quando tinha que ser.

Peço permissão aos leitores para falar de uma questão pessoal de fórum íntimo. Nessa mesma página do jornal de Marcos Aurélio e bem cuidada por Roberto Canuto, escrevi há cerca de 4 anos um artigo: Dom Nivaldo, nosso Papa. “Estava no Cuxá quando ele me ligou para agradecer o que era totalmente desnecessário. No texto eu falava que, quando aos 14 anos o holocausto bateu à porta da família Pereira Montenegro, na doença da minha mãe, lá estava ele como um pilar de sustentação, uma mão mais que amiga, divina. Oriunda de uma força superior, Jesus. Na ocasião falei: Se

João Paulo II é o legítimo representante de Deus na terra, Dom Nivaldo é o legítimo representante de Deus no Rio Grande do Norte. Na catedral, em seu velório, agradeço de público à irmã Tereza que me permitiu ultrapassar as cordas e beijar a testa e as mãos de Dom Nivaldo pela última vez. Encontrei Paulinho Emerenciano e Dodora, filha da querida D. Zulmar Santos, mãe do meu dileto amigo Geraldinho (ela também já repousa lá no reino).

A saudade é infinita, crescente, mas a conformação ele mesmo, lá de cima, dar-nos-á. Se no céu tivesse internet e telefone, ao ler este artigo, com certeza, Dom Nivaldo ligar-me-ia puxando minhas orelhas por tê-lo chamado de Deus. Sei que nossa religião é monoteísta, Deus é único, o pai de Jesus que morreu crucificado para nos salvar.

Por isso invoco a letra da música Súplica Cearense, gravada por Luiz Gonzaga quando ele diz: “Senhor, perdoe esse pobre coitado, se não rezei direito o Senhor me perdoe, a culpa foi desse pobre que nem sabe fazer oração. Aí eu digo: Senhor sei que errei, então o Senhor me perdoe, a culpa é deste pobre flamenguista e abecedista que nem sabe artigo escrever. Esse agradecimento é de todo nosso povo, tenho certeza. Que Deus nos proteja e Dom Nivaldo nos abençoe.

- Empresário, artigo publicado em O Jornal de Hoje em 27 de novembro de 2006.

Amigo Velho

Geraldo Batista

Mesmo sabendo que muitos vão escrever sobre ele, não poderia deixar de registrar o que sinto por essa figura que hoje (10/11/2006) foi chamada pelo pai. Conheci-o quando ainda morava no Abrigo Melo Matos e tomava conta da Tipografia. Um dia, vi chegar um padre, modelo envelope aéreo (magrinho, pesando quase nada). Apesar de minha pouca idade, resolveu me chamar de “amigo velho” e desse modo me trataria pelo resto sua vida.

Queria publicar um livro e dispunha de poucos recursos para isso. Sabia que ali se cobrava um preço mais camarada, embora a qualidade não fosse lá grandes coisas. Depois de o livro pronto, tive uma desagradável surpresa: faltava uma página em todos os exemplares. A chapa tinha sido esquecida. A solução encontrada por ele foi se imprimir a página e colar com cuidado. Fiquei muito encabulado, mas sua simpatia foi maior do que nossa fala. Além de conquistar um amigo, passei a admirar aquela figura de fala mansa, que tinha algo muito especial que eu não sabia explicar.

Ficamos íntimos, a ponto de tomar emprestada sua casa, em Ponta Negra, para passar um final de semana com uns colegas da JUC. Muitas vezes ia visitá-lo só para ouvi-lo falar sobre botânica e sobre suas experiências com as plantas. Diante de mim, um verdadeiro cientista falando numa linguagem para leigo como eu.

Certa vez, assistindo a uma palestra sua sobre ética, depois de ter tomado um comprimido para um dos meus freqüentes ataques de alergia, adormeci na poltrona. Uma colega me acordou e me repreendeu. Ele, atento a tudo, falou: “Fiquem sabendo que quem dorme não peca e quem não peca não deve ser incomodado.” Depois da palestra fui me desculpar e explicar o motivo do meu incontrolável sono. “Amigo velho, você não cometeu nada contra a ética. Dormir bem é uma graça de Deus. Pergunte a quem não consegue dormir como é ruim.” Ele era assim, via em tudo um lado bom. Depois de sua sagração episcopal, continuou a mesma figura singela de sempre. Até seu báculo era a imagem da simplicidade. Preferi a humildade da madeira.

Quando, em plena forma, resolveu abdicar do cargo de Arcebispo, fui procurá-lo e lhe disse que estava muito cedo para se aposentar. “Amigo velho, você sabe como eu gosto de futebol e de minha admiração por Pelé.

Resolvi seguir o exemplo do nosso craque maior, que dependurou as chuteiras em plena forma. Não quero ninguém dizendo por aí que o arcebispo está precisando se aposentar.”

Quando ele se hospitalizou em estado grave fui visitá-lo, mesmo sabendo que o seu médico havia proibido visita. Berlamina, sua sobrinha, seu anjo da guarda aqui na terra, mandou que eu entrasse. Quando ele me viu, sentado em uma cadeira, abriu os braços e me disse: “Que bom, amigo velho, que você veio me ver. Sua visita vai me fazer muito bem”. Saí do seu apartamento em estado de graça. Tinha acabado de dar um beijo em um santo.

Dom Nivaldo, ao olhar para seu cadáver na catedral, tive absoluta certeza que estava diante de um santo que acabara de chegar ao céu, para onde foi levado de primeira classe. Por isso mesmo, não tive motivos para me lamentar. Não havia dor nem perplexidade. Naquele momento, estava começando uma festa no céu por um justo que estava sendo esperado com todas as honras que fez por merecer. Foi assim que aprendi com o senhor, a quem sempre chamei de meu pastor.

- Professor e escritor, artigo publicado no Diário de Natal em 14 de novembro de 2006.

Luiz e Nivaldo, duas inteligências de Natal

Carlos Magno Araújo

Dom Nivaldo Monte vinha de uma família de gente brilhante. Foi ela, a família, uma das precursoras do atendimento em oftalmologia em Natal. Quem pesquisar encontrará em algum momento a árvore genealógica dos Monte por trás do perfil de grande parte dos profissionais que hoje atuam nesta área da Medicina na capital. Outro veio por onde se encaminhou parte da família Monte foi a Igreja. Se Dom Nivaldo era considerado um grande intelectual, pelo conjunto de conhecimentos que possuía, e de áreas em que atuava, o irmão mais velho dele, padre Luiz Gonzaga do Monte, era tido como um gênio.

- Jornalista, publicado no Diário de Natal em 19 de novembro de 2006.

Amar o Rio Grande do Norte

Otomar Lopes Cardoso

Apreendi a amar o Estado do Rio Grande do Norte graças à palavra de estímulo de Dom Nivaldo.

Aluno da então Escola de Serviço Social, da qual Dom Nivaldo foi seu fundador, em Natal, recebi dele o seguinte conselho: “Procure se aprofundar em seus conhecimentos sobre valores do Rio Grande do Norte.”

Segui seu conselho, dado no momento mais oportuno, quando eu começava meus estudos em nível superior, para servir melhor minha querida terra Natal.

São extraordinários os valores e riquezas do Rio Grande do Norte. Por exemplo: hoje temos o maior pólo turístico do Nordeste brasileiro; somos o segundo maior produtor de petróleo em águas profundas e o primeiro em extração em terra; temos gás natural que abastece o Estado e permite exportar para Estados vizinhos; auto-suficiente em combustível de aviação, além de termos a extração de minérios, em ritmo crescente de exportação e estamos desenvolvendo o programa de energia eólica.

Temos que acreditar no Rio Grande do Norte como o nosso estimado arcebispo emérito de Natal Dom Nivaldo Monte acredita e tem confiança no crescimento do estado.

Em recente visita a Dom Nivaldo, quando do meu retorno a Natal, ele nos recebeu com a seguinte frase: “Um bom filho sempre volta à casa do pai!”

Suas palavras muito me comoveram. Prezo grande amizade, estima e admiração por Dom Nivaldo desde os tempos de minha juventude. Foi ele o escolhido para ministrar meu casamento, de quem recebemos a benção que se renova até hoje.

- Professor universitário.

Função de cartas não enviadas

Maria Emília Wanderley

Dom Nivaldo para mim tem forte presença até na ausência. Em toda a minha vida, quando estava muito triste, escrevia cartas endereçadas a ele, embora nunca as tenha mandado. Depois eu mesmo releio e só de imaginar a resposta que ele me daria, já me sinto melhor.

- Escritora e ex-secretária do biografado, em entrevista à Tribuna do Norte em 11 de novembro de 2006.

Ecumenismo capilar

Ediani Merryelly

Fui batizada por ele. Moro no bairro de Emaús em casa cujo terreno, como todos de lá, foi doado por Dom Nivaldo. Minha avó Creusa Dantas evangélica da Assembléia de Deus é quem corta o cabelo dele. Ela se mudou de lá, mas ele foi atrás para continuar cortando o cabelo. Não é permitido, na visão religiosa, que ela corte cabelo de mulher.

- Estudante.

Homens de fé

José Dias de Souza Martins

Oriundo de uma família de pouco ou quase nenhum recurso, mas rica de fé e de sentimento religioso, Dom Nivaldo deixa, como Padre Monte, Padre João Maria, Dom Manuel Tavares e Monsenhor Expedito Medeiros, uma grande folha de serviços prestados ao Rio Grande do Norte, sem distinção de credo, pois, como autênticos cristãos e fiéis às lições do Cristo, só propagaram o bem.

Dou testemunho sobre esses grandes sacerdotes que partiram, após uma vida plena de realizações, como homens de boa fé, para a maior glória de Deus e bem-estar espiritual dos norte-rio-grandenses.

- Deputado, transcrito do discurso proferido na Assembléia Legislativa.

As lições de Dom Nivaldo

Ney Lopes de Souza

Devo muito da minha formação cristã a Dom Nivaldo. Com ele, convivi desde os 14 anos nos movimentos de ação católica. Exemplo de sacerdote, amigo, homem de larga visão social e econômica. Era o próprio diálogo em pessoa. Argumentava com solidez e humildade. Não impunha argumentos. Convencia.

As idéias de Dom Nivaldo sobre o desenvolvimento do nosso Estado devem ser levadas em conta e aplicadas, sobretudo na agricultura. Foi um estudioso e defensor permanente do RN.

Quando falei no plenário solene do Parlamento Europeu, já sabia do ocorrido. Ciente de que um dos objetivos daquela Assembléia, recém-criada, será discutir o local para a instalação de uma área de livre comércio “euro-latino-americana”, procurei imprimir nas minhas palavras o entusiasmo com que Dom Nivaldo sempre defendia novas conquistas para o nosso povo. E defendi que a proposta da “zona livre” fosse no Brasil e, particularmente, ao lado do futuro aeroporto de São Gonçalo do Amarante-RN, proporcionando a oferta de mais de 50 mil empregos e oportunidades em todas as áreas. Seria a primeira zona econômica especial em nosso país. Infelizmente, o Chile e o Panamá já se habilitaram para este benefício.

- Deputado, publicado no Diário de Natal em 19 de novembro de 2006.

Amor e caridade cristã

Garibaldi Filho

Foi grande pastor da Igreja Católica. Com sua palavra, escrita ou falada, conquistou muitos peregrinos. Seus livros são voltados para a mais pura espiritualidade, levando-nos a refletir que só o amor se constitui na verdadeira caridade cristã. Teve uma obra social que permitiu que a igreja pudesse atender pessoas mais idosas e jovens.

- Senador. Em entrevista ao Diário de Natal em 12 de novembro de 2006.

Parque da Cidade

Carlos Eduardo Alves

Demos o nome de Dom Nivaldo Monte ao Parque da Cidade que está sendo construído pela Prefeitura do Natal na margem direita da Avenida Omar O'Grady, com projeto de Oscar Niemeyer.

Dom Nivaldo Monte, além de ter sido um homem sábio, era uma criatura iluminada pela sua bondade. Uma pessoa que pregava a paz, o amor, a solidariedade e a defesa do meio ambiente.

- Prefeito da Cidade de Natal. Em entrevista à Tribuna do Norte em 3 de janeiro de 2007.

Amém, Dom Nivaldo, amém!

Agnelo Alves

Nele, Dom Nivaldo Monte, o que terá sido mais admirável? A bondade cristã, que o fazia solidário e irmão de todos nós pecadores, como também criatura de Deus? A fé inquebrantável, cumprindo, como pastor, a hierarquia da Igreja? A intelectualidade, como escritor, pensador e orador? A humildade, maior, muito maior do que lhe era imposta pela liturgia, como pastor dos pastores? O sentimento de solidariedade, capaz de entender a fragilidade do próximo?

Não posso compreender a biografia de Dom Nivaldo Monte sem outro traço, que nele se conciliavam a compreensão humana e a evangelização pelo perdão, fazendo-o um pródigo distribuidor de indulgências a nós outros, vergados pelo peso acumulado nas costas de coisas da vida. Penitencio-me por não ter sido tão próximo desse homem admirável, gratificando-me, todavia, a certeza do afeto recíproco que nos alegrava em cada encontro, ele generoso e eu carente de suas lições de vida.

Lembro-me de uma manhã chuvosa, o oficial de dia chegando à minha cela na prisão para anunciar que estava “lá fora” um padre que obtivera licença para me visitar. Era o tempo de chumbo da ditadura. Eu estava deposto da Prefeitura de Natal e preso sob a “suspeição” de ter ofendido a vaidade ululante de um general que, no conceito de minha mãe, transmitido a ele, o general, pelo telefone, “nunca deveria ter passado de cabo”. E olhe lá, hein? Na noite anterior, ouvi de maneira não precisa conversas entre os oficiais sobre a possibilidade de minha transferência, a qualquer instante, para ilha-prisão de Fernando de Noronha.

Será que esse “padre” veio transmitir-me a notícia de minha transferência para a ilha-prisão? Ao chegar ao alpendre da prisão improvisada para me acolher, vislumbrei logo aquela figura franzina, amiga e solidária, a figura de Dom Nivaldo Monte caminhando ao meu encontro para o abraço fraterno, logo me dizendo, em tom seguro, imperturbável, num tom não tão baixo que pudesse fazer supor que estava desafiando a vigilância pressentida: “Continue assim, tranqüilo e forte. Isso logo passará”...

Passados vinte e oito anos, eu estava Senador da República, vesperando minha posse como prefeito eleito de Parnamirim. Fui visitar Dom Nivaldo em Emáus, uma de

suas generosas criações. Ele recordou que me fez a visita na prisão, rompendo a incomunicabilidade que me era imposta, com exceção, até aquele instante, de Celina, meus filhos, pais e irmãos. Minha mãe não me visitava porque não queria se submeter, como mãe, à prepotência dos sem Lei, agentes do arbitrário, que impunham condições constrangedoras para os visitantes e o visitado.

- Eu não lhe disse que aquele horror passaria? Demorou, mas passou. Você está aí, Senador da República e prefeito eleito de Parnamirim. Mas lhe digo sempre: não esqueça dos mais pobres e nem das crianças, que serão suas grandes amigas – disse-me Dom Nivaldo, como sempre, cheio de afeto e confiança.

Uma amizade, a nossa, sem cobranças recíprocas. Ele, por bondade. Eu, como devedor sem remissão. Na inauguração de uma Escola da Prefeitura de Parnamirim, em Emaús, finalizando a sua oração, depois de benzer as instalações, disse: “Agnelo, somos dois teimosos lutando para viver”.

Amém, Dom Nivaldo, amém!

- Prefeito de Parnamirim/RN. Artigo publicado no Diário de Natal em 14 de novembro de 2006.

Livro ousado

Hemetério Gurgel

Dom Nivaldo é decididamente um homem santo. Dedicou todos os seus 80 e tantos anos à Igreja Católica Apostólica Romana. Sempre sendo um homem simples, humilde e amigo de suas ovelhas. Tivemos a honra de sermos casados com sua bênção. Os nossos filhos foram batizados e casados por ele. O seu livro mais ousado intelectualmente é o que defende a tese de que as pessoas não são conduzidas pelos seus caracteres, mas pelos seus temperamentos.

- Jornalista, advogado.

O que aprendi com Dom Nivaldo

Safira Bezerra Ammann

Eu tinha apenas 12 anos, mas aquelas palavras ainda continuam muito presentes.

Durante o recreio do Colégio da Conceição – onde eu era interna - aquele padre magrinho, de olhar mais brilhante que os astros, aproxima-se de nós e pergunta:

- Quem mais grita entre vocês?

Muitas vozes respondem:

- Safira.

- E quem é Safira?

- Sou eu, respondo com mais um grito.

Olhando-me, com um sorriso de aprovação, ele me estimula:

- Pois pode continuar a gritar... e a ser assim alegre. Isso faz muito bem.

Aquele conselho impressionou-me. Como é possível?, pensava comigo mesma. Muitos já me reprovaram, argumentando que “muito riso, pouco siso”... Então alguém aceita meu grito e minha gargalhada? Quero aprender mais com esse padre.

E foi muito o que aprendi durante toda a vida. Aprendi a ter sede de saber, amar os livros, estudar sempre, pesquisar, produzir.

Dom Nivaldo estimulou meu gosto pela música clássica, e sempre o homenageio, cada vez que vibro e me enterneco com a Pastoral de Beethoven.

Alimentou este meu amor primal à natureza, que vem da força telúrica do sertão seridoense. Do prenúncio de uma chuva, do cheiro de terra molhada, do mergulho fundo nas águas de um açude.

Aplaudiu meu êxtase em face da grandiosidade do mar, da singeleza da flor, da leveza dos pássaros, da melancolia do entardecer, do arroubo dos ventos de agosto em Ponta Negra.

Também aprendi que a dor engrandece e aprimora. Consegui superá-la e transcender-me, quando subitamente a vida parecia escoar-se entre meus dedos. A dor enrijeceu-me a fibra do ser, segredou-me que o maior inimigo é a desesperança, acendeu-me o sol no horizonte e fez jorrar águas novas nas fontes de minha alegria.

Por todas as lições e por seu belo testemunho de vida, sou profundamente grata a Dom Nivaldo.

- Pós-doutorada em sociologia da UFB.

Um olhar sobre Dom Nivaldo

Marcos Antônio de Andrade Medeiros

A missão de escrever, em algumas linhas, sobre Dom Nivaldo não é tarefa fácil, pois exige muito poder de síntese e escolha de algumas das suas inúmeras virtudes. Diante disso, resolvi destacar o seu amor pelas plantas, que cultivou desde a mais tenra idade.

Ora, sabendo que as plantas, assim como os demais elementos da natureza, foram frutos da inspiração divina do Criador, fica mais fácil entender a religiosidade, a simplicidade, a paciência e a curiosidade sobre fenômenos naturais, demonstrados por Dom Nivaldo durante toda sua existência laboriosa. Experiências “bocóricas”, nada científicas, assim denominadas pelo próprio Dom Nivaldo, demonstram a sua capacidade investigadora, fosse por simples curiosidade ou por necessidade de discutir possíveis aplicações do conhecimento para ajudar a resolver questões importantes como a da fome e da desnutrição humana.

As reflexões decorrentes e associadas levaram-no a escrever alguns livros sobre o assunto e a deixar um legado para que não ficassem apenas no campo das discussões filosóficas, mas viessem a ser utilizadas pela sociedade. Perguntas do tipo “como a água absorvida pelas raízes consegue subir até o topo de uma árvore de 30 m de altura” e “o que causa a hipertrofia do pedúnculo da espiga do milho”, revelam um Dom Nivaldo preocupado em aplicar os conhecimentos botânicos às necessidades do cotidiano das pessoas. Durante as nossas conversas, sempre percebi nele muita vibração com as novas descobertas científicas e com o avanço tecnológico, embora enfatizando a importância maior da sua utilização em benefício da humanidade, sem distinção de cor, credo ou status social.

- Biólogo, professor universitário.

A parte cheia do copo pela metade

Osair Vasconcelos

Na semana passada, fui a um ato social e quem estava lá era Dom Nivaldo. Lá no cantinho dele, sem querer chamar a atenção, mas lá, presente. Quando pediram para ele falar, foi um encantamento. Começou fazendo uma oração, mas logo passou a falar dos homens e da vida e a dar algumas sugestões. Dom Nivaldo é muito modesto para dar conselhos.

Foi bom ouvir aquela voz grave, incompatível com a figurinha franzina, pequenininha, frágil que só. Mas a voz deixou logo claro que não era para ninguém ter pena dela por causa dos seus 85 aos. E com o timbre grave, de dicção impecável, sem titubeios e obrando uma gramática perfeita e simples, expressou um a um os pensamentos daquele homem.

Ouvindo-o falar, concluí que Dom Nivaldo tem uma vaidade: a de não ter vaidades. E se alguma outra vaidade tem, ela parece enterrada pelo comportamento simples daquele auto-exilado em Emaús, onde o imagino silencioso e atento, cuidando de suas plantas, fazendo os seus enxertos, observando os pequenos insetos, anotando os segredos da vida aos quais sequer lançamos um olhar.

Aliás, Dom Nivaldo, com a autoridade de ter 85 anos, observou aos presentes que, sendo velho, ninguém pode pretender ser jovem. Pode, contudo, manter a mente inquieta como a de um jovem. A chave disso é o encantamento. Ou seja: não parar de encantar-se com as coisas, continuar descobrindo novidades, permanecer aberto ao êxtase dos elementos da vida. E como é homem humorado, ainda deu o recado de quem chegou a estágio tão avançado. “A única coisa ruim da velhice é que ela é curta”.

Conheço Dom Nivaldo de quando comecei minha vida profissional. Eram ainda tempos da ditadura e os bispos do Brasil eram divididos em três tipos: os de direita, os de esquerda e os moderados, ou de centro. Dom Nivaldo alinhava-se entre os últimos, na posição de ora alinhar-se à esquerda, ora ponderar as razões dos de direita nas então importantes e fortemente acompanhadas reuniões da CNBB.

Para usar uma metáfora sobre a sua posição política, poderia dizer que Dom Nivaldo era um copo com água pela metade. Mas eu, particularmente, sempre enxerguei

nele apenas a metade cheia. Porque, com o seu jeitinho quieto, Dom Nivaldo não saía fazendo discursos, mas sabia de que lado estava a razão. E nos momentos mais críticos, nunca reprimiu as vozes da igreja que conduzia, antes, apenas sugeria-lhes moderação nos gestos e dava-lhes o aval para a ação. Dom Nivaldo, agora não tenho dúvidas, tinha como poucos a noção do tempo, a noção de que tudo passa, até o ruim mais ruim. E com essa noção de domínio do tempo é que, de repente, ele surge com 85 aos, parecendo o mesmo Dom Nivaldo de sempre.

- Diretor de Redação do Diário de Natal, em crônica publicada em de 6 de abril de 2003.

Fé e Cidadania

Padre Fábio

Dom Nivaldo Monte tomou asas, ele é um lindo passarinho e voou para a festa que no céu nunca se acaba. Sim, o sempre menino poeta, tendo vivido a máxima de Jesus, de nunca perder o encantamento, “torna-se como uma criança para entrar no Reino do Céu”. Está lá.

Niniu, carinhosamente assim chamado por seus familiares e amigos mais próximos, deixa-nos um legado de sabedoria e sabor pelas coisas, das boas e belas coisas. Como sacerdote e bispo, Dom Nivaldo sempre foi um homem conectado com Deus, a Igreja, as ciências humanas e naturais, como a psicologia e a botânica, e como tinha orgulho de ser da terra potiguar era torcedor do mais querido. O bispo que a gente não encontrava só nas missas, no apostolado episcopal, na direção espiritual, nos bons tempos da autêntica Rádio Rural, nas negociações da sociedade com o poder público, nos espaços da intelectualidade e da cultura erudita e popular, um bispo no antigo Castelão e depois o Machado.

Bom, com a partida de Dom Nivaldo, muitos foram os que escreveram ou fizeram alguma declaração sobre o nosso tão querido amigo. Estou aqui também cumprindo a ordem do meu coração. Teria tantas coisas a partilhar desse homem de quem tive a graça de Deus de ser próximo. Tão próximo que por anos fomos vizinhos quando me emprestou uma casinha ao lado da sua lá em Emaús. É bom demais da conta conviver com um pastor intelectual e místico. Deixo então uma atitude corajosa, dentre tantas outras, que sempre me tocou e ensinou muito.

Em plena ditadura militar, Dom Nivaldo devia celebrar a Páscoa dos Militares das Forças Armadas. Esperou por mais de uma hora por um dos comandantes e nada do oficial chegar. Retirou-se então da Antiga Catedral e foi para sua casa. Momentos depois chega em comitiva o comandante pedindo explicações e “chamando-o” para voltar e celebrar a Missa. Com muita coragem e serenidade, naqueles anos de chumbo, na calçada da sua residência, o Arcebispo de Natal respondeu-lhe: “No quartel manda o senhor, na Igreja, manda Cristo”.

Na Igreja, Corpo de Cristo, manda Cristo. E a autoridade dele é diferente deste mundo. O senhorio de Jesus é serviço tão bem ilustrado na narrativa do Lava-pés, Deus

de bacia e toalha nas mãos. Na Igreja manda Cristo que nos mandou um novo mandamento: “amai-vos como eu vos amei”. Na Igreja manda Cristo que, por Ele, com Ele e Nele, na unidade do Espírito Santo, faz-nos partícipes da filiação divina desse Deus Pai-Mãe e irmãos/irmãs uns dos outros. Na Igreja manda Cristo que nos manda as bem-aventuranças dos famintos e sedentos de justiça promotores da paz. Na Igreja manda Cristo como naqueles dias difíceis, proclamou Dom Nivaldo Monte.

Por último, Dom Nivaldo, estamos com saudades. Dói muito na gente chegar em Emaús e não tomar o lanche da tarde e falar de tudo. Dói não prosear em sua casa em Natal, sua querida e amada Natal, no edifício que porta o seu nome. Mas nos encontraremos na saudade e na gratidão. Encontrar-nos-emos na Missa nessa linda “comunhão dos santos” cá embaixo na terra com os lá encima no céu. Encontrar-nos-emos um dia quando chegar a nossa hora e juntos tomarmos posse da plenitude da páscoa.

Dom Nivaldo, amado Niniu, mando um abraço nosso para Terezinha Vilar. Dom Nivaldo, Rogai por nós!

Semeador de sonhos

Severino Vicente

Sempre acompanhei, com entusiasmo e admiração, a trajetória de vida deste notável semeador do bem, sob a ação do tempo e das circunstâncias. Um homem em estado puro. Uma alma nobre, sorriso aberto, mãos sempre estendidas para seus fiéis e devotados irmãos, a ensinar-lhe a compreender os mistérios da vida e dos céus, isto é viver, amar. O que pregou e escreveu ao longo de sua vida alcançou os limites da dor, da angústia, da revolta, da miséria, uma condição humana que para ele não deveria existir, porque tudo nesse homem é movido pela fé, amor, alegria e felicidade, manifestado no seu estampado sorriso.

O que é viver para um protagonista da fé e do bem? É repelir tudo aquilo que deseja morrer, envelhecer e enfraquecer em nós; é ter piedade dos moribundos, dos velhos, fracos, miseráveis e oprimidos; ter capacidade de renúncia, aspirar um mundo superior, desejar voar mais alto e mais longe; sacrificar-se em busca da sede de atitudes, com desprendimento, pois um renunciador é assim: está sempre satisfeito com o que realiza, quer esconder de todos as grandes ações, seu orgulho é a intenção de navegar, mesmo nos mais tempestivos mares, sem desafiar os mistérios de Deus, convicto da missão a ser cumprida, com um olhar firme e determinado, semeando o mundo das idéias e da salvação da alma.

- Folclorista, professor.

Anotações de um da JEC

José Bezerra Marinho

“Você me abençoa daí que eu o abençôo daqui.”

Foi assim que ele iniciou um telefonema a monsenhor Expedito e eu, ali do lado, com a estranha sensação de que os santos agora usam o telefone.

Eu já o conhecia desde os meus 12 ou 13 anos.

Com outros militantes da Juventude Estudantil Católica–JEC, íamos aos domingos à sua granja no caminho de Parnamirim, naquela época quase uma viagem, para manhãs de formação.

De vez em quando, ele aparecia por lá. Antes e mesmo depois de 1963, quando foi nomeado bispo de Aracaju, passava nas reuniões, sorria e quando fixava o olhar em alguém dizia “tudo bem, gente fina?”

No final do domingo, depois que o Vaticano II trouxe de volta essa possibilidade, concelebrava com o saudoso Dom Costa, assistente eclesiástico da JEC.

Depois da transferência de Dom Eugenio Sales, nosso Administrador Apostólico, para Salvador, José Eduardo Moura, meu companheiro de JEC, ligou-me dizendo “*Habemos* bispo”.

Era ele que voltava. Administrador Apostólico, até que em 1967, quando com a morte de Dom Marcolino Dantas, recebeu o pálio arquiépiscopal.

Passaram-se, então, tempos de um aprendizado muito rico. Momentos onde era difícil, quase impossível, para uma juventude que aos 15, 16 anos, era terrivelmente reprimida pela ditadura militar, aceitar a serenidade e firmeza do bispo que apontava outros caminhos de levarmos à prática o Evangelho.

A nós nunca faltou a acolhida, a palavra serena, a orientação. Claro que havia instantes em que até a paciência de um santo é posta à prova. Um desses momentos foi quando, feitas determinadas ponderações para que as coisas fossem conduzidas de outra forma, uma brilhante e das mais eloqüentes companheiras, recusando-se a aceitar aqueles rumos, terminou uma intervenção dizendo: “... e, por favor, deixe-nos errar!”.

Aí foi demais. “Deixar errar? Isto nunca!”

Em outros momentos, a correção dava-se de forma bem descontraída.

Lembro-me que, em um domingo, depois da missa das 7 horas da noite na Catedral, hoje Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, que eu transmiti pela

Emissora de Educação Rural, ele, já na sacristia depondo os paramentos, disse-me baixinho: “Veja outra forma de anunciar o início da Oração Eucarística. Não fica bem dizer como você disse, ‘agora o pontífice celebrante entrou no Cânon.’”

Noutro instante inesquecível, fui chamado ao seu gabinete, aí por volta dos meus 17 anos.

Como dirigente da JEC, havia pedido, mais uma vez, a Casa de Hospedes de Ponta Negra, para um “acampamento”. Chamava-se acampamento um encontro que começava numa sexta-feira à tarde e terminava com a missa no início da noite do domingo.

Aquilo era rotina. Bastava agendar com a devida antecedência com Irmã Luzia, querida amiga até hoje.

Não se justificava o assunto chegar ao arcebispo.

Mas lá fui eu.

Depois de arrodar um pouco, foi direto ao assunto. Havia notícias de alguns excessos no último acampamento. Cantorias até muito tarde, incomodando outros hóspedes, certa bagunça na hora das refeições e, algo impensável, “padres tomando banho com moças!”.

Eu, não conseguindo ver nada de condenável naquilo, respondi: “Mas era na praia!”.

Voltou o olhar para cima, buscando paciência e controlar a perplexidade, e com sua peculiar prosódia desabafou: “Queria que fosse onde meu filho?!”

Dirigindo seu carro, em mangas de camisa e um confortável suspensório, é a imagem do despojamento. Da simplicidade. Da paz interior.

Unindo Fé e Ciência, seus livros entoam um belíssimo Hino à Criação. Toma o Amor como matéria primordial para plasmar o Homem e justificar sua presença no mundo, não como ponto culminante da criação, mas a própria criação tornada consciente dela mesma, como nos ensinou Teilhard de Chardin.

Assim são seus livros. Assim ele leva, muito além do seu brasão episcopal, as palavras de São Paulo, podendo dizer que realmente “Meu viver é Cristo”.

- Consultor organizacional, professor.

Rotary Club

Sylvia Faye Raymond Lopes da Silva

Algumas pessoas, para se socializar, aprender a confraternizar-se e a respeitar o direito do outro, precisam participar de clubes, associações ou grupos para, com a prática, aprenderem a conviver. Para outras pessoas, como Dom Nivaldo, meu avô Alberto Wanderley, meu marido e tantos outros, graças a Deus, não há essa necessidade. Porque elas já nascem cristãs, solidárias, praticando o humanismo com tolerância, ética e sabedoria. Justamente a tônica e lema do Rotary Internacional deste ano: “A Humanidade é nossa missão”. Ninguém melhor que Dom Nivaldo para sintetizar e exemplificar o Lema de RI.

Leo Buscaglia (1924-1998), no seu livro AMOR, diz: “Viver no amor é o maior desafio. É o fraco que é cruel. A gentileza só pode vir do forte”. E mais na frente cita o padre William Du Bay que disse: “A coisa mais humana que temos que fazer em vida é aprender a dizer nossas convicções e sentimentos e a viver com as conseqüências. Essa é a primeira exigência do amor e nos torna vulneráveis às outras pessoas que podem nos ridicularizar. Mas nossa vulnerabilidade é a única coisa que podemos dar aos outros.”

Acho que foi Paulo Coelho que disse ou copiou de alguém: “Tudo que o mundo precisa são de exemplos, e não de opiniões.” Eis aí nosso exemplo de homem santo, simples, humilde, inteligente, culto, trabalhador, amigo, e que passou a vida inteira a distribuir o amor, a entender o amor, a tentar nos fazer entender que sem o amor nada vale a pena, que Deus é amor e perdão, porque se perdoássemos os outros como gostaríamos que fôssemos perdoados, realmente, seria bem mais fácil viver com arte o CONVIVER.

É de Dom Nivaldo a frase: “Quem pensa que a velhice é uma idade crepuscular, em se tratando do amor, nunca soube realmente o que foi amar na vida.”

Gosto muito de citar Dom Nivaldo. Principalmente quando vou fazer cartões para alguém que está casando. Além de desejar muita saúde, amor, humor, alegria, amigos sinceros, tolerância, enfim, todos os ingredientes que compõem a felicidade, acrescento sua frase: “Vive a plenitude de teu presente que terás vivido a plenitude de tua vida.”

E tantas pérolas de sua sabedoria e que me ajudam na jornada:

1. Ser passivo é ser nocivo.
2. A necessidade é a medida da escravidão.
3. Não podemos confiar nos omissos.
4. São duas categorias de homem que não têm problemas: o defunto e o louco.
5. Uma alma saciada é uma alma morta.
6. Todo aquele que faz o que pode, faz o que deve.
7. É preciso pisar firme, pensar alto, olhar longe, agir pronto.
8. A inveja é um modo paradoxal de elogiar os fortes.
9. Tudo que é artificial traz seu vício de origem.
10. Quando a felicidade não nos bate à porta, obriguemo-la a entrar.
11. O tempo não destrói o que se construiu para a eternidade.
12. A rigidez irreduzível, em se tratando do homem, não deve nem pode ser norma de ação, já que a plasticidade é forma inerente a qualquer pessoa humana, como podes dizer que és incapaz de ser melhor?

Quem gostou e quiser mais que pesquise e saboreie seus livros.

Dom Nivaldo e sua família sempre exerceram sobre mim e minha família um fascínio, um referencial, um ponto de apoio e de exemplo. Nunca precisei de seus conselhos, que não fosse prontamente atendida. Tenho, além da amizade e admiração, muita gratidão e é com muita alegria e satisfação que tenho a honra de ser a madrinha do primeiro sócio honorário do Rotary Club Natal Sul, o querido imortal Dom Nivaldo Monte.

- Professora universitária.

A altura do homem

Sílvio Caldas

Quando ainda adolescente, assisti ao filme “Um homem tem três metros de altura”. Não me recordo mais nem do enredo, a não ser pelo fato de conceituar a grandeza moral que deveria ter um homem de bem. Logicamente que não se tratava, pois, da estatura física, mas da estatura moral que deveria ter um bom homem (ou mulher, é claro)!

O telefone tocou. Atendi. Era Diógenes (o Cunha Lima) dando conta de que estava agora produzindo um novo livro, desta feita sobre nosso arcebispo emérito, Dom Nivaldo Monte. Em seguida, conversamos sobre outros assuntos e, ao final da conversa, veio-me justamente à lembrança a altura que deve ter um homem.

Ri comigo mesmo. Afinal, eis o paradoxo: Dom Nivaldo, cujo sobrenome é Monte, não passa de um simpático homem de pouco mais de um metro e sessenta, o que faz do Monte uma contradição, fisicamente falando.

Foi então que estabeleci uma relação com o filme a que assistira há tanto tempo. Não, Dom Nivaldo não tem um pouco mais de um metro e sessenta; ele tem, como todos os grandes homens, três metros de altura.

A par de sua reconhecida bondade e cultura religiosa, Dom Nivaldo Monte é verdadeiramente um homem do seu tempo, pois, apesar de licenciado das funções litúrgicas e administrativas, continua a influir com inteligência e brilho na sociedade norte-rio-grandense, destacando-se como escritor, cultor de plantas e fazedor de frases irreprocháveis, reflexivas e...significativas. Permito-me, outrossim, transcrever algumas dessas verdadeiras pérolas.

“É preciso pisar firme, pensar alto, olhar longe, agir pronto.”

“A mansidão é a harmonia do homem consigo mesmo.”

“A poluição é uma violência contra a natureza, como se o homem fosse o senhor e não o filho da natureza.”

“A paz é a tranqüilidade da ordem.”

Enfim, são tantas as frases de tão grande valia que não caberiam em tão pequeno depoimento.

Assim é Dom Nivaldo Monte, um **Homem de três metros de altura!**

- Escritor, juiz do trabalho.

Dom Nivaldo Monte – Sábio e Santo

Daladier Pessoa Cunha Lima

Sua figura faz-nos pensar na onipresença e na onisciência de Deus, pelos muitos tributos pessoais dirigidos para o bem e pelas grandes virtudes que lhe ornamentam a aura. A vida desse ser humano singular é fonte inesgotável de bondade, de luz e de sabedoria. Bondade que está em suas células e em suas ações, luz que nasce de espírito superior, e sabedoria que se acumula pelo estímulo de inteligência privilegiada e voltada para a doutrina cristã, para a cultura e para a ciência.

Bondade, luz e sabedoria, tão grandiosas em corpo tão frágil, Dom Nivaldo Monte esparge por onde passa, com quem encontra nos afazeres sacerdotais, no dia-a-dia pastoral, nos momentos de descontração com a família e com os amigos, por meio de palavras escritas e faladas, ternas, reflexivas e transformadoras.

Como esquecer as homilias de Dom Nivaldo Monte? Sua voz que fala ao coração e à consciência, suas mensagens impregnadas de lógica e de filosofia, ao mesmo tempo, profundas e de fácil compreensão, otimistas, capazes de despertar para a beleza da vida, para a poesia que é a natureza e para a grandeza dos ensinamentos de Cristo? Quantas maravilhosas homilias foram proferidas? Quantos sermões, quantas missas, quantos batizados e casamentos realizados por essa criatura franzina, mas irradiadora de força invisível que só as pessoas santas possuem? Quanta paz restaurada, quanta ternura reencontrada, quantos novos caminhos redescobertos e trilhados, mediante seus acenos e expressões do pensamento? Quantos conselhos, abraços fraternos, sorrisos que transmitem empatia e amizade, quantas alegrias despertadas ou refeitas, quantas bênçãos concedidas em nome de Deus?

Em 2003, convidamos Dom Nivaldo Monte para proferir a conferência de abertura do III Congresso de Iniciação Científica da FARN, abordando o tema “Ciência, Desenvolvimento e Responsabilidade Social: Fome! Por quê?” Falou o cidadão, o homem público e o cientista: “Não aceito a idéia de fome, e as universidades - a ciência - devem buscar a solução o mais rápido possível. Não pactuo com a idéia do vale de lágrimas. Deus criou o homem para ser feliz.” Dom Nivaldo Monte bem representa o pensamento moderno da Igreja, que reconcilia a fé e a razão, conforme a encíclica “Fides et Ratio” de João Paulo II. O Papa, no alvorecer do terceiro milênio, abre a

encíclica com estas palavras: “A fé e a razão são como duas asas nas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.”

Bendito o Rio Grande do Norte que tem Dom Nivaldo Monte entre seus filhos, e felizes somos nós por podermos usufruir as benesses que fluem do seu convívio. O escritor René Fülöp – Miller, em seu livro “Os Santos que Abalaram o Mundo”, diz que “... van Gogh, depois de passar toda a vida pintando camponeses, macieiras e girassóis, confessou, das profundezas de sua convicção religiosa que, se lhe tivesse sido dado fazê-lo, gostaria de ter pintado as figuras dos santos”. Diógenes da Cunha Lima não pintou camponeses, macieiras e girassóis, mas, com esta biografia, exime-se de frustração igual à expressada por Vincent van Gogh.

- Professor universitário.

O Orientador Espiritual

Celina Maria Bezerra

A sementeira de que trata este livro é de uma amplitude humana que se faz alegria, é verdade, mas a ultrapassa, atingindo o plano mais profundo da formação integral de muitas gerações.

Dom Nivaldo, ainda padre Nivaldo, era, na década de cinquenta, nosso orientador espiritual. Jovens alunas do Colégio Imaculada Conceição, pertencentes à JEC – Juventude Estudantil Católica – seguíamos seus ensinamentos, lendo seus livros, dos quais sabíamos, quase de cor, *O Clima e Os Temperamentos*; ouvindo suas reflexões, nos retiros ou nos encontros dominicais.

Não cai bem, para o discurso religioso de Dom Nivaldo, o termo “pregação”... Até naquela época, em que o dogmatismo católico ameaçava-nos com um Deus – juiz medonho – que, implacavelmente, colocar-nos-ia no céu ou no inferno, a palavra do nosso orientador sinalizava a complacência divina que poderia, sim, manifestar-se em perdão. Sua fala sempre inclui, também, o sentido do bem viver terreno, o usufruto da beleza do universo posto à disposição do ser humano, a essência misteriosa e perfeita da natureza, que, enfim, tornou-se objeto de suas apaixonantes pesquisas.

Já na maturidade, ao incursionar pelas artes plásticas, outra vez, ouvi a voz do orientador: “Não queira ser pintora de quadros, sem saber a História da Arte! Estude a fundo, porque compreendendo o desenvolvimento da manifestação artística no processo civilizatório da humanidade, você vai compreender melhor o mundo e escolher com mais propriedade seu estilo.”

Tem razão doutor Diógenes! Temos o privilégio de conviver com um sementeiro de alegrias!... Alegrias do conhecimento, da vida... As que se expressam neste chão, diante de uma roseira florida; aquelas outras, transcendentais, apontando paragens desconhecidas, mas igualmente belas...

- Professora, artista plástica.

O homem imperfeito

Leonardo Sodré

Os que têm fé geralmente sabem creditar alguns fatos à providência divina, quando muitos elevam certos acontecimentos apenas a coincidência. Hoje, acordei pensando que estava muito longe de Deus, nosso Senhor. Principalmente pela pressa que eu havia hipotecado a mim mesmo para cumprir uma agenda que começava muito cedo, numa emissora de rádio, para uma entrevista em torno de um evento cultural. Até pensei: “no caminho eu rezo”. Mas, não rezei e até esqueci da minha preocupação com relação a isso.

Na sala de espera da emissora, um feliz encontro com um santo. Sentado, calmamente, lendo um jornal, estava o bispo emérito de Natal, Dom Nivaldo Monte. Conversamos um pouco. Algumas amenidades, até que fomos instados a entrar no estúdio. Lá, ele foi o primeiro entrevistado e falou sobre o seu novo livro, “Três formas de reflexão”, descrevendo cada abordagem da obra, que ele garante poder ser lido em pouco mais de trinta minutos.

Quando falou sobre a necessidade pessoal da oração, compreendi a providencia dada por Deus à minha inquietação da manhã. De estar ali naquele momento e poder degustar a sabedoria dele, que discorreu sobre esse assunto com uma abordagem totalmente nova: dizia que o homem, independente de religião e mesmo os ateus, tem, dentro de si uma necessidade implícita de rezar. Não falou exortando essa necessidade, apenas relatou um fato. Não estava pedindo que ninguém rezasse. E justificou, dizendo que nós não havíamos ainda descoberto muitas belezas da vida e essa necessidade existia por termos sido criados de forma imperfeita. “Aliás, essa imperfeição foi a forma perfeita que Deus nos fez. Nossa imperfeição é a perfeição de Deus”, concluiu.

Quando Dom Nivaldo fala, o tempo parece parar. Efetivamente, parou para todos os que estavam naquele estúdio. E ele, octogenário, de fala mansa e firme, inundou o ambiente com inúmeras informações. daquelas que refrigeram a alma, que parece colocar as pessoas muito próximas de Deus. Depois, saiu calmamente, sorriso discreto e um leve aceno, como um amigo de muitos anos.

Quanto a mim, voltei rezando. Feliz por ser imperfeito em busca de Deus, nosso Senhor.

- Jornalista.

Gente magra

José de Anchieta Cavalcanti

Conheço Dom Nivaldo desde os albores de minha meninice, quando vindo do Ceará-Mirim, vez por outra, até Natal, no velho trem da então Estrada de Ferro Central do Brasil, a famosa “Maria Fumaça”, em companhia do meu inesquecível pai, dentista Francisco Canindé Cavalcanti, íamos em direção à Cooperativa Central de Crédito e ao Jornal “A Ordem”, ambos dirigidos pelo comendador Ulisses de Góis. Lá, quase sempre, encontrávamos a figura de um padre magrinho, com uma pequena mecha de cabelo escura caída sobre a testa a quem meu pai sempre saudava, reverentemente, pedindo-me para que lhe tomasse a bênção. E eu era, carinhosamente, abençoado por aquele a quem papai chamava de padre Nivaldo. Foi daí meu conhecimento com o então padre Nivaldo Monte. Com o passar do tempo, tive que vir residir em Natal para poder prosseguir os estudos, e, aí, foram mais intensos meus contatos com padre Nivaldo na redação do Jornal “A Ordem”, onde trabalhei, em conferências na Escola de Serviço Social, nos movimentos da Ação Católica onde lá estava padre Nivaldo sempre saltitante, sorridente e animado, dirigindo e orientando aqueles movimentos, inclusive a Rádio Rural da qual fiz parte por alguns anos. Grande era a atividade religiosa daquele sacerdote sempre muito ativo cheio das energias de Deus à frente das tarefas que lhe eram confiadas.

Dom Nivaldo marcou muito, também, minha personalidade de adolescente, quando presenciei, por várias vezes, sua atuação religiosa nas mais belas solenidades da Semana Santa no Estado, em Ceará-Mirim, à época em que era vigário colado daquela paróquia o monsenhor Celso Cicco, especialmente quando, diante da casa onde morávamos, hoje Biblioteca Pública Municipal, era instalada a estação da via sacra do encontro entre Jesus e sua Mãe Maria. Muitas vezes, o sermão daquele momento solene era proferido por padre Nivaldo Monte, cuja palavra vibrante, culta e emocional a muitos levava às lágrimas. Sempre após o encerramento dessa solenidade religiosa, meu pai, na sala de estar do casarão, servia aos sacerdotes presentes um suculento cálice de vinho moscatel. Que tempos maravilhosos! Nesses períodos convivi também com o então padre Nivaldo, hoje, nosso arcebispo emérito.

Dom Nivaldo Monte é essa figura ímpar de sacerdote do altíssimo que, graças a Deus, ainda caminha entre nós, trazendo sempre às nossas almas com a força de suas palavras o alento de que necessitamos.

Aconselhando Aluizio Alves, quando dos estudos e das dificuldades da transposição das águas do Rio São Francisco para nossa região, quando o mesmo era Ministro da Administração, Dom Nivaldo afirmou nos seguintes termos: “Aluizio, envergue mas não quebre.” E a uma tia minha que dele se apiedou porque ele estava no cemitério em um sepultamento quase ao meio-dia, recebendo os intensos raios do sol assim afirmou: “Minha filha, tenha piedade de tudo, menos de gente magra.”

- Advogado.

Dom Nivaldo Monte em quatro tempos

Lúcia Helena Pereira

A presença de Dom Nivaldo em nossa família teve início na década de 50, por intermédio de minha irmã Gipse.

Em maio de 1961, ele celebrou a missa das bodas de prata dos meus pais - *Abel Antunes Pereira* e *Áurea* - na Capela do Instituto Maria Auxiliadora. Relembro trechos da sua rica mensagem:

“Estar diante de tão distinto casal e de suas filhas, que vivem sob o olhar de Jesus praticando o bem e reunidas com seus pais, talvez seja uma bênção que nem sei se mereço compartilhar! E o que poderia dizer da bondade e humildade do Senhor Abel? Do seu belo caráter e do sentimento de amor que ensina, a cada novo dia, à sua família? Conviver com este casal e sua prole leva-me a reconhecer que um homem bom faz a sua esposa feliz, enche a sua casa com as alegrias do cotidiano e se torna admirado por todos. Isso nos dá a sensação de esperanças num mundo melhor.

Nesses 25 anos de união, o Senhor Abel e Dona Áurea, ao lado das filhas: Marilene, Gipse, Suely, Iara Maria e Lúcia Helena; dos genros e netos, só edificaram bons exemplos e a certeza de que o casamento é para se levar a sério e com muita nobreza. A prova disso está aqui, diante de nós, com este casal maravilhoso festejando suas bodas de prata.”

A eterna presença do sacerdote

Eram sete e meia da manhã do dia 20 de outubro de 1969, quando fomos comunicados do acidente de automóvel, que tirou a vida do meu pai, num desvio da estrada de Ceará-Mirim levando aos engenhos.

Às onze e meia, a ambulância do Hospital Naval, por ordem do seu diretor -Cleanto Wanderley, - esposo de minha irmã Marilene, chegou à casa da Hermes da Fonseca, com o corpo do meu pai, que ficou aos cuidados do meu tio materno - Rivadávio Pereira Pacheco - em Ceará-Mirim. Creio que fiquei em estado de choque por algumas horas. Ao recobrar os sentidos, Dom Nivaldo estava ao meu lado. Mais uma vez o bom padre trouxe a sua palavra sábia e confortadora. Disse-me ele: “Que abençoado pai Deus lhe deu. E que abençoadas filhas ele mereceu! Belas lembranças ficarão e a certeza de que seu pai cumpriu seu dever na terra.”

Na missa de sétimo dia, Dom Nivaldo fez uma mensagem linda, enaltecendo a figura do meu pai.

A amizade de Dom Nivaldo com Gipse

Ela tinha 15 anos, quando conheceu o padre Nivaldo Monte, seu querido confidente e grande amigo. Essa amizade prolongou-se até o seu último minuto de vida.

Gipse - minha irmã e madrinha - além dos estudos e de outras ocupações, encontrou, no bom padre, a sua alma gêmea, a resposta correta às suas indagações e problemas comuns à idade. Tornaram-se amigos fervorosos. Ela o visitava uma vez por semana, para esclarecimentos às suas dúvidas e projetos de vida. Ele compartilhava dessa amizade, inclusive, uma vez ao mês, dedicando-nos o prazer da sua presença em nossa casa. Que maravilha!

No casamento de Gipse, o celebrante não poderia ter sido outro e lá estava o padre Nivaldo Monte anunciando o novo nome de Gipse Pereira Montenegro. Posteriormente batizou seus três filhos: Madalena, Elizabeth e Cid.

Quando Dom Nivaldo tornou-se arcebispo, Gipse ficou maravilhada e ofereceu-lhe, ao lado do esposo e dos filhos, um jantar em homenagem à significava presença do padre em sua vida e sua elevada importância para a Igreja.

Em maio de 1979, Gipse começou a enfrentar um câncer. Nessa peregrinação, Dom Nivaldo visitava-a freqüentemente. Era admirável a força espiritual de Gipse, jamais se queixando do seu destino. Em 29 agosto de 1980, ela foi encontrar-se com os anjos (... “e voou nas asas de um querubim” - Salmo 18. N.T.)

A primeira vez que vi um sacerdote chorar!

Na tarde de 5 de setembro de 1980, na capela do Instituto Maria Auxiliadora, foi realizada a Missa de Sétimo Dia em louvor à alma de Gipse Pereira Montenegro. O celebrante - Dom Nivaldo Monte - com lágrimas nos olhos, entre outras palavras deixou-nos esta legenda ímpar:

“Estamos reunidos, hoje, para a celebração do sétimo dia do falecimento de uma das mais virtuosas cristãs desses últimos anos, quase à imagem da bondosa madre Tereza de Calcutá. Refiro - me à querida Gipse, que tive a alegria de conhecer, bem jovem, devotada à família, à Igreja, aos estudos e aos mais necessitados.

Gipse, antes de ser uma mulher forte, boa filha, excelente esposa e mãe, inteligente e culta, amiga leal, dama da sociedade e amiga sincera, carregava em sua alma pura uma humildade franciscana. E a sua caridade para com os doentes e infelizes foi, também, uma das grandes marcas do seu caráter.

Lembro-me dela quando me procurou pela primeira vez: cheia de vida, mocidade, entusiasmo e belos planos. E manteve como algo prioritário o dia da semana - que marcava com a senhora Terezinha - para a próxima entrevista com este humilde padre. Da mesma forma, quando constatado o cruel diagnóstico da doença que lhe arrebatou a vida, ela mesma me comunicou, com a sua grandeza de

espírito, conformação e uma fé inabalável. Em todas as visitas que lhe fiz, mesmo lutando contra a morte, estava sempre sorrindo. Chegou a dizer-me que se sentia feliz por ter sido a escolhida entre as cinco irmãs.

Meus caros irmãos: somente um coração puro e generoso, como o de Gipse, para tamanho gesto de humildade (este foi um dos momentos em que as lágrimas de Dom Nivaldo já não tinham controle).

Não temos exemplos assim tão facilmente. Com nossa querida Gipse ficará, para sempre, um rastro de bondade e belas ações. Peço a Deus que a receba em Seu reino de luz!”

Meu querido conselheiro

“Haverá alguma coisa mais doce do que teres alguém com quem possas falar de todas as tuas coisas, como se falasses contigo mesmo?” (1)

A noite do dia 23 de abril de 1968 estava linda, cheia de estrelas! Cheguei à casa de minha irmã Suely, por volta das 20 h 30 min, para compartilhar dos festejos do aniversário do seu esposo - José Emmanuel Alves Afonso.

Eram muitos os convidados. Na área externa da casa, sob frondosas mangueiras, um grupinho improvisou uma seresta. Jorge Moura Barreto e Zé Coelho nos violões, Cleanto Wanderley - das partituras da sua alma luminosa e musical - comandava o repertório e acompanhava os tocadores com a sua gaita. Meu pai (com os olhos azuis brilhando e o eterno sorriso) assistia a tudo com alegria ímpar. Como de costume, pediu que tocassem e cantassem “Meus Tempos de Criança” (Araulfo Alves), enquanto cantarolava baixinho.

Permaneci um bom tempo junto com os seresteiros. Ao ser servido o buffet, lá estava uma certa figura, até então, desconhecida. Aproximou-se fixando os olhos nos meus, extrapolando do peito essas palavras: “É você! Só pode ser você! Tem que ser você! Não haverá outra!”.

Tomada de surpresa julguei tratar-se de algum engano e saí. Muitas pessoas já haviam notado que ele ficara impressionado comigo. Lembro-me da minha tia Nilcen comentando: “Santo Deus, ele não tirou os olhos de você, desde a hora que chegou”, Gipse estava entusiasmada e alegre, papai, todo arfante com as emoções que sua caçula provocara, dizia: “Minha filha, ele é um excelente rapaz, advogado, mora em Recife, etc...”. Eu nada sentia pela figura que acabara de conhecer. Sem dar muita importância preferi juntar-me ao grupo dos seresteiros. Ele, porém, foi mais ligeiro e alcançou-me para dizer palavras inusitadas: “Quer se casar comigo?”

O namoro teve curta duração, não dando tempo para que eu gostasse dele tanto quanto ele de mim, naqueles primeiros tempos.

Depois, por razões pessoais, ele me escreveu uma longa carta rompendo o namoro. Mais tarde, dedicou-se a um curso de teologia e, posteriormente, ordenou-se padre.

Não sei bem explicar, o fato é que me apaixonei quando tudo terminou e fui procurar socorro em Dom Nivaldo - um verdadeiro sábio - que me ensinou a compreender e superar.

Relembro a tarde em que Dom Nivaldo esperava-me. Lá estava o bom padre, com o olhar inteligente e sabedor das coisas. Recebeu-me como se já soubesse do que se tratava. Ouviu-me com um silêncio quase santo, o que muito me emocionou.

Após o meu desabafo, com o coração inteiramente aberto, vi toda a bondade do mundo nos olhos do bom padre. Saí da sua sala levando comigo suas sábias palavras:

“Minha filha, se os seus caminhos não se encontram, certamente Deus teve outros planos para vocês. Agora é confiar na Misericórdia Divina e pedir felicidade tanto para um, como para o outro. E, embora afastados, cada um deverá seguir o seu caminho com os olhos voltados para o Senhor. Tenhamos fé!”

Dom Nivaldo Monte sempre está presente em nossa família. Ele é como um símbolo, um brasão de honra à sabedoria cristã. É o orador de valor absoluto! O escritor que emprestou o ouro dos filigranas da sua alma, à nossa literatura. É o bom homem cortejando os anjos do Senhor, para sua viagem às estrelas.

“As almas belas são as únicas que sabem o que há de grande na bondade”. (2)

(1) Marco Túlio Cícero - filósofo romano.

(2) François Fénelon - escritor e bispo francês.

- Escritora, membro da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte.

Bússola

Nilzete Moura Freire

Desde a adolescência, acompanho a vida de Dom Nivaldo Monte, cujo lema foi sempre o mesmo: amar e servir o próximo.

Seus livros foram meus companheiros na juventude, tendo contribuído, indubitavelmente, para a minha formação do caráter, dando-me firmeza, segurança e determinação no alcance dos meus objetivos de vida.

O jovem precisa de uma bússola para dar sentido à própria vida. Dom Nivaldo soube transmitir os verdadeiros valores morais e éticos, tão necessários para uma boa formação de caráter.

- Pedagoga.

Fascínio pela fotografia

Nadelson José Freire

Sua fé inabalável e a incansável dedicação à Natureza, essa inesgotável dádiva de Deus, fazem de Dom Nivaldo uma figura de destaque do Clero Potiguar.

Relembro o então Padre Nivaldo que, nos seus sermões, referindo-se aos seres humanos que não acreditavam em milagres, questionava sabiamente:

- E o desabrochar de uma flor não é um milagre?

Profundo conhecedor da flora brasileira, procurou introduzir em Emaús várias espécies de plantas, para embelezamento de seus jardins.

Capaz de identificar com detalhes, flores, arbustos e árvores ornamentais, fica fascinado ao ver fotografias ou revistas que traduzem a explosão de formas e cores com que a natureza presenteou-nos.

Seu mérito vai além do que imaginamos.

Que Deus o conserve conosco.

- Engenheiro civil.

Pioneiro da extensão rural

Luiz G. M. Bezerra

“Espiritualidade e Valores Humanos”. Esse é o título de uma das inúmeras palestras proferidas por Dom Nivaldo.

Ao despertar a atenção dos seus ouvintes e leitores, Dom Nivaldo, inteligência lúcida, com costumeira veemência e profundo entusiasmo, fala do amor ao próximo como fundamento e base de tudo na vida. “Além de sermos técnicos, somos humanos e portanto, ao prestar nossos serviços ao agricultor familiar, estamos lhe dedicando amor”... De fato, Dom Nivaldo foi um dos pioneiros da extensão rural em nosso Estado.

Assim é Dom Nivaldo. Não deixa passar uma única oportunidade para falar de amor, fundamento maior de sua fiel vocação sacerdotal.

Vale lembrar que Dom Nivaldo é da mesma fibra do seu sábio irmão padre Monte, de saudosíssima memória e reconhecida santidade.

Dom Nivaldo foi competente como administrador apostólico de Natal, em substituição a dom Eugênio de Araújo Sales, transferido para Salvador/BA.

Por decreto de Sua Santidade o Papa Paulo VI, foi nomeado o 2º arcebispo metropolitano de Natal, onde permaneceu até 1988.

Como entrega e doação, Dom Nivaldo serviu à Diocese como secretário do bispado, assistente eclesialístico da Ação Católica, além de fundador e diretor da Escola de Serviço Social.

De grande cultura, foi eleito sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Com vários livros de sua autoria, é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupando a cadeira nº 18, substituindo Waldemar de Almeida e cujo Patrono é Augusto Severo. Exerceu a vice-presidência e presidência da Instituição.

Presidente de honra da Sociedade Riograndense de Ensino, entidade que mantinha a escola Técnica de Comércio de Natal.

Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Lembro Dom Nivaldo, quase sempre, presente aos eventos desportivos de nossa cidade, torcendo por um bom espetáculo.

Diretor espiritual da Congregação e Federação Mariana do Rio Grande do Norte, além de outros títulos que enriquecem seu extenso curriculum vitae.

Sua figura simples, inteligente, recatada, generosa, sempre disposto ao serviço de seus semelhantes.

Hoje, incansável, Dom Nivaldo presta assistência espiritual às religiosas de Emáus.

A Dom Nivaldo, o meu mais profundo respeito e admiração.

- Administrador.

Editorial

Muito Natal, o Rio grande do Norte, a igreja potiguar e o povo norte-riograndense devem a Dom Nivaldo Monte. Talvez a maior dívida seja à sua tranqüilidade, a marca maior desse homem franzino, de olhar miúdo e voz serena. Pois for a partir dessa tranqüilidade inata que Nivaldo Monte conduziu o seu trabalho como sacerdote e a sua vida de homem. Essa tranqüilidade foi fundamental porque ele a usou em tempo difíceis, duros, em que o país se viu dividido e subjugado, amputado de sua liberdade, emparedado no medo, sem uma visão clara de para onde poderia caminhar. Havia um certo progresso material mas uma ruína política, social, humana. Nesse contexto, a igreja católica teve um papel fundamental no apaziguar dos ânimos e no manter da esperança. E é aqui que situamos Dom Nivaldo.

Enquanto a própria igreja se dividia entre conservadores e avançados, Dom Nivaldo se alinhava com o grupo menor, o moderados, que se situavam entre os cristais e agiam na moderação. Moderado, porém, não queria dizer covarde, e Dom Nivaldo soube os momentos em exercitar desassombradamente o papel de condutor do seu rebanho. Assim, com ele, a igreja de Natal foi atravessando os tempos ruins e buscando o futuro. Uma palavra de sobriedade, uma posição firme mais à frente. Foi assim que Dom Nivaldo se conduziu como arcebispo. Nem por isso deixou de ter uma militância como homem, escrevendo seus livros, ajudando os pobres anonimamente, pesquisando sobre plantas – sua grande paixão – e chamando os que o buscavam de nego, um carinho de quem sabia conduzir as pessoas à busca da tranqüilidade.

- Editorial publicado no Diário de Natal em 11 de novembro de 2006.

VISÃO MAIS ANTIGA

O continuador do padre Monte

Otto de Brito Guerra

Já perto de 25 anos de episcopado e dono de valioso currículo de serviços à Igreja, à sociedade e à cultura, deixou, faz pouco tempo, por espontânea renúncia, o governo da arquidiocese de Natal, passando à condição de arcebispo emérito.

Ordenado sacerdote a 13 de janeiro de 1941, em Natal, aos 23 anos incompletos, ei-lo dentro em pouco nomeado vigário da paróquia de São Gonçalo do Amarante e em 1942 vigário de Goianinha e Arês, no Rio Grande do Norte. Foram experiências do mais alto valor, principalmente para um futuro bispo.

Já em 1943, viria para a capital do Estado, feito capelão da Guarnição Militar de Natal.

Acontece que a 28 de fevereiro de 1944 falecia o seu irmão, cônego Luiz Gonzaga do Monte, que era, desde o início, o assistente geral da Ação Católica em Natal e, de modo particular, o assistente dos setores femininos do Movimento, jovens e adultos.

Coube ao padre Nivaldo Monte continuar aquele extraordinário trabalho do cônego Monte, assumindo, com energia física e vigor intelectual, o Secretariado Arquidiocesano de Ação Social, capelão do Abrigo Juvino Barreto, do Colégio Nossa Senhora das Neves, Secretaria do Bispado, no decorrer daquele mesmo período, intercaladamente.

Apresentava-se à Ação Católica como a grande novidade apostólica da Igreja, engajando os leigos na participação do apostolado da hierarquia e considerada pelo Papa Pio XI a “menina dos seus olhos”. Ela merece, na verdade, um capítulo muito honroso na história das atividades da Igreja de Natal e de Mossoró.

Dois assistentes eclesiais em Natal destacaram-se, o padre Eugênio de Araújo Sales, que orientava a juventude masculina e o padre Nivaldo Monte, junto aos setores femininos, juventude e senhoras da Ação Católica.

Em valioso estudo intitulado “Igreja e Desenvolvimento”, tese de doutorado apresentada à Universidade Gregoriana, em Roma, concluído em 1966, relativo às

atividades da igreja de Natal, o sociólogo gaúcho Alceu Ferrari analisou as atividades e a personalidade desses dois assistentes eclesiásticos e conta, a propósito, episódio pitoresco.

Aproveitando momento de lazer, naquelas puxadas reuniões de estudo e aprofundamento realizadas no Centro de Treinamento de Ponta Negra, banhavam-se descontraidamente os dois sacerdotes, integrantes do chamado “Movimento de Natal” na aprazível praia.

Nisso vai passando ao longe pequena e afoita jangada, riscando nas águas.

- Eugênio, olhe aquela jangada! Como é poética!

E o padre Eugênio Sales, cabeça cheia de preocupações práticas, saiu-se com uma frase desconcertante para o companheiro:

- Sabe, Nivaldo, instalei hoje no Bom Pastor o primeiro sanitário.

Dos trabalhos da Ação Católica, com seus ativos leigos jovens e adultos, estimulados por seus assistentes eclesiásticos, nasceria uma fase áurea da ação social e da espiritualidade em terras natalenses, à qual não seria estranho, faça-se justiça, o trabalho dos congregados marianos, liderados pelo incansável apóstolo Ulisses de Góis, avultando o diário católico: “A Ordem e a Cooperativa de Crédito, afora a parte espiritual”.

Particularizando a atuação do padre Nivaldo Monte e dos seus colaboradores, evidencia-se que todos sentiam necessidade imperiosa de enfrentar os graves problemas do pós-guerra, a repercutirem na cidade de Natal, tais como desemprego, carestia, permissividade, desorganização familiar. Urgia que tivessem esses agentes um preparo mais adequado.

Entre outras iniciativas então tomadas, surgiria a Escola de Serviço Social, fundada a 2 de junho de 1945, com valioso apoio da LBA e da qual foi o padre Nivaldo Monte a mola mestra e seu fundador. Tive a ventura de ser um dos colaboradores.

Viriam os centros sociais, o primeiro deles na então chamada Baixa da Coruja, no atual bairro de Lagoa Nova, onde se construiria o Centro Social Cônego Monte. Seguiram-se diversos outros centros nas Rocas, noutros pontos da periferia natalense e até mesmo no interior do Estado.

Em plena atividade, entregue à direção espiritual de tantos, à ação social, à cátedra, à elaboração de livros, de repente o padre Nivaldo Monte foi convocado pelo Santo Padre para bispo auxiliar em Aracaju, Sergipe, cujo arcebispo era o saudoso Dom José Távora. Fato que ocorreria a 25 de abril de 1963, sagrando-se bispo em Natal, a 21

de julho do mesmo ano. (Estamos assim bem próximos do seu jubileu). Muito significativo o lema do brasão episcopal: *Mihi vivere Christus* – para mim, o viver é Cristo, tirado da Epístola de São Paulo aos Filipenses (I,21).

Na capital sergipana desenvolveria Dom Nivaldo as múltiplas atividades exigidas pelo munus episcopal e ligadas à sua qualidade de bispo auxiliar. Mas logo voltaria a Natal, feito administrador apostólico “sede plena”, a 20 de abril de 1965, dado o afastamento de Dom Eugênio Sales para Salvador, tomando posse a 9 de maio de 1965. Tornar-se-ia arcebispo de Natal a 6 de setembro de 1967, empossando-se a 17 de setembro.

Poderia, nessas condições, dar continuidade ao seu apostolado sócio-religioso no mesmo ambiente de antes, agora com a responsabilidade muito maior, porquanto na condição de presidente da Igreja de Natal. Na linguagem do Código de Direito Canônico, responsável pelo tríplice munus de santificar, de ensinar e de governar, solícito com todos os fiéis confiados ao seu cuidado e até mesmo os não batizados, exercendo o ministério da palavra, defendendo a unidade da fé, testemunha de Cristo diante de todos, exemplo na humildade e na simplicidade da vida, urgindo aos fiéis o seu dever de apostolado.

A arquidiocese crescera bastante. Natal transformara-se. Sua população, em pouco tempo, chegaria a mais de meio milhão de habitantes, dos quais nunca menos de duzentos mil residindo em conjuntos habitacionais, contingência que faria nascer a Pastoral dos Conjuntos Residenciais, cuidando, de maneira específica, da pastoral dos sacramentos, dos trabalhos de promoção humana e de evangelização.

- Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Outros horizontes

Helio Galvão

Seu brasão episcopal, cujos motivos heráldicos aproveitam sugestões do próprio nome (Nivaldo Monte), tem como lema **mihi vivere Christus**, tirado do célebre e denso versículo da teologia paulina, **mihi enim vivere Christus est** (Ef 1,21).

Professor de ensino médio e superior: Latim e Grego, no Seminário de São Pedro; Psicologia Geral, História e Filosofia da Educação, na Escola Normal de Natal; Psicologia, na Escola Doméstica e no Instituto de Ciências Humanas.

Conferencista, seu auditório não se circunscribe no Rio Grande do Norte, mas dilatou-se a outros horizontes. São Luis do Maranhão, Belo Horizonte até Viena, na Áustria, e Louvain, na Bélgica, abordando temas os mais variados: “Psicologia da Espiritualidade”, “Situação da Igreja no Nordeste”, “Psicologia das Religiosas”, “Pastoral da vocação no Brasil, segundo a Conferência de Medelin e as diretrizes do Episcopado Brasileiro”, “Conceito de Relações Humanas”.

Botânico, psicólogo, educador, poeta, compositor, cronista, escritor, conferencista, jornalista, eis os traços da múltipla e polimorfa cultura de Dom Nivaldo Monte.

- Escritor.

CARTA, SONETO ALIMENTADO

Em 12/9/2006

Meu caro Diógenes:

Você acelerou o propósito que eu alimentava de manifestar, também em versos, minha admiração pelo nosso querido Dom Nivaldo Monte. Recebi, com muito agrado, sua deferência e invoquei as musas do soneto. Quando chegou o momento, foi como uma psicografia: *ao correr da pena*. Fosse um cronista – pensei – realçaria *seu jeito diferente* de ser. Pois ele é um padre diferente. Teólogo, convence muito mais pelo exemplo do que pelos argumentos da apologética. Filósofo, perscrutou o sentido da vida e tornou-se humanista. Compreendeu, desde cedo, que no território da escolástica não há lugar para os novos questionamentos da filosofia. Fez-se garimpeiro do conhecimento, primeiro estágio do *logos* que se torna *verbo*. Aprendeu que a santidade está no mundo e o mundo a desconhece, procurando-a, apenas, nos altares. Exemplar nas exigências da hierarquia católica, soube conciliar disciplina com liberdade, dentre cujas manifestações sobreleva-se o amor pela natureza. Fez-se botânico pelo estudo e pela observação. Tornou-se diferente: um verdadeiro *dom*, na hierarquia e na graça. Nele, a poesia é a síntese.

Nesse poema, embora realce a grandeza de sua missão sacerdotal, referida na formação teológica e filosófica e na eloqüente transmissão da palavra, quis destacar suas qualidades pessoais, marcadamente humanas, tão admiradas: amizade, alegria, sorriso, amor, compaixão. Misturei tudo isso com as sementes espalhadas em Emaús, onde ele planta, aduba, irriga, poda, faz enxertia e, o que é melhor, colhe frutos que oferece aos amigos, na abençoada fraternidade do seu convívio.

Parabéns pela iniciativa da homenagem ao nosso bom semeador. *Dignum et justum est!*

Do amigo e admirador,

Assis Câmara

DOM NIVALDO MONTE

(Semeador de Alegrias)

Sendo a fé um dom de Deus, nele brotou
Muito mais a vida do que a teologia;
E sua palavra de amigo se mostrou
Mais cativante do que a filosofia.

Nos jardins de Emaús ele ensinou
Que o melhor fertilizante é a alegria;
Fez do trigo e da uva, que plantou,
O pão e o vinho de sua eucaristia.

Desprezando a ostentação e a vaidade,
Na enxertia de exemplo e santidade
Recolhe os frutos da admiração.

Com a força da palavra e do sorriso
Demonstrou que só encontra o paraíso
Quem semeia o amor e a compaixão.

Francisco de Assis Câmara

O COMPOSITOR DOM NIVALDO

Berceuse de Nivaldo Monte

Quando nós somos crianças
Vivemos sempre a sonhar
Sonhamos com a esperança
Das cores verdes do mar
Se brinco à beira da praia
Nos mares cantam sereia
Se a verde vaga desmaia
Soltam espuma na areia.

Jangadas lindas singrando
O alto mar de alvadias
Velas aos céus acenado
Em vesperais de alegria
Debaixo dos coqueirais
Se canta e rir sem cessar
Ao sabor dos vendavais
Dançam cabelos no ar.

As dunas eram meu leito
De alva areia o lençol
Onde a dormir satisfeito
Vinha beijar-me o arrebol
Perdendo o sol seus fulgores
Não vês criança a sorrir
Pois já são horas em que as flores
Se fecham para dormir.

A CASCATINHA

Ao murmurinho doce da cascata,
Cíciam folhas ao sabor do vento.
São como dores que o peito desata,
São como prantos gélidos lamentos.

Na fronde altiva da palmeira agreste,
Cantam dolentes meigos passarinhos.
Sobre os lajedos ramos de cipreste,
Projetam sombras tristes nos caminhos.

Dos céus debruçam nuvens alvadias
Por sobre os picos contemplando a terra.
O sol desmaia, é tarde, a nostalgia
É da saudade que o meu peito encerra.

SAUDADES DA SERRA

Saudades que tenho da serra formosa
Onde inda criança pequeno eu brinquei.
Recordo saudoso nas tardes de rosa
As lindas campinas que eu tanto amei.

Recordo, saudoso, a serra sem par
Madeixas ao vento bailando no ar.

A serra tão bela, que linda a campina,
Balindo, correndo cordeiros, enfim,
O campo esmaltado de cor purpurina,
De lindas boninas sorrindo pra mim.

Recordo, saudoso, a serra sem par
Madeixas ao vento bailando no ar.

Agora bem longe da serra bonita
Já não mais criança eu sou, já cresci.
Ainda no peito saudoso palpita
A serra tão linda que nunca esqueci.

Recordo, saudoso, a serra sem par
Madeixas ao vento bailando no ar.

ACALANTO

Quando nós somos criança,
Vivemos sempre a sonhar.
Sonhamos co'a esperança
Das cores verdes do mar.

Se brinco à beira da praia
Nos mares cantam sereias.
Se a verde vaga desmaia
Saltam espumas n'areia.

Debaixo dos coqueirais
Se canta e ri sem cessar.
Ao sabor dos vendavais
Dançam cabelos no ar.

As dunas eram meu leito
De alva areia o lençol,
Onde a dormir satisfeito
Vinha beijar-me o arrebol.

Jangadas lindas singrando
O alto-mar, de alvadias
Velas aos céus acenando
Em vesperais de alegria.

Perdendo o sol seus fulgores
Não vês criança a sorrir?
Pois, já são horas em que as flores
Se fecham para dormir!

Obs.: Todas estas letras foram musicadas pelo próprio autor.

DIÁRIO DE UM PADRE

O chamado

(Excerto do fiel “Apontamentos Diários” do padre Normando Pignataro Delgado).

Em 1969, ao voltar para Nova Cruz, a minha grande preocupação era viver, de forma radical, a minha Palavra de Vida “*A quem me ama eu me manifestarei*”, (Jó, 14,21), com o objetivo de conhecer a vontade divina quanto à minha vocação.

Por essa época, conheci Davino João Zolet, um gaúcho casado, funcionário do Banco do Brasil, Ministro da Eucaristia, que logo se tornou meu amigo. Impressionou-me o seu modo de vida, simpatizei com o seu modo de “casado” e passei a admirá-lo. Como ele servia na liturgia das missas, estava sempre acompanhado do padre Matias. Isso fez com que eu também passasse a conhecer o modo de vida do pároco e admirar o seu modo de “consagrado”. Nas conversas em comum, fiquei sabendo que o vigário deveria se ausentar da paróquia, no mês de fevereiro de 1970, em gozo de férias. Mas ainda permaneceria na cidade para a primeira sexta-feira do mês, que era precedida de confissão comunitária, na noite anterior. Naquela quinta-feira, eu estava na igreja assistindo à cerimônia, quando, de repente, uma sugestão interior invadiu a minha alma:

Por que não ser padre?

A idéia atingiu-me como um raio!

Procurei desviar a atenção daquela sugestão, mas ela permanecia insistente, enquanto eu olhava para o padre, no exercício do seu múnus, no altar. Por que não ser padre, assim como o padre Matias, jovial, alegre, comunicativo, sem muitos exageros de piedade, a meu ver, uma pessoa equilibrada? Por que não dialogar com ele para ter maior discernimento sobre aquela intuição? Seria “aquela” voz? Senti que devia agir com prudência, mas caminhar também naquela direção. Depois da cerimônia, ali na igreja, aproximei-me do vigário e lhe pedi que me ouvisse em confissão. Na verdade eu queria mesmo era lhe comunicar aquela “inspiração”, e receber dele uma orientação segura. Queria colocar em comum aquela idéia e sentir a sua reação.

Falei-lhe pormenorizadamente sobre o meu encontro com o Focolare, da Palavra de Vida que me fora proposta, da insinuação de que deveria me casar, da procura da noiva e, finalmente, do que acontecera naquela noite, o que me deixara muito confuso. Não ocultei a minha vida passada e tudo que tinha feito em contrário às exigências do celibato permanente. Ele me ouviu, demonstrando alegria, e finalmente disse: Vou amanhã a Natal, e lá falarei com Dom Nivaldo sobre o seu caso. Ele é quem deverá lhe dar uma resposta satisfatória, pois, sendo o bispo, tem a graça para orientar as pessoas nessas questões, especialmente agora, em que o seminário da diocese se encontra fechado.

Fui para casa com a mente preocupada. Passei a noite em claro, muito arrependido por ter dado seguimento àquela idéia, que já ia ser levada ao conhecimento do próprio bispo! Estava triste por ter revelado aquilo ao padre. Tudo parecia uma precipitação, uma decisão sem cabimento, tendo em vista a minha idade, o meu passado e até a própria orientação do Focolare, que me indicava o casamento.

Comecei a avaliar o contato que tinha com os casados do movimento. Como eu me dava bem com eles! Até o próprio Davino era motivo para a minha admiração. Ao contrario, eu não tinha nenhum contato com padres, com quem comparar aquela decisão. Apenas a admiração pelo padre Matias, que a circunstância colocou no meu caminho, mas isso era insuficiente para fundamentar uma decisão como aquela. Amava a Jesus, abandonado na dor que me causava aquela situação.

Uma semana depois, eu estava no cartório, quando chegou o padre Inácio de Loiola Bezerra, pároco de São José de Campestre, para me dar um recado. Dizia o dia e a hora em que a “pessoa” deveria se encontrar comigo. E ressaltava que o encontro seria em Natal, na Praça Pio X, nas dependências da Cúria Metropolitana...

Papai, curioso, queria saber de que se tratava. Dissimulei, informando que era um funcionário de “A Ordem”, que trabalhava na Cúria e queria acertar comigo o preço de impressos para o cartório. Procurei esconder a preocupação que aquele recado me trouxe, disfarçando o sentimento de revolta comigo mesmo, por ter precipitado tanto os acontecimentos. Era doloroso pensar que Dom Nivaldo queria falar comigo, justamente sobre aquele assunto!

Preparei-me, com muita oração, e viajei para Natal a fim de falar com o arcebispo. E, finalmente, encontrei uma saída que me deixou mais tranqüilo: contaria a Dom Nivaldo toda a minha vida passada, todas as experiências contrárias à vida celibatária, o meu encontro com o Movimento dos Focolares, a orientação de que a

minha vocação era o casamento, a minha vinda para Nova Cruz e quanto tinha sido precipitado na conversa que tive com padre Matias. Sabia que Dom Nivaldo tinha conhecimentos de psicologia. No final, eu lhe pediria desculpas e ficaria o dito pelo não dito. Com esta decisão bem arrumada na cabeça, fui para Natal, alegando que ia contratar os novos impressos para o cartório.

Na hora marcada, fui falar com Dom Nivaldo. Bem vestido, com paletó e gravata, como devia se vestir um advogado. Não pus o anel, porque já o tinha doado, para a comunidade de Ponta de Pedras, na ilha de Marajó, quando estive na Mariápolis de Belém.

Falei com a secretária (acho que era Teresinha Vilar), que me mandou esperar num terraço, que dava para um jardim onde existia um perfumado jasmineiro. Sobre uma mesa de centro, estava uma Bíblia aberta. Curioso, quis saber qual a mensagem que a Escritura Sagrada me oferecia naquele momento. Era o Salmo 26, que dizia:

“Uma só coisa peço ao Senhor, e peço incessantemente, é habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida”...

Procurei ignorar a mensagem do salmista, já que no meu estratagema pretendia encerrar, de uma vez por todas, com aquele assunto. Eu não prestava mais para ser padre.

Logo, entrou Dom Nivaldo, a quem eu me apresentei. Iniciou a conversa dizendo o que ele já sabia a meu respeito, e pediu que eu me pronunciasse. Comecei a minha cantilena, conforme memorizara: minha vida passada, os detalhes de aventuras, o conhecimento do Movimento, a vinda para Nova Cruz, a Palavra de Vida, as tentativas para o casamento, a decisão apressada, tudo, tudo, tudo!

Enquanto eu falava, Dom Nivaldo ouvia tudo com atenção. Finalmente me disse: você esta morando em Nova Cruz. Lá você deve integrar-se na vida pastoral da paróquia, junto com o padre Matias, que lhe estima muito. Depois vamos providenciar como organizar os seus estudos. E falou textualmente: já existe o compromisso entre mim e você como vocacionado desta arquidiocese. Depois eu soube que ele comentara com alguém que uma vocação adulta merecia mais confiança do que a de muitos jovens seminaristas que ainda não sabiam o que queriam.

Voltei para Nova Cruz, com um misto de alegria e decepção. Alegria por ver descortinar-se, diante de mim, um novo horizonte de vida. Decepção por não ter conseguido convencer Dom Nivaldo a aconselhar-me outro caminho. E tranquei-me

com o meu segredo. Quando o vigário retornou das férias, demonstrou muita alegria, pois já se informara de tudo com o próprio Dom Nivaldo. Pedi que ele também mantivesse o sigilo.

Um dia, seu Antônio Barros, um devoto paroquiano, chegou ao cartório muito contente, abraçou-me porque o vigário lhe dissera que eu ia ser padre. Papai estranhou o modo como seu Antônio Barros falou comigo e eu procurei desconversar.

A minha participação na pastoral da paróquia fazia com que eu ficasse muito próximo do padre Matias. Ele achava que eu devia comunicar ao povo a minha decisão, pois eu já era um vocacionado da arquidiocese. Comecei por Irmã Gema, Superiora do Colégio. Depois, os amigos mais chegados. Nos encontros que passei a participar, estabeleci contato com outros padres que me consideravam um candidato em formação, como padre Armando Paiva, padre Luiz Teixeira, monsenhor Antônio Barros, padre Oto Santana, e especialmente padre Inácio de Loiola Bezerra, de Campestre, que dividia com Nova Cruz a substituição na paróquia de Santo Antônio, vez que o padre Xavier estava no Chile, fazendo um curso.

Na Semana Santa de 1970, Dom Nivaldo deu-me autorização para servir na liturgia como Ministro da Eucaristia. Comecei no Domingo de Ramos, em Nova Cruz, fazendo a leitura do Evangelho em frente da Prefeitura Municipal, de onde sairia a procissão para a igreja Matriz. Depois, participei da Leitura da Paixão e da distribuição da Eucaristia ao povo. Nessa ocasião, padre Matias comunicou oficialmente ao povo a minha condição de vocacionado da arquidiocese. A sorte estava lançada e não adiantava mais esconder nada. Depois eu soube que papai não acreditava muito na minha decisão. Mas nada me disse.

Integrei-me plenamente na pastoral paroquial, visitando as capelas do interior, inclusive a paróquia de Santo Antônio, com padre Matias e padre Inácio, de Campestre. Diante da falta de sacerdotes e das dificuldades que a igreja passava, eu devia ordenar-me muito brevemente.

DOM NIVALDO EM CORDEL

Donivaldo Monte

pelo cantador Manuel Silva

O SINO DA LENDA DE EXTREMOZ
DESCOBERTA POR DOM NIVALDO MONTE, BISPO DE NATAL

Nasceu em 15 de março
Nosso Donivaldo Monte,
Homem que a sabedoria
Iluminou sua frente,
Ele contemplou a vastidão
De iluminado horizonte.

Nasceu no ano dezoito
Da nossa era atual,
O nome bom de Nivaldo
Trouxe a sina de ser padre
E de ser intelectual.

É manso como um cordeiro
Tem o coração generoso,
Gosta de fazer o bem
Nunca foi homem orgulhoso,
É manso de coração
É humilde e caridoso.

Ele é um semeador
De uma terra sadia,
De uma terra viçosa e fértil
Onde ele planta alegria,
Planta a paz e o amor,
Não planta melancolia.

Ao todo são seis irmãos
Três dos seis foram chamados
Por Deus para serem padres
E logo foram ordenados,
Um desses três foi ser bispo
Foram os três abençoados.

Um deles foi ser padre
Depois que enviuvou,
Porém não quis mais casar
Outro caminho tomou,
Foi cumprir uma missão
Que Deus determinou.

De Diógenes, Donivaldo é
Um grande amigo verdadeiro,
Colega de academia
Também grande conselheiro,
Bondoso e muito pacífico
E manso como um cordeiro.

Donivaldo presenteou,
Ao seu amigo fiel,
Um belo cacho de banana
Como quem dá um troféu,
Bananas boas e gostosas
Que tinham o gosto do mel.

Donivaldo descobre a lenda
Do sino de Extremoz,
Faz gosto a gente ouvir
Alguém contar para nós,
Uma lenda desse jeito
Contava nossos avós.

Diz que um carro de boi
Descia o despenhadeiro,
E os bois vagorosamente
Guiado pelo carreiro,
Se embriagaram na voz
Daquele cancioneiro.

A voz enchia a campina
Talvez em manhã serena,
Ou era pela tardinha
Que se deu aquela cena,
Como se fossem os cânticos
Lá dos bosques de Viena.

Sua voz enchia o bosque
Com aquela tão linda loa,
Belo cântico afinado
Que pela campina ecoa,
Adormeceram e mergulharam
Naquela grande lagoa.

Dessa lenda surgiu um sino
Que ele não era encantado,
Donivaldo descobriu
Viu o sino ao seu lado,
Um sino velho de bronze
De um remoto tempo passado.

Belos sinos das histórias
Dos castelos medievais,
O sino que Donivaldo
Tinha cuidados especiais,
Sino de voz ecoante
Dos portões das catedrais.

Donivaldo realizou um sonho
Sonho muito especial,
Colocar o sino de bronze
De um período medieval
Trouxe ele e colocou
Na frente da catedral.

É um bispo especial
Pastor que o povo quer bem,
Pois ele vive ainda entre nós,
Na vida ele fez o bem,
Na vida material
Nunca condenou ninguém.

É um homem especial
Esse bondoso pastor,
Anda com passos lentos
De ninguém tem o rancor,
Imita Jesus Cristo
E prega com muito amor.

Foi bispo de Aracaju
E também foi de Natal,
Apascentou as ovelhas
E se desviava do mal,
Para todas as ovelhas
Foi pastor especial.

É grande intelectual
Poeta e compositor,
Gosta de ouvir sonetos
Na voz de um trovador,
Além de bispo ele é gente
Gente e grande escritor.

Não gosta da salve-rainha
Porque fala em padecer,
Muitas vezes quem chora sofre
Vendo a lágrima escorrer,
Vale de lágrima é o caminho
Que Jesus vem percorrer.

Donivaldo nesta terra
Beneficiou muita gente,
Perto de Parnamirim
Eu vi ali bem em frente,
As terras de Emáus
Sem ser lá no Oriente.

Ao lado da 101
Que vai para Salvador,
Se vê a granja Emáus
Que pertence ao pastor,
Onde a abelha faz o mel,
Sugando o néctar da flor.

Essa granja é um jardim
É abrigo dos pastores,
É lá onde as freiras cantam
Os seus hinos de louvores
Escutando os sabiás
Nos ramalhetes das flores.

Lá se vê cachos de frutas
E belos jardins de rosas,
As saborosíssimas mangas
Bananas deliciosas,
Entre os arrebóis as tardes
E pelas manhãs invernosas.

Os livros que escreveu:
O coração é para amar,
A esperança nunca morre
A fome, é triste falar.
Dá um descontentamento
Em busca da luz eu enfrento
Caminhos que possam me levar...

Dom Nivaldo Monte

Antonio Sobrinho
Cantador

Vesperal da aurora verde
Fertilidade da fonte
Testemunha das histórias
Do mais sagrado horizonte
Parábolas da profecia
Tudo isso a gente via
No bom Dom Nivaldo Monte.

Grande profeta dos tempos
Fonte dos pesquisadores
Poeta das multidões
Exemplo dos trovadores
Com dom de ser bom nasceu
Passou entre nós morreu
Deixando saudade às flores.

O seguidor incansável
Da nossa religião
Suas frases enfeitavam
O mais sagrado sermão
Profeta de Nazaré
Com a semente da fé
Plantada em seu coração.

O nosso bispo querido
Um religioso forte
Sua pregação mostrava
O calendário da sorte
Merece por sua graça
Uma estátua em cada praça
Do Rio Grande do Norte.

PADRES E BISPOS SAGRADOS NO GOVERNO DE DOM NIVALDO

Padre Inácio de Loiola Bezerra – 10/12/1967
Padre Benedito Agostinho da Silva – 17/12/1967
Padre Jocelin Martins de Azevedo – 15/12/1968
Padre Itamar de Souza – 15/12/1968
Padre Tarcísio Pereira de Carvalho – 13/7/1969
Padre Lucas Batista Neto – 26/09/1970
Padre Pierre Herck – 29/07/1971
Padre Edmilson Alexandrino dos Anjos – 19/12/1971 (Salesiano)
Bispo Dom Antônio Soares Costa – 6/2/1971
Padre Normando Pignataro Delgado – 15/12/1973
Padre Jaime Vieira Rocha – 1º/2/1975
Padre José Freitas Campos – 1º/2/1975
Padre Antonio Cassiano da Silva – 1º/2/1975
Padre Francisco Canindé Palhano – 2/2/1975
Bispo Dom Edivaldo Gonçalves Amaral – 20/4/1975 (auxiliou na sagração desse Bispo)
Padre Alfredo de Oliveira Costa Filho – 3/7/1977
Padre Orígenes Monte – 06/03/1971
Padre Antonio Murilo de Paiva – 30/11/1985
Padre Gilvan Miguel da Silva – 15/8/1987
Padre Francisco Lucas da Silva - 15/8/1987
Padre Robério Camilo da Silva - 15/8/1987
Padre Francisco César de Bessa - 15/8/1987
Padre Manuel Nunes Rodrigues - 15/8/1987

UM JURAMENTO

Vejo-o franzino, escudado pela sua personalidade que, simbolicamente, defino em três colunas: uma de natureza botânica, uma de natureza humana e a última de natureza divina. No conjunto das formas, vive o “derramador” de ensinamentos.

Nós da Escola Doméstica o tivemos como professor de Psicologia, cujo programa contribuiu no enriquecimento das nossas educandas. E também autor do Juramento proferido no ato de diplomação das turmas concluintes.

“Diante de Deus a quem adoro reverente,
Diante de Deus a quem sirvo com alegria,
Diante de mim mesma, consciente e livre,

Prometo, como pessoa humana, como mulher e como cristã, fazer da vida uma afirmação, procurando pela sabedoria e pelo amor, renovar constantemente a face envelhecida da terra, para que eu seja, pela ação e pelo exemplo, clima para todas as almas, anjo de paz para todos os corações.” (*)

Presente em uma celebração eucarística, ouvi dele na homilia da missa sua discordância do texto – “NESTE VALE DE LÁGRIMA” inserido na oração da salve-rainha. Essa afirmação vem deferir, no todo, o sacerdote que passa a sua vida distribuindo sorrisos, reabilitando a natureza e salvando almas.

Noilde Ramalho Pessoa.

(*) Há mais de 50 anos, as alunas concluintes da Escola Doméstica de Natal, modelar instituição brasileira de educação, fundada em 1914, prestam esse juramento escrito pelo professor de Psicologia da escola, Dom Nivaldo Monte.

HOMENAGENS, COMENDAS, CONDECORAÇÕES

- Centro Infantil Dom Nivaldo Monte – Passo da Pátria, Natal/RN
- Medalha de Guerra, concedida pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, RJ
- Assistente Social Honoris Causa, Escola de Serviço Social, Natal/RN
- Medalha de Mérito Felipe Camarão, concedida pela Câmara Municipal de Natal
- Medalha de Ouro como personalidade do ano “Mérito Historiador Câmara Cascudo”, Imprensa Potiguar, Natal/RN
- Medalha do Concílio Ecumênico Vaticano II, “Ad Patri Conciliariu”, Roma, Itália
- Medalha Centenário Nilo Peçanha, MEC/Brasília, DF
- Mérito em Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de Natal, RN
- Professor Emérito da UFRN
- Medalha “Totus tuas”, CELAM, concedida por Sua Santidade o Papa João Paulo II, em Puebla de Los Angeles, México
- Medalha Ordem do Mérito, Governo do Estado do RN
- Grau de Comendador da Ordem do Mérito do RN
- Medalha da Ordem do Mérito Epitácio Pessoa, Tribunal do Trabalho-TRT, 13ª Região, João Pessoa, PB
- Medalha da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, Brasília, DF
- Medalha Pontifícia Max Paulus VI – altera Sessio Concilii Ecumenici Vaticano II, Roma, Itália.
- Membro Titular da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos, Anápolis, GO
- Sócio benemérito do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, INBRAC, Higienópolis, SP
- Medalha de Mérito Judiciário Djalma Aranha Marinho, Tribunal Regional do Trabalho, 21ª Região, Natal/RN

ADENDO I

Uma escola

DECRETO Nº 16.597, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2002.

*Cria a Escola Estadual Dom Nivaldo Monte –
Ensino Médio, em Parnamirim/RN.*

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe confere o art. 64, incisos V e VII da Constituição Estadual e tendo em vista o que consta do Processo nº 0038078-8/02-SECD,

D E C R E T A:

Art. 1º Fica criada a Escola Estadual Dom Nivaldo Monte – Ensino Médio, em Parnamirim/RN.

Art. 2º A Secretaria de Estado da Educação, da Cultura e dos Desportos fica autorizada a adotar os atos necessários ao funcionamento do Ensino Médio.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio de Despachos de Lagoa Nova, em Natal, 19 de dezembro de 2002, 114º da República.

FERNANDO ANTÔNIO DA CÂMARA FREIRE

Pedro Almeida Duarte

DOE Nº 10.393

Data: 20.12.2002

Pág. 3

ADENDO II

Do “santinho” distribuído na missa de 7º dia, celebrada pelo arcebispo Dom Matias Patrício de Macedo e grande número de sacerdotes na Catedral Metropolitana de Natal:

“O problema não é se estar só, mas se estar vazio. Do mesmo modo que o diálogo nasce do silêncio, só a solidão redescobre a presença, pois a presença só é real e verdadeira quando nós temos necessidade dela.

É preciso ausentar-se para possuir, afastar-se para ver melhor. Daí, a saudade, às vezes, ser um modo tão paradoxal de se ser feliz.

ELE partiu, mas não faz mal, ELE deixou, em cada coração, a semente da paz e do amor.”

ADENDO III

Testamento espiritual de Dom Nivaldo Monte (*)

“Os céus e a terra proclamam as glórias de seu Deus”, nos diz, com alegria, o cantor dos salmos.

Também eu, à maneira do universo, sei cantar as misericórdias do meu Senhor!

Não canto somente suas glórias na criação, mas também canto as suas misericórdias na minha redenção.

De todas as criaturas abaixo dos anjos sou a mais perfeita e de todas elas fui a mais amada. E a quem muito se ama, muito se perdoa. É, pois, de confiança meu grito de alegria ao cantar as maravilhas que operou em mim Aquele que é onipotente. Se a glória dos pais é a grandeza dos filhos, a glória d’Aquele que me criou é, por certo, a grandeza de eu ser seu filho.

Fala, pois, Senhor, que Teu servo Te escuta! E o meu olhar repousará na face do Senhor, e procurarei adivinhar nos mais leves movimentos de seus lábios o segredo de sua voz.

Sua voz ciciou-me aos ouvidos como os cedros do Líbano ciciaram para o profeta Isaías. Seu olhar penetrou-me o coração, como penetrou o coração de Pedro na triste noite da infidelidade!

Sei que muitas vezes neguei meu Cristo como O negou o chefe de seu rebanho. Sei que muitas vezes fui covarde e surdo ao seu chamado como o grande profeta. Mas a mesma voz que feriu os ouvidos de Isaías feriu também os meus ouvidos. O mesmo olhar que converteu Pedro há de tornar-me dócil o duro coração.

A sua luz ofuscou-me os olhos afeitos às claridades do mundo, mas também como Saulo eu grito para ti: “Senhor, Senhor, o que queres que eu faça?”

Não olharei para as minhas fraquezas, pois sei que o meu Deus é um castelo fortificado e quem confia em Deus jamais será confundido.

(*) Do livrinho com ritual distribuído na missa de 7º dia.

ADENDO IV

Deus revela-se ao mundo por seus filhos (*)

Deus revela-se ao mundo pela vida de seus filhos cristãos, ilustres por sua fé, coragem, virtudes. Deus é admirável em seus santos, diz-nos a Sagrada Escritura. Dom Nivaldo foi um desses homens, desses cristãos que melhor souberam revelar Deus por suas virtudes. Ele procurou ao longo de sua vida ser fiel ao seu Deus, à sua Igreja, à sua fé. Creu em Deus como costumam crer as crianças, uma fé simples, fiel, autêntica. A sua postura era a do orante, fosse em momentos canônicos ou litúrgicos, fosse em se maravilhamo diante da visão das coisas mais simples da vida. Vê-lo em oração era uma verdadeira pregação de fé na presença real do Senhor na Eucaristia.

Poderia falar a vocês de Alceu, homem de cultura literária, filosófica, sociológica. Poderia falar do psicólogo fino e arguto, do crítico literário, lúcido como poucos. Poderia falar do Alceu escritor, altamente interessado pelo andamento do mundo ou dos homens, mas desejo antes de tudo, focalizar a pessoa do cristão da fé lúcida, caridade operante. O homem que sabia pregar e viver a esperança. Ele sabia ser Deus o Senhor do mundo e da história e cria em Deus, Pai e providente, presente por seu espírito às necessidades do mundo. Por isso, Alceu, por ser um homem de fé, era um otimista. Sua tranqüilidade, mesmo nos momentos mais difíceis da vida, revelou uma fé profunda nos desígnios de Deus, de quem jamais duvidou. Sabia ser irmão e ser amigo. Não tinha uma palavra dura que pudesse ferir, fosse ele no campo da sociologia, da política ou no campo religioso. Ele sabia respeitar a todos como seus irmãos, filhos de Deus. Sua presença dava-nos fortaleza, coragem, razões para viver. Alceu foi um desses homens cuja morte não o separa jamais do convívio dos homens. Morto, ele permanece vivo na grandeza de sua fé, nas luzes do seu exemplo como homem e como cristão. Ele continua vivo no coração de cada um que soube amá-lo como irmão comum.

(*) Do livrinho com ritual distribuído na missa de 7º dia. O texto é de Dom Nivaldo Monte no dia do falecimento de Alceu Amoroso Lima.

LIVROS, TRABALHOS PUBLICADOS E OUTROS

1945 – Formação do Caráter – Editora Vozes Ltda. – Rio de Janeiro, RJ (7ª edição).

1947 – Formando para a vida – Centro de Imprensa Ltda. – Tipografia Galhardo – Editora Vozes Ltda (10ª edição).

1947 – A Dor – Editora Vozes Ltda (2ª edição).

1950 – Pensamentos – Tipografia Juiz Melo Matos (edição única).

1951 – Clima – Editora Galhardo – Editora Vozes Ltda (7ª edição)

1953 – Os temperamentos – Tipografia Galhardo – Editora Vozes Ltda (7ª edição).

1955 – Adoração Eucarística – proferida durante o 36º Congresso Eucarístico Internacional. Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Galhardo.

1958 – O coração é para amar – Editora Vozes Ltda. – Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios (8ª edição).

1963 – Se todos os homens... conhecessem o dom de Deus (poemas) – Tipografia do SAR (edição única).

1965 – Toda palavra é uma semente – Fundação José Augusto – Editora Vozes Ltda. – Nordeste Gráfica (4ª edição).

1974 – Reflexão sobre a oração – Nordeste Gráfica – (edição única).

1974 – Ruínas de Cunhaú – Trabalho apresentado ao I Seminário de Estudos sobre o “Nordeste, preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da Região”, promovido pela Universidade Federal da Bahia (Edição Única).

1974 – Amanhã será um novo dia – Editora Universitária (edição única).

1974 – I Seminário de Estudos sobre o Nordeste – Fundação José Augusto – Natal, RN.

1975 – Vida en plenitu – Editora Paulinas (edição única). Edição Argentina de “Formando para a vida”.

1980 – A granja e eu – Fundação José Augusto (edição única).

1984 – A esperança não morre – Fundação José Augusto (edição única).

1991 – Os mártires norte-rio-grandenses – Nordeste Gráfica (edição única) – comemorativa do XII Congresso Eucarístico Nacional.

1996 – Em busca da luz – Edugráfica (edição única). Edição ampliada de “Os pensamentos”.

2000 – Minha cidade, NATAL, e eu.

2002 – Gestos de Fadário – Gráfica JB (edição única).

2003 – Fome! Por quê? – Gráfica JB (edição única)

2004 – Eu Conto Contos – Gráfica JB (edição única)

2005 – Três Temas para Reflexões – Gráfica e Editora Ltda. (edição única)

CASSETE

1974 – Oração e silêncio – Coleção Personalidade 1 – Edições Paulinas.

COMPACTO

1983 – A Cascatinha e Saudades da Serra – letras e músicas de Dom Nivaldo Monte.
Projeto Memória 30 – Escola de Música da UFRN – Natal, RN.

CD

1998 – Tons de Saudade – letra e música de Dom Nivaldo Monte e arranjos de padre Pedro Ferreira – Natal, RN.

PROGRAMAS RADIOFÔNICOS

1960 – Nosso solo, nossa flora – Rádio Rural – Natal, RN.

1967 / 1988 – Cristo vive e nós vivemos – Rádio Poti em cadeia com a Rádio Rural – Natal, RN.

1993 / 2000 – Meditação Matinal – Rádio Rural – Natal, RN.

POST SCRIPTUM

O PODER DA PALAVRA CONTIDA EM O SEMEADOR DE ALEGRIAS

Francisca Freire da Costa

Dr. Diógenes da Cunha Lima:

Senti necessidade de dizer-lhe que, dentre os muitos livros de sua autoria dos quais participei como revisora, a exemplo de *Um Olhar Azul*, este, O SEMEADOR DE ALEGRIAS, inegavelmente, marcou-me profundamente.

Com exceção do da Profa. Edna Rangel, que tão bem se colocou, todos os testemunhos que compõem a biografia de Dom Nivaldo Monte, contida neste livro, são de pessoas que com ele conviveram, uns mais intensamente, outros menos. Pessoas que dele receberam amizade, atenção, conselhos e, sobretudo, a palavra sábia de como atingir a paz interior, de como se tornar santo, seja homem ou mulher, de como alcançar o céu mesmo estando, ainda, aqui na terra.

Na verdade, haver conhecido Dom Nivaldo Monte, pessoalmente, e, mais ainda, haver privado de sua amizade é, sem dúvida, uma dádiva dos céus.

Não tanto, mas tive o privilégio de conhecê-lo a partir da leitura dos originais deste livro, cuja segunda versão chegou-me às mãos no momento em que dispensava maiores cuidados a meu pai, que se encontrava enfermo.

Muitas vezes busquei alento nas palavras de Dom Nivaldo Monte, transcritas neste livro, o qual se configurou, para mim, como um manancial de “auto-ajuda”. Sempre que as dores físicas de meu pai martirizavam o meu coração, buscava passagens do livro que me reanimavam: “Não há dúvida que é uma grande ingratidão para com Deus o nos deixarmos abater pela tristeza”.

Por ocasião do sepultamento de meu pai, 26/2/07, na minha fala, mais uma vez Dom Nivaldo Monte veio-me à lembrança. Naquele momento, parafraseei o que disse Dom Matias Patrício de Macedo sobre Dom Nivaldo Monte e que está contido neste livro: “Ele partiu, mas não faz mal, ele deixou, em cada coração, a semente da paz e do amor”.

Enfim, parece-me que a síntese do que foi Dom Nivaldo Monte é esta: “Com a força da palavra e do sorriso / Demonstrou que só encontra o paraíso / Quem semeia o amor e a compaixão”. Fruto da sensibilidade do nosso caríssimo Dr. Francisco de Assis Câmara.

Dr Diógenes, obrigada! O Senhor deu-me a oportunidade de conhecer um Homem Santo, um Santo Homem: DOM NIVALDO MONTE.

Cumprimento-o pelo feito.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

1. NEGREIROS, Sanderson. Na Direção do Relâmpago. Editora da UFRN – Natal/RN, 2001.
2. MEDEIROS, Francisco Fausto Paula. Viva Getúlio – As Areias Brancas da Memória. Editora Lidador Ltda. Rio de Janeiro/RJ, 2004.
3. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Vol. 36. Número 24. 1993.
4. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Número 19. Natal/RN 1987
5. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Número 13. Ano XXV. Natal/RN. 1977
6. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Número 27. Vol. 39. Natal/RN. 1998.
7. Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Número 21. Vol. 33. Natal/RN. 1990.
8. Nossa Cidade Natal. Dumbo Publicidade & Promoções. Natal/RN, 1984.
9. MONTE, Dom Nivaldo. Em Busca da Luz. Natal/RN. 1996.
10. MONTE, Dom Nivaldo. Pensamentos. Tipografia Melo Matos. Natal/RN. 1950.
11. MONTE, Dom Nivaldo. Formando para a Vida. Editora Vozes Ltda. Petrópoles/RJ. 1959.
12. MONTE, Dom Nivaldo. Fome! Por quê?
13. CENTENO, Cléa Bezerra de Mello. Dever de Memória – Uma biografia de Ubaldo Bezerra de Mello. Gráfica RN Econômico Empresa Jornalística Ltda. Natal/RN. 2005.
14. MONTE, Dom Nivaldo, A Granja e Eu. Fundação José Augusto. Natal/RN. 1980.
15. NEGREIROS, Armando. Na Companhia dos Imortais. A.S. Editores. Natal/RN. 2003.
16. DELGADO, Padre Normando Pignataro. Breve Histórico da Arquidiocese de Natal. Natal/RN. 2005.

17. FERRARI, Alceu. Igreja e Desenvolvimento – O Movimento de Natal. Fundação José Augusto. Natal/RN. 1968.
18. MONTE, Dom Nivaldo. Minha cidade, Natal, e eu. Gráfica Dom Bosco. Recife/PE. 2000.
19. ELIEZER, Camilo de Gouveia... Memórias da Escola de Serviço Social de Natal 1945-1955. Editora Universitária. Natal/RN. 1993.
20. FONTES DE PESQUISA:
 - JORNAL TRIBUNA DO NORTE
 - DIÁRIO DE NATAL
 - JORNAL DE HOJE
 - PRIMEIRA EDIÇÃO
 - JORNAL DE NATAL
 - O POTI